krishnamurti

# O problema da revolução total

PARA os que querem afrontar o mêdo, o isolamento e a grande aventura de abandonar o "eu" à sua destruição... a mensagem de Krishnamurti pode ser uma revelação.

Carlos Suarés

KRISHNAMURTI, para mim, é o mais profundo dos psicólogos atuais; um psicólogo que leva a sua análise, sua investigação, até as últimas conseqüências; que convida cada um de nós a ser um psicólogo imparcial, sincero, honrado em si mesmo, sem vacilação alguma, sem temor dos resultados.

Arturo Montesano Delchi

TUDO se encontra em Krishnamurti, tôdas as centelhas valiosas que já iluminaram o espírito dos pensadores, e, entretanto, o que êle próprio diz não poderá ser encontrado integralmente nas obras de nenhum dos pensadores hodiernos.

René Fouéré

# Índice e Resumo das Perguntas

FIM

# O PROBLEMA DA REVOLUÇÃO TOTAL

(Conferências, com perguntas e respostas,
realizadas em Madrasta, India,
em dezembro de 1953).

J. KRISHNAMURTI

# O Problema da Revolução Total

Tradução de

HUGO VELOSO

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Presidente Vargas, 418, sala 809
RIO DE JANEIRO
BRASIL

## — I —

ACHO que todos vós deveis estar interessados em como se poderia criar um mundo diferente, um mundo em que tivéssemos uma nova ordem de valores, um mundo em que o homem não estivesse contra o homem e de onde houvessem sido banidas as guerras. Não se pode deixar de pensar nestas coisas, pelo menos não podem deixar de fazê-lo os indivíduos ponderados e bem intencionados. Há alguma solução para todos êstes problemas? Os problemas de que estamos cônscios em diferentes níveis, as nossas atividades e as várias crises que surgem nos oferecem uma oportunidade para descobrirmos a nós mesmos, as nossas maneiras de pensar. Se sentimos muito empenho, seguimos talvez um determinado guia, um determinado sistema de filosofia ou de ação, formando grupos em concorrência com outros grupos. Face à geral confusão reinante não só neste infortunado país, mas no mundo inteiro, qual é a nossa reação individual? Dizemos que caberá a outrem resolver êstes problemas? Neste caso, voltamo-nos para os políticos, comunistas ou de outra espécie; ou se não temos inclinações sociais, apelamos para os **gurus**, os Mestres religiosos, para os vários sistemas de filosofia, esperando que, se os seguirmos com muita aplicação e empenho, dar-se-nos-á, talvez, a possibilidade de resolver ou pelo menos ajudar a resolver a medonha confusão e a desolação que vai pelo mundo. Por certo, já pensamos em tôdas estas coisas. Como empreender a re-

construção? Desta louca confusão pode resultar alguma transformação, uma revolução, não ùnicamente num dado nível, mas uma revolução total? Acho que êste, realmente, é o problema.

E também, se me permitis, desejo acrescentar ser muito importante **escutar** corretamente. Vendo-nos, quase todos nós, assediados por problemas, desejamos uma solução; a solução é e tem de ser sempre diretamente aplicável ao problema; temos, portanto, uma "mentalidade solucionista". Tende a bondade de **escutar** o que digo porque eu sinto que, se fôrdes capazes de ouvir corretamente, operar-se-á a transformação sem esfôrço consciente por parte da nossa mente consciente ordinária. Nós, porém, não sabemos **escutar**; ouvimos, mas êsse ouvir é apenas superficial. Temos de escutar sem buscar solução. Temos de pôr-nos diante do problema. Não há solução alguma; só há o problema. Tende a bondade de **escutar** o que estou dizendo. Fomos educados, desde pequenos, para procurar soluções; fazemos uma pergunta e ficamos cômodamente esperando que alguém nos responda à pergunta. Se examinardes a vossa mente, vereis como é vivo êste nosso desejo constante de achar uma solução. Nessas condições, nunca nos achamos frente a frente com o próprio problema. Não sabemos, sequer, olhar para o problema.

Se se puder estabelecer uma relação entre vós e mim, não ficareis esperando uma solução da minha parte, com um tal desejo infantil, imaturo; mas vós e eu iremos examinar juntos o problema, que se mostra enormemente complexo. O problema tem de ser compreendido. O homem buscando solução para qualquer problema é mentalmente tão superficial como o colegial que procura uma solução "no fim do livro" — porque isso indica muita indolência e mêdo de errar. Todos temos a preocupação de não cometer nenhum êrro, na investigação do que é

verdadeiro. Por isso, vivemos peregrinando de um continente para outro, de um guia para outro; ouvimos pessoas discursando ou conferenciando, ensinando-nos como proceder ou o que devemos fazer nesta louca confusão em que nos achamos. Deveríamos precaver-nos dessas pessoas. Elas, com efeito, nos estão conduzindo por caminhos errados, porquanto têm seus planos favoritos e suas soluções especiais — são comunistas, socialistas, capitalistas; ou são novas organizações, com seus líderes, Mestres e **gurus**. O homem em busca de uma solução, encontrará uma solução de acôrdo com o seu desejo; sua solução, por conseguinte, será sempre limitada.

Estabeleçamos desde já uma relação correta entre vós e mim. Se buscais alguma solução, não deveríeis estar aqui, pois ficareis completamente desapontados. Entretanto, se estais dispostos a enfrentar o problema, então podemos examiná-lo juntos, pois o próprio problema contém a solução. Requer-se extraordinário discernimento, grande soma de compreensão e paciência, para se compreender êste complexo problema do viver.

Qual é o problema? O problema é meramente econômico? É nisso que quase todo o mundo anda interessado atualmente. Tôdas as condições econômicas têm como efeito imediato certos problemas. É esta a orientação dos políticos, e a que satisfaz à maioria de nós. O remédio imediato é a reforma. Temos um problema, intelectual, verbal ou o problema de como operar uma revolução do nosso ser, em todos os níveis da nossa existência — social, moral, educativa e religiosamente? Porque, só quando há uma revolução total, pode-se achar o que é verdadeiro, e a Verdade é que é construtiva, e não aquêles que lutam em vão para modificar algo em conformidade com a tradição e com o ambiente imediato. Escutai bem tudo isso. Há, nas vizinhanças, uma aldeia: as pessoas de mentalidade social reformam-na, põem em prática certas medidas — e

aumentam-lhe os problemas. Tôdas as reformas que produzimos têm o efeito de aumentar os problemas do homem. Devemos estar sempre bem cônscios disso. Queremos acabar com a guerra, e estamos fazendo tudo para produzir novas guerras. Tôda esta vasta confusão, pois, denuncia a falsa orientação dos nossos guias. Veremos mais adiante se há necessidade de guias de qualquer espécie que seja.

Considerando-se tudo isso, não achais necessária uma revolução total no homem? — Não apenas uma revolução no pensamento, nas idéias, na moral, etc. mas uma completa revolução inconsciente, porque uma revolução consciente é sempre condicionada, limitada. Visto que, desde a infância, recebemos uma educação limitada e condicionada, somos comunistas, ou hinduístas, budistas, cristãos, etc. Qualquer modificação operada pelos níveis superficiais da mente, por mais desejável e urgente, por mais engenhosa e interessante que seja — não resolverá o problema; pois nossa mente está condicionada, e a mente condicionada, ocupando-se com êste ingente problema, só pode ter uma solução condicionada. Se perceberdes isso, nunca mais ficareis à mercê de nenhum guia ou líder. Nenhuma ação política resolverá os nossos problemas. Não os resolverão, tampouco, os guias religiosos, os "mestres ocultos" ou as sociedades secretas. Porque, em tudo isso, está o esfôrço consciente do espírito limitado que busca a solução do enorme problema, e só pode dar ou uma solução tradicional, reacionária, ou uma solução contrária àquela tradição. Nessas condições, se a mentalidade consciente não pode fornecer uma solução total, uma compreensão total do problema, que nos cabe fazer? Compreendeis o problema? Discutiremos esta questão nas semanas vindouras.

Comecemos exatamente do comêço, isto é, averiguando como se deve considerar o problema, como se deve atender ao problema. Se eu, como hinduísta, ou católico, ou co-

munista, me vejo em face dêste problema da existência, não só no nível relativo ao sustento, mas também em todos os níveis da minha consciência, minha reação será de acôrdo com o meu condicionamento; e meu condicionamento ditar-me-á a ação com respeito ao problema. Já que sou hinduísta, ou comunista, ou o que mais seja, arrebanho as pessoas suscetíveis de aceitar a minha especial reação; porque tenho uma "personalidade forte", ou em virtude de algum artifício — um certo trajo, uma certa mulher, uma certa espécie de fascínio — consigo atrair e arrebanhar multidões, e ponho-me a construir. Minha atuação como hindu, ou cristão, ou comunista, há de ser, necessàriamente, condicionada e criará mais confusão e maiores sofrimentos. Assim, pois, nem o capitalista, nem o comunista, que é essencialmente um reacionário contra alguma coisa, nem a pessoa religiosa que crê, nem o homem que descrê — nenhum dêsses resolverá jamais o problema, pois a solução dêles é uma solução consciente e deliberada, vale dizer, condicionada. Assim sendo, deve haver entre nós alguns, pelo menos uns dois ou três, que percebam (mas não aceitem) o que digo, i.e., um homem que está condicionado jamais poderá aplicar-se corretamente ao problema, resolvê-lo e transcendê-lo ou transformá-lo. Todos os políticos, todos os instrutores, todos os "beneméritos" que andam angariando fundos em prol de vários planos governamentais e levantando novos edifícios, — todos êsses reformadores de mente condicionada, e suas reformas, só podem produzir mais sofrimentos e tribulações.

Meu problema, pois, é inteiramente diferente, não? Só há o problema. Não estou apresentando nenhuma reação a êle, porque a minha reação, minha reação consciente, será sempre limitada — como, por exemplo, se me torno brâmane ou faço outra tolice semelhante. Assim sendo, o que nos convém, como entes humanos desejosos

de compreender esta vasta e complexa existência, é que consideremos o problema sem nenhuma reação condicionada, a fim de o compreendermos. Isto é dificílimo, não? Pois tenho de tomar nota de tudo, independente do meu fundo educativo. Posso encarar êste problema sem êsse fundo, sem minha educação como Krishnamurti, como católico, ou comunista; independente da influência do "eu", que tem sempre interêsses para defender, em relação com alguma propriedade, alguma sociedade, ou sistema que lhe promete uma solução? Por sermos incapazes de considerar o problema, independentes de tôdas aquelas influências, lançamo-nos à ação, e isso é uma reação condicionada; assim, amontoamos tribulações sôbre tribulações. Nessas condições, enquanto não compreendermos a influência do condicionamento e como está o espírito à mercê dêle, e enquanto não descobrirmos o modo de nos libertarmos dêsse condicionamento, tudo o que façamos só há de criar mais sofrimentos. Não é, pois, essencial que todos os que sentem muito interêsse — pois temos realmente de estar sèriamente interessados, visto serem os problemas formidáveis, complexos e muito sérios — não é necessário todos considerem a solução de maneira ativa, o que não significa determinar o que se deve fazer ou a quem se deve seguir, ou que filosofia se deve aceitar ou rejeitar, mas, sim, compreender esta consciência que está tão condicionada, e compreendendo-a, procurar descobrir se existe um estado de consciência, um "estado de ser" inteiramente isento de condicionamento? Requer isso muita investigação, sem aceitação, muito estudo e discussão.

Para se construir, necessita-se de muitos que compreendam o problema; e a compreensão não pode ser dada por nenhum líder, **guru** ou mestre: aí, só há indagações pueris. Vem a compreensão, quando sabemos quietar o espírito consciente, quando sabemos de que maneira a men-

te consciente se torna tranqüila, em presença do problema. Só quando a mente está atenta, quando está inteiramente tranqüila, livre de tôda influência (**background**), sem lutar pelos seus interêsses especiais, só então há a possibilidade da revolução total; e só nesse estado de revolução total é possível construir, e o construtor não edificará em vão.

Nessas condições, se sabeis **escutar,** não apenas o que se diz, mas ao próprio problema — e só se pode **escutar** corretamente, profundamente, quando compreendemos o condicionamento da nossa mente — então a compreensão mesma do nosso condicionamento liberta a mente. Percebei claramente que sois um hinduísta e que nunca sereis capaz de resolver o problema, como hinduísta, com todos os vossos sistemas de filosofia, pois êstes sistemas são produtos da mente humana e, por conseguinte, condicionados. Assim sendo, só é possível **escutar** e estudar o problema de maneira correta, quando a mente é capaz de operar sem estar ancorada em algum fundo de conhecimentos ou experiência (**background**). A memória é a âncora que prende a mentalidade a uma condição. Todo conhecimento torna-se uma propriedade da mente, que dêle se serve para aumentar a própria importância, seja pessoal, seja identificada com um determinado grupo. A mente, pois, tem de estar livre, fantàsticamente livre, dos interêsses do "eu" e das âncoras do conhecimento, para que possa observar o problema e, dêsse modo, produzir uma revolução total. Será esta revolução total que, com sua ação, irá criar um mundo novo. Sem esta revolução total, todos os esforços para se edificar um novo Estado, uma nova sociedade, uma nova religião, redundarão inúteis. Por conseqüência, muito nos importa, a vós e a mim, compreendermos esta revolução e a realizarmos em nós mesmos. Devemos começar modestamente, sem alarde, plàcidamente, porque todo o comêço tem de ser modesto. Não se deve estar

em busca de bom êxito, alistamento em organizações, ostentação; um tal empenho é a reação da mente condicionada, ansiosa de resultados e, portanto, desejosa de uma solução para o problema. Nessas condições, pois, se pudermos, nas semanas vindouras, discutir serenamente, sem nos bombardearmos mùtuamente com idéias, examinando cada problema meticulosamente, com sensatez, inteligência, vereis que, sem necessidade de esfôrço combinado, organizado, ocorrerá a revolução. Esta revolução se tornará realidade, porque a Verdade foi percebida, e esta Verdade é que liberta, e não a mente à procura de uma solução.

Tenho aqui algumas perguntas e, antes de responder ou discorrer sôbre elas, mais conviria procurásseis fazer vossas perguntas ou dizer com naturalidade o que pensais, sem discutir comigo. Sôbre qualquer problema que tenhais, poderemos discutir na segunda-feira, às 7,30 da manhã. Mas agora, nesta noite, se há alguma questão suscitada pelo que acabo de dizer, seria desejável fazerdes as perguntas, sem discutir e sem longas perorações; creio assim seria mais conveniente. Se nada tendes para perguntar, tenho aqui perguntas (feitas por escrito).

Como sabeis, é muito fácil fazer perguntas: Surge uma questão, vós a anotais, fazeis a pergunta — e pronto! E vossa reação à resposta, se resposta houver, será conforme ela vos agradar ou desagradar, conforme se ajustar ou não aos vossos conhecimentos, à vossa experiência, ao vosso condicionamento. Não fazeis perguntas com o propósito de descobrir, mas tão-sòmente para ver se concordais ou discordais da resposta, para ver se ela confirma vossas próprias opiniões. Assim sendo, fazer perguntas meramente com êste propósito tem muito pouco valor. O que tem valor é investigar e isso requer uma liberdade extraordinária de parte a parte. Se me estribo em alguma autoridade ou no meu saber ou experiência para vos convencer, en-

tão o que faço é mera propaganda; não é uma investigação que franqueia a mente à Verdade.

É muito importante, pois, quando fazeis uma pergunta, a vossa maneira de acolher a resposta, se resposta houver. Sendo as nossas mentes muito limitadas, nossa visão se restringe a determinadas seções, determinadas sendas do pensamento, tais sejam, a senda comunista, socialista, religiosa, econômica, ou espiritualista. Queremos uma resposta dentro desta senda. E pensamos que, acumulando respostas, chegaremos ao todo. O todo não pode ser percebido nem compreendido através da parte. Só pode ser compreendido quando a mente, ela própria, é capaz de ser o todo.

PERGUNTA: *Vivendo, como vivo, nos Estados Unidos, recebo freqüentemente apelos de contribuição financeira, para obras diversas. Desvemos recusar êsses auxílios, visto que, conforme diz uma certa senhora, êles implicam "esfôrço consciente"?*

KRISHNAMURTI: Vou apreciar esta questão; mas observai bem a vossa mente em operação. Aqui está um problema: vivendo, como vivo, num mundo onde tenho de ajudar, porque há fome, porque há guerra, e tantas outras coisas a exigirem o concurso de minha caridade e generosidade, devo recusar-me a contribuir porque isso implica numa reforma superficial e, portanto, intrìnsecamente, num "esfôrço consciente" da minha parte para realizar algo? Qual é a vossa reação? Como está operando a vossa mente? Porque o problema vos diz respeito, tanto quanto à referida senhora. Deveis colaborar para a divisão — a existência separada, de um país, um Estado; a ação direta em benefício de uma dada aldeia, como seja, o fornecimento de recursos médicos e inúmeras outras

coisas que se esperam de entes humanos vivendo em diário contacto com o sofrimento?

Qual é a vossa reação? Não me respondais: observai o funcionar da vossa mente. Criamos êste mundo conscientemente, deliberadamente, com nossa insaciável ânsia de aquisição. Temos povos separados: Índia e Paquistão, América e Rússia. Fracionamos o mundo — vós e eu, e não uns poucos políticos insensatos — porque é isto o que queremos. Queremos existir separados uns dos outros, em presença de um mundo onde prevalece um tal estado de coisas, onde a caridade é necessária, onde sois obrigados a agir, com o fim de pôr têrmo a uma determinada calamidade. Temos, pois, um mundo superficial, que criamos conscientemente. Devemos abster-nos de tôda e qualquer ação, a fim de compreendermos o inconsciente? Devo abster-me de agir, enquanto não compreender a mim mesmo e enquanto não houver uma revolução total em mim mesmo? Isso é possível? Cada um de nós tem seus desejos ou ambições e um descontentamento invejoso, de variados aspectos. Não é mais importante acabarmos com tudo isso do que nos negarmos a ajudar?

A compreensão dêste problema relativo à ação consciente não pode ser alcançada por meio de uma palestra. Requer-se muita meditação para desvendar e aprofundar o problema; e no descobrir e desvendar do problema, vós o resolvereis. Não sei se me estou fazendo claro. No aclarar de um problema de que estou cônscio, observando-o bem, investigando-o, chegarei à revolução inconsciente; e esta é que irá operar, criar. Enquanto, porém, isso não acontecer, não posso ficar sentado, a esperar; cumpre-me fazer uso de minha inteligência, para ver onde devo prestar ajuda, e onde não devo — se se trata de coisas total e tradicionalmente destrutivas. Esta investigação completa requer paciência, inteligência, compreensão, discernimento. Não achais? E justamente êsse discernimento, es-

sa compreensão, êsse descobrir, é que constitui o problema do inconsciente.

Saber escutar é muito difícil. Tenho-vos proposto um grande número de idéias, e não podeis absorvê-las tôdas; entretanto, conservais na memória pelo menos uma delas, e excluistes, assim, conscientemente, a compreensão do todo: estais de posse de uma única idéia, "vivendo com ela", examinando-a, na esperança de comprenderdes o todo. A árvore não é sòmente a fôlha. Não podeis levar para casa uma fôlha e compreender tôda a beleza da árvore. Tendes de contemplar a árvore inteira, e não podeis contemplá-la tôda se só estais prestando atenção a uma parte dela. Eis porque é sobremodo difícil o **escutar.**

PERGUNTA: *Por que razão, apesar da vossa pregação, ninguém se transformou ainda? Se ninguém está transformado, que utilidade tem o falardes para nós?*

KRISHNAMURTI: Pensais que, escutando uma palestra, ou uma série delas, ireis ser transformado? Sabeis o que significa "estar transformado"? Se o soubésseis, isso implicaria julgamento. Por conseguinte, se o soubésseis, estaríeis transformados? Prestai tôda atenção a isto. O homem que diz "eu sei" é o mais destrutivo dos entes humanos, pois, em verdade, êle não sabe. Que sabe êle? Se uma pessoa está cônscia, ciente, de se ter transformado, ela não está transformada.

Temos de começar exatamente do comêço. Pensar que, ouvindo-se as conferências de alguém, realizar-se-á aquela extraordinária revolução, é pura infantilidade. Não achais? Porque aquela revolução não requer simplesmente que nos apliquemos a escutar, despreocupadamente, durante um dia, uma hora ou meia hora; mas tem-se de prestar muita atenção a todo o processo do autoconhecimento. Alguns de vós sois advogados, outros médicos, negociantes,

engenheiros. Podeis dizer-me como tornar-me engenheiro em meia hora? Não riais disso. É o que todos queremos: um remédio rápido. A transformação não é uma coisa que se obtem no simples escutar umas poucas palestras ou ouvir algumas conferências. Se realmente souberdes **escutar** — e esta é que é a beleza do escutar — vereis como o espírito se vos torna extraordinàriamente tranqüilo, e como nessa tranqüilidade ocorre uma revolução, uma revolução total. Não sabemos, porém, escutar. Podeis ouvir-me anos seguidos, como infelizmente o faz a maioria de vós, sem que se verifique o menor desvio do vosso habitual e estúpido modo de vida. E então dizeis: "por que não mudei, por que não houve tranformação em mim?" Não sabemos contemplar as estrêlas, ou o sol, ou a beleza do firmamento. Nunca **escutamos**, a não ser quando nos mandam escutar. Olhamos para as coisas com olhos de profissionais — como o dizem os entendidos. Jamais vemos um sorriso ou uma lágrima. Mas, para terdes em vós aquela "certa coisa" que não é habitual e que é uma revolução constante, para isso se requer uma extraordinária lucidez, uma lucidez em que não haja nem escolha, nem julgamento, mas só lucidez, percebimento, sem tradução. Se sabeis olhar, sabeis escutar. Por êsse caminho posso garantir-vos que há transformação. A transformação implica uma revolução completa, uma revolução total. Como pode ocorrer essa revolução total, se estais ancorado numa crença? Se vossa mente está funcionando dentro de um sistema; se está tôda imbuida de uma dada filosofia, seja de Marx, seja de Sankara; ou se está tôda tomada de descontentamento aquisitivo — como pode ela transformar-se? Entretanto, se puderdes estar cônscios dêsse descontentamento aquisitivo, sem o condenardes, sem o julgardes; se puderdes estar simplesmente cônscio dêle, e **escutá-lo,** de maneira total, vereis então acontecer uma coisa extraordinária: surgirá a Verdade da transfor-

mação. A Verdade não pode ser captada pela mente consciente. Ela só pode vir às escuras, despercebidamente. Vosso espírito está então num estado de revolução total.

PERGUNTA: *Será correto, Senhor, dizer que a mente não condicionada não terá problema algum?*

KRISHNAMURTI: Senhor, por que especular? Êste é um dos nossos hábitos mais estranhos. De fato, todos nossos livros religiosos são apenas especulação. Não é verdade? Podem ser experiência para certas pessoas; mas, quando o lerdes, para vós êles se tornam especulações. Tende a bondade de prestar atenção ao que digo. Êste cavalheiro deseja saber se a mente que não está condicionada não tem ou não pode ter problemas. Não é isso? Se eu vos dissesse "sim" ou "não", em que ficaríeis, que valor teria isso para vós? Senhores, tôdas as perguntas dêsse gênero indicam que não tendes fome. Ficais do lado de fora, olhando os alimentos que estão dentro da casa e fazendo conjecturas a respeito dêles. Mas se sentis fome, estareis dentro e não fareis perguntas sôbre os alimentos. É coisa mais ou menos semelhante perguntar se a mente não condicionada não tem problemas.

Acreditamos que, por fazermos perguntas dêste gênero, nossas mentes estão ativas. Pensamos que somos inteligentes, lúcidos. Vêde, por favor, não estou respondendo pessoalmente ao dito cavalheiro. Não imagineis esteja eu a fazer críticas. Falo sôbre o problema da especulação. Não é esta uma das características da mente preguiçosa: especular, e pensar que está ativa? Ou se experimenta uma coisa ou não se experimenta. Por que especular? A especulação, em si, não constitui um empecilho à compreensão direta? Como vêdes, isso suscita um vasto problema: que é **experimentar?** Não desejo examiná-lo agora; po-

de-se ver, porém, como a nossa mente impede a si mesma de descobrir sòzinha. Uma especulação não pode, nunca, ser verdadeira. Uma hipótese é sempre uma hipótese. A mente tem de ultrapassá-la. Enquanto a mente estiver cativa numa hipótese, numa especulação, estará criando uma barreira para si mesma. Tal estado não é o de um espírito ativo. A mente ativa é aquela que está libertada do pensamento. Porque o pensar é sempre uma pura verbalização da memória. A mente que só funciona com a memória não é ativa. Ativa é aquela que está de todo livre do processo do pensamento. Refleti a fundo a êste respeito. Examinai a questão, não a rejeiteis: e vereis que, quando a mente está livre do pensamento, ela está ativa, num grau extraordinário. A mente que está sempre pensando, esta é que é a mente embotada, pois o pensamento emana sempre do seu condicionamento.

Importa, pois, saibamos **escutar** a tôdas as coisas que nos cercam; a mente se torna então extraordinàriamente sensível. Não é sensível a mente, se está sempre julgando, comparando, pesando. É necessário um espírito sensível, para que se possa investigar e descobrir o que é a Verdade.

PERGUNTA: *Que dizeis dos vários sistemas de pensamento da Índia, que conduzem à libertação, ou* Moksha?

KRISHNAMURTI: Acreditais possa algum sistema libertar-vos? A própria idéia de que um sistema pode libertar-vos, vos condiciona. Não achais? Não é óbvio isso, Senhor? Entendeis que um homem que não tem sistema algum não tem possibilidade de libertar-se, a não ser que abrace um sistema? Pode qualquer sistema, conscientemente urdido e estabelecido, trazer a libertação?

Que implica seguir um sistema? Implica ajustamento. Por que vos ajustais ao sistema? Porque quereis al-

cançar a libertação. Assim como um homem quer ganhar dinheiro, vós quereis ganhar a libertação. Aquêle homem terá de obedecer a certas normas, para ganhar o dinheiro; de modo idêntico, dizeis que para ganhardes a libertação tendes de obedecer ao sistema, — e isso significa que o sistema vos conquistou ou cativou. Como pode êsse sistema dar-vos libertação? Há séculos vivemos a imitar, a seguir. Os sistemas competem uns com os outros, se massacram e liquidam mùtuamente. Dizeis que um dado sistema é melhor do que outro. Pode um pensar tão infantil levar-nos á libertação? Nunca uma revolução baseada em algum sistema deu a liberdade ao homem: nem a Revolução Comunista, nem a Revolução Francesa, nem nenhuma outra revolução inspirada em determinado sistema de pensamento. Senhor, para encontrar a Realidade, Deus, a mente tem de ser livre, e não pode estar ancorada num sistema. Se fordes descobrí-lo, guiado por um sistema, o que descobrirdes não será verdadeiro. Como se pode ser guiado para descobrir? É uma contradição isto: guiar alguém para descobrir. Vós tendes de descobrir sòzinho. Se eu descobri algo, como podeis ser guiado a êle? Isto não é libertação, mas ajustamento, nascido do mêdo.

Eis porque eu digo que o necessário é a revolução total, e não a substituição de um sistema por outro, pelo sistema da "última moda". Requer isso uma liberdade extraordinária, liberdade do temor, liberdade do desejo de bom êxito. Se investigardes o vosso coração e a vossa mente, vereis que todos nós queremos bom êxito; todo líder — comunista ou religioso — quer ter muitos seguidores. Para descobrir o que é a Verdade, a mente tem de estar livre de tudo quanto é imitação; e isso requer uma grande soma de compreensão.

5 de dezembro de 1953.

## — II —

O importante, como ontem acentuei, é compreender o problema, e não buscar a solução do problema. Considero relevante perceber isso a fundo, e não apenas pela rama: perceber tudo o que está implicado na idéia de que a nossa mente está aparelhada ou preparada ou condicionada para só pensar no sentido de uma solução. Porque a revolução não consiste tanto no esfôrço para descobrir uma nova resposta, uma nova solução, porém, principalmente, em nossa capacidade de encararmos o problema indepedente de qualquer influência emanada do nosso antigo **fundo** de idéias e experiências. Se somos comunistas, olhamos o problema com o especial condicionamento, a técnica especial, o especial sistema ou as idéias do Marxismo; ai se acham todos os nossos interêsses, aí está o fundo que nos influencia o estudo do problema. Anàlogamente, se sois capitalista ou um indivíduo religioso, êste **fundo** dita a solução do problema. Problemas surgem sempre. Não há solução alguma para o óbvio problema que se oferece na hora atual a todo o mundo. Se observardes o atual entrechoque de ideologias e atividades, vereis que tudo resulta do "processo" do nosso condicionamento.

A revolução de que vos tenho falado não se prende a uma nova solução ou a um novo sistema de filosofia, porém, ao contrário, consiste numa liberdade completa para resolver o problema de maneira nova. Nossos problemas

não respeitam ùnicamente ao bem-estar material do indivíduo, do Estado, etc., mas também ao bem-estar psicológico do homem, o que deve ser bem óbvio para os que tenham dado alguma atenção a êste problema. Como pode então alguém libertar-se do fundo que o influencia? Em que consiste êste fundo? Sabeis que existe êste problema: o problema do bem-estar material a que têm direito todos os entes humanos — não importa se comunista, se capitalistas, ou pessoas que defendem certos interêsses — a que todo o mundo tem direito, no Oriente ou no Ocidente. Pelo nosso modo de resolver o problema material, o problema do bem-estar material, isto é, aplicando especialmente tôda a nossa atenção às coisas materiais, produziremos inevitàvelmente vários problemas novos. Enquanto não modificarmos fundamentalmente o nosso modo de resolver o problema material, continuaremos a tirar proveito das coisas materiais, como um meio psicológico de auto-engrandecimento.

Sinto aqui uma certa hesitação, pois, em geral, estamos acostumados a pensar que o problema psicológico nada tem que ver com o problema material. Ansiamos por promover o bem-estar material, e dizemos: "Cuidemos de organizar, de agir, de fazer alguma coisa imediatamente, ou de planejar os meios de promover o bem-estar material" — inteiramente olvidados da estrutura psicológica do ente humano. Se damos mais relêvo a uma coisa, em detrimento da outra, falseamos completamente a conduta do homem perante a vida. Estamos lutando com um problema difícil, um problema muito complexo, que requer especial atenção; mas, em geral, não lhe prestamos a devida atenção. Ouvimos mui despreocupadamente certas idéias e reagimos a essas idéias conforme os nossos preconceitos, nossas inclinações e nosso condicionamento. É muito difícil, num grupo como êste, discutir qualquer problema profundamente, atentamente — difícil porque,

se não acompanhardes muito atentamente a discussão, perdereis certos pontos essenciais e o todo sairá completamente desfigurado. Como dizia ontem, é muito importante saber **escutar**. Embora já tenha repetido isto muitas vêzes, torno a salientar que o problema é: **escutar**. Se sou capaz de **escutar**, no seu todo, o problema da existência humana, do bem-estar material, do bem-estar psicológico, da atividade criadora, da Realidade criadora, da Realidade final, etc.; se sou capaz de **escutar** tôda esta estrutura do esfôrço ou da luta humana, sem a interpretar, sem a traduzir em têrmos que correspondam aos meus interêsses ou desejos; se sou capaz de perceber todo êste vasto panorama sem seguir imediatamente um dado roteiro — isto é, sem a ânsia de resultado imediato — é-me então possível olhar o quadro integralmente e compreendê-lo na sua totalidade. É esta totalidade da compreensão que é importante e não um certo pormenor do quadro. Tende a bondade de notar isto: o importante é que se perceba a estrutura total e não uma parte dela, não uma dada civilização ou um dado aspecto da nossa existência. Porque, se tomamos apenas uma parte para exame, e operamos com relação a ela, produziremos problemas que estarão em constante conflito com as outras partes da estrutura do ente humano.

O importante, pois, não é só a educação, a paz, a ação social imediata, o problema da guerra ou da paz ou da fome, mas sim, o estudo dêsses problemas no seu todo. Requer êsse estudo um extraordinário discernimento. Os mais de nós somos políticos, de tal ou qual maneira, queremos ação imediata, reação imediata, resultados imediatos. Dêsse modo se nos perverte a visão do problema, o seu estudo. Há fome e miséria, como muito bem sabemos. Não é preciso discutir a êsse respeito. Há varias organizações a cuidar dêste problema; e, com a solução do problema, justamente, estamos produzindo vários outros problemas, pro-

cedendo à "liquidação" do homem. Porque certos líderes políticos, certas personalidades dominantes, impetuosas, fortes, dizem que "tal coisa" deve ser feita, organiza-se, e liquida-se aos que a ela não se ajustam; ou cria-se confusão com o fim de produzir uma certa situação propícia a que um grupo de pessoas assuma o contrôle, etc. É uma constante multiplicação de problemas — porque jamais consideramos a existência humana como uma totalidade. Se pudermos, durante estas palestras, considerar êste problema de maneira total, sem procurarmos solução, muito teremos feito, pois então poderemos agir de maneira total e não parcialmente.

Bem sabemos que temos numerosos problemas: o sexo, o amor, a Realidade, Deus; o que vem depois da morte; a questão da ação e da ideação; o problema da deterioração; o problema da incapacidade de criar; o problema da nossa ignorância sôbre a criação, Deus, a Verdade. Percebendo todos êstes problemas, de que maneira nos aplicamos a êles? No compreender a maneira correta de atender ao problema, êle se dissolverá. Tende a bondade de prestar atenção a isso. Temos êste vasto e complexo problema da existência; e cada líder, cada especialista, tôda pessoa que já refletiu ou experimentou algo, traduz êstes problemas e apresenta-nos um sistema, dizendo: "Façam isto, e os problemas serão resolvidos". O especialista religioso, e economista, o psicólogo, etc., cada um dêles nos dá um sistema para seguirmos, praticarmos, vivermos de acôrdo com êle; e nós, em nossa ignorância, em nossa estupidez, seguimos tais sistemas, porque desejamos um resultado. Entretanto, se sabemos olhar o problema integralmente, terá êle então um significado de todo diferente.

Mas, como se pode olhar o problema integralmente? Êste é o problema — não o problema da vida, da morte, de Deus, da fome mas como podemos, vós e eu, olhar êste vasto problema de maneira total e não parcialmente?

Êste é o problema. Porque, afinal de contas, o grande artista é aquêle que vê o todo e não a parte apenas. Êle pinta ou escreve poemas ou cria maravilhas, porque vê o todo e depois elabora os pormenores. Que é que, fundamentalmente, está impedindo a percepção do todo, do problema total? Por que é que nem vós nem eu podemos ver a totalidade do quadro? Se pudermos responder, não apenas verbalmente, mas percebendo a verdade respectiva, será então de todo diferente a nossa maneira de apreciar o problema. Nossa investigação, pois, não se destina a descobrir como resolver êste vasto problema da existência, com tôdas as suas crueldades, suas alegrias, seus altos e baixos, sua solidão, imitação, sombras e claridade, mas, sim, como nos aplicarmos ao problema de maneira total, e vermos o que nos está impedindo de assim proceder. É esta pois a investigação, a única investigação que nos interessa; porque os homens pequenos, os homens estreitos que buscam a solução, traduzirão o problema de acôrdo com as suas limitações.

Assim, nossa investigação visa, não a encontrar a solução do problema, mas a descobrir o que nos impede, a cada um de nós de apreciar o problema de maneira total. Não é fundamentalmente o "eu", o "meu", o "ego" o que constitui o fundo psicológico? Afinal de contas, o que nos impede, a vós e a mim, de encarar o problema de maneira total e, consequentemente, abordá-lo de um ponto de vista inteiramente diverso? Não é o "eu", a mente, que é a sede do "eu"? Nessas condições, se não compreendemos o processo da mente — o seu processo total, o processo psicológico, o processo consciente e bem assim o inconsciente — e nos abeiramos dêste vasto e complexo problema com essa mente que não compreende a si mesma, criamos mais problemas, mais tribulações e maiores destruições. O importante, por conseguinte, não é o problema, mas que se compreenda o espírito que está criando o problema. A mente — tanto a consciente como a inconsciente

— está sempre a criar um **fundo**, uma tradição, de onde ela age. Êste fundo de tradição é o hábito, o costume, a memória, a conclusão, a idéia; e da idéia promana a conclusão, a memória, a tradição, o costume. É assim que a mente está operando. Reconhecendo isso, dizem: "Vamos controlar a mente, vamos moldá-la para uma determinada ação; e se ela não ceder, deixemo-nos inebriar, a fim de nos ajustarmos". Espero estejais entendendo tudo isto.

A mente age sempre de um ponto em que está ancorada, um ponto fixo, embora elástico; mas há sempre um centro de onde ela age. Está ela sempre ligada a um ponto, que é o "eu". O "eu" é a idéia. A idéia, traduzida, é o Estado, ou está identificada com o Estado ou Deus. A mente, pois, amarrada, ancorada, ligada a um fundo (**background**), a uma tradição, à memória, essa mente jamais poderá resolver o problema totalmente. Como posso eu, ancorado ao meu descontentamento agressivo, ou aquisitivo — porque todo descontentamento que temos é aquisitivo — como pode a minha mente olhar o vasto problema da vida? Quando ela o faz, é do ponto de vista de seu descontentamento aquisitivo, do que resulta que ela, consciente ou inconscientemente, traduz o vasto problema da existência em têrmos de "eu quero tal coisa". A investigação, pois, deve visar a como libertar a mente do "eu", do seu **fundo**, e enquanto isso não fôr feito, completa e totalmente, não teremos senão sofrimentos e mais sofrimentos, destruição em larga escala, selvagem brutalidade, e tôda espécie de coerção e compulsão. É isto que está acontecendo no mundo atualmente.

Como poderá o "eu", o "ego" — que constitui todo o processo do nosso pensar — terminar, cessar? Estais vendo o problema? Pensamos que o "eu" termina, se nos identificamos com o Estado; o Estado se torna então da máxima importância. O "eu" desaparece, só porque pus o Estado à minha frente como a mais importante das coi-

sas? Não, Senhor; tão-sòmente pus uma ideação, uma tradição, no lugar de outra. Nessas condições, enquanto cada um de nós — pela compreensão do processo integral das relações, que nos são como um espêlho — não descobrir a si mesmo, ou suas atividades e seu pensamento; enquanto não estiver cônscio de todo o processo do "eu" — o que é autoconhecimento — tem muito pouca significação a nossa luta, que só intenta reformar, i.e., tocar apenas a superfície das coisas. Essa luta cria, sòmente maiores malefícios.

O que investigamos, pois, é a compreesão do "eu", do "ego", da mente. A comprensão de uma coisa não exige julgamento. A compreensão do funcionar da mente, a consciente bem como a inconsciente, não requer comparação. Devemos tomá-la, tal qual, e começarmos com **o que é.** É muito difícil, porém, começarmos com **o que é,** porque o estamos sempre a comparar com outra coisa. Temos sido nutridos de ideologias e idéias, que são apenas "o que deveria ser", substituindo a realidade do que é. Assim, pois, para se compreender a mente, temos de observar o funcionar da mente nas relações, pois não? Tirar uma conclusão e guardá-la no espírito, tem muito pouca significação. Estais então arriscado a iludir-vos pela maneira mais extraordinária. Estar numa vigilância constante, dia a dia, momento por momento, sem se tirar nem guardar nenhuma conclusão; estar vigilante, nas relações, sem julgamento, sem comparação, com uma lucidez constante — isso requer muita persistência. Sem isso, todos os estudos dos livros sagrados, todos os sistemas terão muito pouca significação; muito ao contrário, serão danosos para a mente, que se está ingurgitando de idéias alheias.

Nessas condições, só o homem que compreendeu a mente pode saber o que é a Realidade, o que é Deus — ou como queirais chamá-lo. A mera repetição da palavra "deus", da palavra "amor", a observância de rituais, tem muito pouca significação; serve apenas para desviar a mente.

Mas se vós e eu estudarmos êste vasto problema da mente, se devassarmos a sede do "eu", veremos então que, desta investigação, resulta a traqüilidade da mente, tranqüilidade não provocada, não alcançada por meio de disciplina, mas surgida espontânea, natural e livremente; e nessa tranqüilidade, surge a visão da Totalidade. Essa totalidade é que resolverá o problema. Essa totalidade edificará, e não aquêles que laboram em vão, porque desconhecem a totalidade.

Como já ontem disse, se desejardes fazer-me perguntas agora, podeis fazê-las; mas sem discutir comigo, pois teremos amanhã uma "reunião de discussão". Se, porém, depois de ouvirdes esta fala, tiverdes vontade de perguntar-me algo, podeis fazê-lo. Se não, tenho aqui algumas perguntas feitas por escrito.

PERGUNTA: *Qual a função do verdadeiro educador?*

KRISHNAMURTI: Fizestes agora uma pergunta, e estais esperando a resposta; porque podereis então discutir, como um hábil advogado, os prós e os contras. Mas eu não vou fazer tal coisa. Isto é infantilidade, falta de madureza. Mas vós e eu vamos averiguar, vamos descobrir quais são as funções de um verdadeiro educador. Não vou dizer-vos "é esta" — tão-sòmente para que concordeis ou discordeis. Vamos investigar juntos, juntos descobrir aquilo que constitui a Verdade; porque a Verdade é que tem real importância. Tende a bondade de prestar atenção, pois êstes problemas são importantíssimos hoje em dia, quando o mundo está caminhando para maiores sofrimentos e maiores desditas, e a todos os que me ouvis cabe uma grave responsabilidade. Se vos destes o incômodo de vir a esta reunião, deveis escutar com o fim de descobrir a verdade relativa a esta questão, e não para vos entre-

terdes com opiniões especulativas, ou com a resposta ou o parecer de outra pessoa. O importante é que descubrais a verdade contida na questão. Sereis então um libertador do homem, e não um mero imitador.

Qual é a verdadeira função de um educador? Que é educação? Por que somos educados? E somos de fato **educados**? Porque uma pessoa passa em certos exames, obtém um emprêgo, compete, luta, se torna, brutalmente ambiciosa — isso é educação? Que é um educador? É o homem que prepara o estudante para um emprêgo, apenas para um emprêgo, que lhe dá proficiência técnica para ganhar a vida? É só isso que conhecemos atualmente. Há grandes escolas e universidades onde se prepara a juventude de ambos os sexos para ter um emprêgo, para ter conhecimentos técnicos, para que êle ou ela tenha um meio de vida. É esta, tão-sòmente, a função do verdadeiro educador? Há de haver algo superior, pois isto é muito mecânico. Dizeis então que o educador deve constituir um exemplo, um modêlo. Concordais com isso? Tereis que pesquisar a verdade do problema: penetrá-lo. Quando o penetrardes, vereis a sua verdade, isto é, nenhum exemplo se faz necessário. Ponde de lado vossas conclusões ou condicionamento e indagai. Dizeis um educador deve ser um exemplo. Que quereis dizer com isso? Um exemplo, um herói, para que o jovem ou a jovem o imite? Afinal, nós já temos tantos modelos: Cristo, Buda, Gandhi e — passando ao outro extremo — Lenin, Stalin, e sabe Deus quem mais; e, ainda, vários santos e heróis.

Em que implica a idéia de "exemplo"? Se a função do mestre é a de ser um "exemplo", não está êle então, consciente ou inconscientemente, impondo um padrão ao moço, ao estudante? O ajustamento a um padrão, por mais nobre que seja êste padrão, por mais bem ideado e planejado, pode libertar o individuo do temor? Porque, é

bem de ver, o estudante é educado para fazer face à vida, para compreender a vida, e não para enfrentá-la como comunista, ou capitalista, ou como um estúpido qualquer, diferentemente condicionado. Temos de ajudá-lo a enfrentar a vida. Para se enfrentar a vida, não pode haver temor, e isto é muito raro. Para se ser sem temor não se precisa de exemplos ou de heróis. Se não houver heróis ou exemplos, o estudante se perderá? Tal é o receio dos mais velhos, não é verdade? Assim, dizem êles: "Para que êle não se desvie do bom caminho, necessita de um exemplo. Êle tem de ser levado a imitá-lo, consciente ou inconscientemente". E criamos dêsse modo um ente humano medíocre, sem iniciativa, uma entidade ajustada, uma máquina, que tem mêdo de pensar, de viver, de descobrir. Um exemplo não implica em que se engendra no estudante o mêdo de compreender por si mesmo os seus próprios problemas, e no educador o mêdo de ajudá-lo a compreendê-los? E se o próprio educador se torna o guia, o exemplo, o herói, não está êle então instilando o mêdo no espírito do jovem, do estudante? Assim, pois, sem dúvida, o verdadeiro educador não é um "exemplo", nem tem a função de inspirar o estudante, porque inspiração implica em dependência. **Escutai**, por favor. É provável que, no fundo, isto vos enfade, porque supondes já ter passado da idade de receber educação. — Que tem a idade que ver com a educação? A educação é um "processo" que dura tôda a vida, e não só na idade escolar. Nessas condições, se se quer criar um mundo novo — o qual poderá ser criado pelos vossos filhos e filhas, mas não por vós, que já pusestes tudo em desordem — se se quer criar um mundo novo, é necessário criar-se uma inteligência de nova ordem, uma inteligência sem mêdo. Um estudante que sente mêdo, porque tem o exemplo dos santos e dos heróis e uma multidão de padrões de pensamento estabilizado, uma tradição, não poderá criar um mundo novo; êle criará o mesmo mundo

feio, malfazejo, fértil de desgraças. Por conseguinte, a verdadeira função do mestre não é a de "inspirador", de "exemplo", mas, sim, a de despertar a inteligência no jovem— o que não significa deva êle tornar-se o "esclarecedor". Se o mestre se tornar o "esclarecedor", se tornará imediatamente um **guru** para o estudante, visto que êste ficará na dependência dêle, como "esclarecedor"; e deixa-se, assim, o estudante embotar, visto contar com alguém que vai esclarecê-lo, despertá-lo.

O mestre, pois, não é o "esclarecedor", não é o "inspirador", nem o guia, nem o herói, nem o exemplo. A verdadeira função de um preceptor é completamente diferente: é a de ajudar o estudante, educá-lo para perceber todos êstes problemas. Não pode o estudante perceber os problemas, se existe mêdo — mêdo de ordem econômica, social ou religiosa. Não é um verdadeiro mestre aquêle que está sempre a comparar o estudante com outra pessoa — com o irmão mais velho, o aluno mais inteligente da classe, etc. — porque essa própria comparação destrói o indivíduo a respeito de quem se faz a comparação. Prestai, por favor, atenção a isto. Não existe o verdadeiro educador em nenhuma de nossas escolas atuais. Urge, pois, educar o educador, e êste é um dever que vos incumbe, pois o Estado não irá tratar disso. Ao Estado só interessa ajustamento, a produção de resultados quantitativos.

O verdadeiro educador não é o pai, a mãe, a sociedade, e não uma dada entidade especializada? É vosso dever, pois — não achais? — é vosso dever contrapesar, intervir, no lar, à falta de um verdadeiro mestre, para o despertar da inteligência do jovem, sem temores, sem comparações, — o despertar da inteligência, com a qual êle poderá enfrentar a vida e compreender tôdas as influências que condicionam, de modo que, como um ente humano inteligente, sem mêdo, sem competição, possa êle criar um mundo novo onde não haja guerras nem horrorosas misérias sociais —

ou criar para si um mundo pior do que o nosso... tudo depende dêle. Nessas condições, a verdadeira função de um educador é criar uma atmosfera, um ambiente em que o estudante possa crescer e frutificar, sem temor.

Senhores e Senhoras, acabais de ouvir isso. Seria muito interessante saber qual é a vossa reação. Direis: "é impraticável, é utópico, só possível aos **Rishis.** Precisamos de empregos para ganhar o nosso sustento. Que será de mim, na velhice, se meus filhos não me ampararem?" — Se tal é a vossa reação, não alcançastes a verdade relativa à questão. Se percebestes esta Verdade, ela atuará, a despeito das sutilezas de vossa mente. É muito importante perceber a verdade nesta questão.

Pergunta: *Atuais sôbre o consciente ou sôbre o inconsciente dos ouvintes?*

KRISHNAMURTI: Que é a mente consciente e que é a mente inconsciente? Mais uma vez, tende a bondade de investigar; não fiqueis na dependência de minha resposta ou minha definição. Se quiserdes uma definição, podeis procurá-la no dicionário. Pesquisemos, pois, para descobrirmos a verdade contida nesta questão.

Que é a mente consciente? É a nossa mente corriqueira — não é verdade? — a mente corriqueira do advogado, do general, do funcionário da polícia, do especialista; a mente corriqueira, cheia de intentos aquisitivos; a mente que está descontente e quer achar o contentamento; a mente que está fugindo dos problemas, a mente que pratica ritos, que estùpidamente prefere seguir qualquer coisa a encarar **o que é**; a mente gregária; a mente que se entregou a uma certa conclusão; a mente tradicionalista, que copia; a mente que está seguindo um determinado padrão de ação. É a mente consciente que julga, que avalia, que compara,

que procura alcançar os seus ambiciosos objetivos. Tal é a mente consciente, da atividade diária, não é? Essa mente que busca a segurança, pode colocar a segurança no mais alto nível, mas é ela sempre a mente consciente — quer a sua segurança esteja no banco, no Nirvana, no Mocksha, em qualquer parte, enfim. Tal é a mente consciente.

Que é o inconsciente? Sabeis da existência do inconsciente, a não ser, talvez, pelo que lêstes a seu respeito? Se estudais psicologia, talvez o assunto vos interesse um pouquinho. Estamos cônscios de que há um vasto processo inconsciente, muito profundo, oculto, de difícil acesso? Estamos cônscios dêle? Parece-nos que não, visto que todos os nossos esforços conscientes são dirigidos para os níveis superficiais, e que aí permanecemos. Nossas ambições, nossas atividades sociais, nossos descontentamentos, nossos ciúmes, inveja, comparações e juízos — eis onde estamos. Conhecemos algo a respeito do inconsciente, sabemos realmente alguma coisa a seu respeito, a não ser, talvez, o que vimos em sonhos, em alguma noite tranqüila? As batalhas, os conflitos estão sendo travados entre o inconsciente e o consciente, ou apenas entre os vários desejos conscientes? Compreendeis bem isso? Se fazeis uma pergunta desta natureza, deveis saber o que é o consciente e bem assim o que é o inconsciente. A revolução, a revolução total deverá efetuar-se no nível consciente ou num nível não controlável pela mente? A mente pode controlar o consciente. Pode também controlar o inconsciente, com vistas a promover uma revolução — mas nesse caso não há revolução, mas simplesmente um condicionamento do inconsciente.

Pode a mente consciente penetrar no inconsciente? Pode ela ver o que é o inconsciente? Consideremos a tradição coletiva: vós vos intitulais hinduístas, muçulmanos, cristãos, etc. — sendo que isso represente um condicionamento do inconsciente, insensìvelmente processado. Vós vos

dizeis hinduístas; e para vos denominardes hinduísta, houve séculos de condicionamento das camadas mais profundas da consciência. Não é verdade isso? Se vos chamais "cristão", isso se deve a seculares influências sociais, econômicas e religiosas. Desde há séculos, até hoje, vindes dizendo conscientemente "sou cristão, sou hinduísta, sou muçulmano". — Ouvis agora esta asserção e dizeis que de fato é assim. Vós, porém, como mente consciente, não descobristes, não penetrastes os processos e as causas dêsse condicionamento. Estais ficando cansados? Êste assunto exige reflexão e provàvelmente não estais habituados a ouvir atentamente uma palestra durante uma hora inteira, e por isso não estais mais **escutando**; estais tão-sòmente a ouvir palavras, que agora muito pouco significam. É importantíssimo compreender esta questão, porquanto ela encerra um grande número de coisas. Gostaria que a seguisseis, não enquanto a vou descrevendo, não a minha descrição: que seguisseis o funcionamento da vossa mente; se não, é apenas a minha descrição o que tentais seguir. Se sentis interêsse, se estais atentos, se estais **escutando** verdadeiramente, seguireis então as coisas que estão operando na vossa mente, e descobrireis por vós mesmos todo o processo da consciência.

Conhecemos o que é o consciente; sabemos que vivemos, nos movemos, funcionamos dia por dia, e nos mantemos em ação sem saber como, qual máquina a descer ou subir uma encosta. Quando se vos chama a atenção para isto, a mente consciente começa a observar a si mesma. Entretanto, há as camadas ocultas do inconsciente, as quais governam o consciente, pois as camadas mais profundas são muito mais vitais e muito mais ativas do que a chamada mente superficial. A chamada "mente inconsciente" não é o resíduo de tôdas as lutas e empreendimentos da humanidade inteira, expresso exteriormente — como no caso do hinduísta, com sua alta tradição de costumes e

civilização? Compreendeis? Consideremos, por exemplo, a palavra "cultura". Todos falam disso atualmente: a cultura oriental, a cultura hindu, a cultura ocidental. Afirmam alguns devemos ter uma cultura puramente hindu e que devemos levantar edifícios para esta obra. Que significa "cultura"? Prestai atenção a isto, por favor. Não digais "sim" ou "não"; investigai. Existe tal coisa, como seja "cultura hindu" ou "cultura européia"? Pode haver uma expressão de cultura, tìpicamente hindu ou européia. O sentimento, o êxtase, a apreciação da beleza, pode traduzir-se de uma determinada maneira na Índia, no Oriente; e o Ocidente pode traduzí-lo de maneira completamente diversa. O conteúdo, porém, a profundeza do sentimento é comum a todos, não? O sentimento não é "hindu" ou "inglês" — que é uma idéia simplesmente estúpida — embora a expressão possa ser hindu ou inglêsa. Nessas condições, se se deseja compreender integralmente o processo da cultura, temos de examinar o inconsciente e não o consciente. A cultura pode ser uma coisa absolutamente não tradicional; deve ser uma coisa essencialmente criadora e não imitativa. Porque a cultura, a chamada cultura, se tornou agora tradicional, não somos mais criadores.

Assim, pois, na investigação do que é a cultura, temos de aprofundar-nos mais e mais, não é verdade? Importa descobrir o que é o inconsciente. Não leais livros. Êles só podem **descrever** o que é o inconsciente. Mas as suas descrições vos impedirão de descobrí-lo. Se entretanto, começardes a investigar inteligentemente, sem julgar, sem dizer "é isto", "não é isto", mas observando o inteiro processo da mente — o que é meditação — vereis então que há muito pouca diferença entre o inconsciente e o consciente. O consciente é simples expressão, a ação externa do inconsciente. Não há solução de continuidade entre os dois. É um processo único, cuja parte mais profunda governa a parte exterior, moldando-a, guiando-a. O

conflito se trava entre os vários desejos existentes na consciência superficial.

O interrogante deseja saber se eu falo ao consciente ou ao inconsciente. É evidente que, no falar, no emprêgo de palavras, as palavras são lembradas e o reconhecimento dessas palavras é um processo consciente. Senhores, estais seguindo isto? Alguns de vós parecem sonolentos. Não quero despertar-vos, não me interessa isso. Se o desejardes, podeis dormir à vontade. Isto é convosco. Não sou eu quem vos despertará. Entretanto, podemos descobrir juntos a verdade relativa à questão. A verdade é que libertará. Se estais despertos, podeis deixá-la vir a vós. O que sucede, pois, não é esteja eu falando ao consciente ou ao inconsciente, mas sim que nos está sendo revelada a verdade, que reside além do consciente e do inconsciente — o que significa que se está manifestando uma extraordinária tranqüilidade da mente. Não ponhais as vossas mentes tranqüilas. Não fecheis os olhos, para ficardes em silêncio. A verdade não pode ser achada pelo consciente ou pelo inconsciente. Só quando a mente está cônscia, sabemos que há consciente e inconsciente, com tôdas as suas funções, "barulhos", lutas. Cessando tudo isso, surge a tranqüilidade. Esta tranqüilidade não é absolutamente produto da consciência. Apenas esta tranqüilidade é criadora, eterna. Nesta tranqüilidade, pode-se encontrar o que é eterno; nela, êle vem à existência. Mas para que êste silêncio exista, cumpre compreender todo o processo da consciência — as suas atividades, e não explicações a respeito dela. Eis porque estas reuniões serão proveitosas — isto é, se sois capazes de prestar atenção, se sois capazes de escutar corretamente, de modo que, juntos, possamos achar-nos naquele estado de tranqüilidade, onde a Verdade pode manifestar-se. Mas não é fácil isso, porque tendes vosso emprêgo, vossa mulher, vosso marido, tôdas as tradições e todos os miasmas da vida. Tudo tem de ser compreendido e se-

renado. Para isso se requer percebimento de tôdas as coisas — das árvores, dos livros, das mulheres, dos sorrisos, das vossas ações maldosas de cada dia, dos vossos **pujas**, apetites, paixões. De tudo isso precisamos estar cônscios; e "estar cônscio" não é condenar, mas olhar e observar as coisas sem julgamento. Só então se torna possível o autoconhecimento, que se não ensina em livros, que se não pode aprender pelo assistir a uma ou duas conferências. O autoconhecimento brota quando observais e compreendeis todos os vossos sentimentos e pensamentos, momento por momento, dia a dia. A totalidade dessa compreensão resolverá os problemas da vida.

6 de dezembro de 1953

— III —

TALVEZ vos lembreis do que estivemos discutindo na semana passada. Estivemos refletindo sôbre como nos aplicarmos ao problema. Enquanto estivermos em busca de uma solução para o problema, o problema, em si, é sem importância para nós. Se estamos meramente procurando uma maneira de nos livrarmos do problema, como o faz a maioria de nós, o problema se torna insignificante. Se, como dissemos, pudermos aplicar-nos ao problema sem o desejo de encontrar-lhe a solução, veremos que o problema se tornará importantíssimo; por conseguinte, o que mais interessa é a maneira de nos aplicarmos ao problema, e não a procura de uma solução.

Desejo, agora, nesta tarde, tratar dêste mesmo assunto, como o fizemos na semana passada, mas de modo diverso, considerando-o de maneira diferente. Mas, antes disso — não achais que é muito difícil estabelecer-se comunicação entre nós? Eu tenho algo para dizer, e vós me escutais com as vossas conclusões, vossas inclinações ou experiências pessoais. Escutais de dentro de uma conclusão, e por esta razão não estais absolutamente **escutando.** Não vos agasteis, pois, se vos peço um pouco de atenção para o que vou dizer. O que desejo dizer não é muito complicado. Se souberdes ouvir, não com uma conclusão, mas com o intuito de compreender o que vou tentar transmitir-vos, talvez então se torne mais fácil a comunicação. Os mais de nós somos ensinados sôbre "o que pensar"; mas

não sabemos pensar. Nossas mentes estão de tal modo condicionadas e tão cheias de "o que pensar", que qualquer asserção feita por outrem — contraditória, tôla ou sábia — é traduzida através do crivo da conclusão. Dêsse modo não estamos, em absoluto, escutando ou compreendendo o que diz a outra pessoa. É possível escutar sem nenhuma conclusão, escutar puramente, assim como se escuta música?

O que desejo discutir nesta tarde é o problema da mente que se aplica a êste vasto e complexo problema da existência. A existência não compreende apenas a obtenção ou a conservação de um emprêgo, mas tôda a esfera da existência pisicológica, quase desconhecida para a maioria de nós. Têm-nos dito, uns que há continuidade, outros que não há continuidade; mas nunca descobrimos nada por nós mesmos. O problema da existência é êste vasto complexo de guerras, classes, castas, divisão, — a perpétua batalha do homem contra o homem, em competição. Temos o desejo de descobrir o que é a Verdade, o que é Deus, o que é a imortalidade, se há continuidade após a morte. Ainda não descobrimos a realidade de nenhuma dessas coisas. Cremos, porém, o que se nos tem dito desde a infância; ou, por causa do nosso temor, do nosso desejo de segurança, inventamos ou nos apegamos a uma certa esperança.

Pois bem, temos esta extraordinária complexidade, esta complexidade psicológica inconsciente ou semi-consciente, que se chama a vida. Como se aplica a mente a êste problema? Pode uma mente que está sempre e sempre pensando em têrmos de "vir a ser", de adquirir, pode essa mente compreender êste complexo estado em que a mente só pensa em adquirir, aguilhoada que está pelo seu descontentamento aquisitivo? Estais compreendendo? Existe êste problema. Como vos aplicais a êle? A êle vos aplicais pensando em têrmos de "vir a ser" ou de "ser"? Isto não é uma questão filosófica. Não a traduzais imediatamente em

têrmos de "vir a ser", de "ser", como se fôsse uma tese filosófica.

Nossa mente está habituada a pensar em referência ao "vir a ser": ficarmos mais ricos, obtermos um emprêgo melhor, adquirirmos mais virtude, tornarmo-nos mais belos; em referência ao **mais**: mais tempo para nos desenvolvermos, nos engrandecermos, nos tornarmos mais sábios, mais ricos de conhecimentos — e isso se chama descontentamento. Tal é o nosso estado mental. O **mais** implica o "processo" do tempo: "preciso do amanhã, para aprender mais, para tornar-me mais sábio; preciso de mais tempo, para compreender". Tal é a maneira como nos aplicamos ao problema, não é verdade? Quando nos vemos em presença do problema, pensamos no **mais**, pensamos em têrmos de tempo. Nunca chegamos a compreendê-lo como **existência.**

O fato é que existe esta complexidade, e pretendemos alterar o fato em têrmos de tempo, e não em têrmos de **existência.** Isto é o que se chama mediocridade. Não estou empregando esta palavra comparativamente, i.e., entendendo que um homem deve ser mais inteligente, mais brilhante, mais genial, mais apto para criar. Não a emprego comparativamente, em têrmos de **maior** ou **menor, menos.** Entretanto se a traduzis em têrmos de **mais** e de **menos** — mais inteligente, **mais** ou **menos** genial — sereis extraviados pelas vossas próprias conclusões, e tal não é minha intenção. Desejo discutir êste assunto convosco, pois sinto ser êste um dos problemas que nos desafiam. A mente medíocre é incompleta. Não falo agora da mente que quer ser **mais:** mais inteligente, sair do seu nível; da mente que não é criadora e por isso luta para ser criadora: escrever poemas, escrever sentenças. Estou falando da mente que é medíocre. Agora, vereis — se observardes a vossa própria mente em função — que a mente pede logo

uma definição: "que é medíocre?". De posse da definição, refletireis de acôrdo com ela e a aceitais ou rejetais. Não é medíocre a mente quando está em busca de uma definição, para pensar de acôrdo com ela? Prestai atenção a isto.

Como dizia na semana passada, é importante realizar-se uma revolução — não uma revolução econômica ou uma revolução parcial, num determinado nível do nosso ser, da nossa existência: é necessária uma revolução total, completa, "integrada"; e ela só é possível se se operar radical transformação de todo o processo de pensar, i.e., não a mera substituição de um pensamento, de uma crença, de uma idéia. Assim, pois, se sentis interêsse, podeis ver a importância de uma revolução total. A revolução comunista ou a revolução socialista, não são de modo nenhum revoluções. O simples seguimento de uma determinada ação ou sistema de pensamento estabelecido em conformidade com Marx ou Sankara, não é revolução. A revolução total é necessária, porque os problemas são formidáveis; e para compreendermos tais problemas, temos de compreender a mente, porque a mente sempre quer traduzir os problemas de acôrdo com a sua mediocridade, sua sagacidade, seu saber. Faz-se pois necessária uma revolução total do conteúdo da mente, que é o pensamento.

Cumpre-nos, por conseguinte, investigar o que é "mediocridade" — não a definição, não "como tornar a mente que é medíocre, qualquer que ela seja, diferente do que é". Temos realmente de descobrir por nós mesmos o que é mediocridade, e não como nos tornarmos menos ou mais medíocres; porque no problema da mediocridade encontrareis esta questão do descontentamento, de onde emana o problema do apaziguamento do descontentamento. Achar-se-á, aí, um constante esfôrço de "vir a ser", de "ser alguma coisa". E a mente que não está procurando tornar-se algo é essa mente medíocre, estacionária? Todos êstes proble-

mas surgem, quando examinamos a questão da mediocridade. Êste me parece um dos mais importantes problemas da vida.

Da investigação sôbre o que é a mediocridade, resulta a pergunta: "que é criação?" Se um homem pinta um quadro, escreve poemas, profere uma conferência, ou se utiliza dos seus poderes como meio de compelir outros, a fim de tornar importante a sua pessoa — isto é criação? Ou a criação é uma coisa totalmente diversa? Se pudermos investigar a questão da mediocridade, todos êstes problemas serão atendidos. Antes, porém, de podermos investigá-la, devemos esvaziar a nossa mente, não achais? — de todo o pensar comparativo. Entendo por pensar comparativo, o da mente sempre a comparar-se com alguém, com uma idéia, com o que quer vir a ser. Por exemplo, neste nosso país onde a casta e a classe são uma terrível realidade, foi a nossa mente moldada e deliberadamente cultivada de maneira que conserve intactos êsses sedimentos. Pensamos sempre com o empenho de "vir a ser" menos ou mais, ou desprezando tôdas essas coisas, com o empenho de destruir o que consideramos como mais inteligente, a fim de estabelecermos a igualdade. Espero que me estejais seguindo.

Vossa mente dirá: "qual é a possibilidade de se pôr em prática tudo isso? Qual a utilidade que isso tem em nossa vida diária?" Já vos respondo: não tem utilidade nenhuma, porque a vossa atual "vida diária" não é revolucionária, não é criadora, e sim monótona, lerda, rotineira; e não podeis resolver os problemas com as vossas mentes nas condições em que se acham. No momento em que a vossa mente se modificar, no seu processo pensante, estareis aptos a atender ao problema. Por conseguinte, quando perguntais qual é a praticabilidade do que digo, esta pergunta mesma revela que não estais pensando em têr-

mos de revolução, mas tão-sòmente em como promover um ajustamento superficial.

Consideremos a questão relativa à mediocridade. Tende a bondade de acompanhar-me. Não peçais uma definição, porque esta se acha em qualquer dicionário; podeis voltar para casa e consultar o vosso dicionário. Mas, como podemos, vós e eu, conhecer o que é a mediocridade? Que entendemos por mediocridade? Não vos apegueis a alguma coisa que eu diga, verbalmente, para explicar o que é a mediocridade, porque neste caso fareis uso dela como uma conclusão, uma definição, e ireis comparar o que eu disse com o que um outro disse, e escolher a definição que achardes preferível. Pois bem, êste processo mental que escolhe uma definição e a compara com outra, dizendo: "Isto se aplica ao meu caso, isto me desperta interêsse" — não é um processo medíocre? Compreendeis o que estou dizendo?

Se quero investigar o que é a mediocridade, devo estar cônscio de como minha mente opera, e não procurar saber como me tornar menos medíocre. A pretensão, o desejo do espírito de transformar a sua mediocridade em algo inteligente, sensato, leva-o a indagar e a tentar achar a definição; e uma vez encontrada uma definição adequada aos interêsses da mente, começa ela a pôr em prática essa definição. Não é medíocre a mente que assim procede? Espero estejais observando a vossa própria mente em função, e não apenas a escutar-me as palavras. Minhas palavras só vos estão chamando a atenção para o funcionamento da mente, da vossa mente. Estais, por conseguinte, observando-a em operação, e **não** a seguir o que digo.

Quando a mente compara, porque, em razão do seu temor ou seu desejo de certeza ou de mais segurança econômica, ela deseja "vir a ser" — não está aí a mente medíocre, vale dizer, a mente medrosa? Enquanto houver te-

mor, tem de haver comparação, tem de haver o processo de "vir a ser", da imitação, do ajustamento. Não é, pois, a mediocridade o estado próprio da mente que, em se achando descontente, encontra aí um modo fácil de apaziguar o seu descontentamento? Pensamos que o descontentamento é prejudicial, não é verdade? Pelo menos nos dizem que não devemos estar descontentes. Não é verdade isso? O apaziguamento do descontentamento não é um sinal de mediocridade? Não estou definindo a mediocridade, mas tão sòmente observando como funciona a mente medíocre. Não busca confôrto a mente medíocre, quando sente arder em si a chama do descontentamento? É isto o que queremos quase todos nós: encontrar o contentamento. Estando descontente, desejo encontrar uma pessoa, um lugar onde possa estar em paz. Que acontece, então? Minha mente logo encontra uma maneira de apaziguar-se, de estar quieta, não perturbada — é isso o que chamamos "traqüilidade da mente". Minha mente se torna, a pouco e pouco lerda, esgotada, porque não compreende verdadeiramente, totalmente, o processo do descontentamento. Um espírito descontente se torna às vêzes muito atilado, impulsivo, agressivo; e, também, medíocre, porque está tentando transformar **o que é** noutra coisa.

Não é, pois, medíocre a mente que sempre e sempre se está esforçando por "vir a ser", não só neste mundo aquisitivo, mas também no chamado mundo espiritual, que subentende o princípio hierárquico? — "Vós sabeis e eu não sei; vós sois o **guru**, que me guia para a segurança". Todo êsse processo mental denota um espírito medíocre. O "vir a ser", fora do **que é** — "Sou pequeno; sou ignorante; sou **isto** e quero tornar-me **aquilo**, tornar-me o mais excelente: Deus, Comissário, Primeiro Ministro"; êsse perene "vir a ser", no desejo de **mais**, não só fisiológica ou psicològicamente, mas também espiritualmente, não é a causa de todo descontentamento? Êsse processo, no seu

todo, não é um indício de mediocridade? Percebeis agora que a coisa é exatamente assim — percebeis isso, não só verbalmente, mas realmente, como um fato, um fato incontestável? A mente que se apega a Deus, Buda, Sankara, Aristóteles, Gandhi, X, Y ou Z, não é também medíocre, visto ser incapaz de descobrir por si mesma o que é a Verdade? Ela, por conseguinte, tem de perceber o fato. Ora, quando vos vêdes em presença do fato, qual é a ação da vossa mente? Como funciona a vossa mente quando estais diante do fato? Se estiverdes plenamente cônscio do fato, vereis que a vossa mente logo pergunta: "como posso transformar o fato?" Não é assim? "Estou percebendo, depois do que acabais de dizer, que a minha mente é medíocre. Que devo fazer?" — Esta pergunta mesma demonstra que não compreendestes o problema. Se quando vos vêdes em presença do fato da mediocridade, dizeis "que devo fazer?" — estais ainda na rêde da mediocridade, porque estais interessado em modificá-la. Não estais cônscio do fato e da verdade respectiva. Vosso próprio desejo de modificar a vossa mente medíocre numa coisa superior, vos está impedindo de ser criador — não a criação que consiste em escrever poemas, por mais geniais e por mais maravilhosos que sejam. Aquela criação que é atemporal, não ligada a nenhuma classe, nenhum grupo, nenhuma religião; que é a Verdade, que é Deus (ou como quiserdes chamá-lo), aquela criação não pode ser alcançada pela mente medíocre, a mente que diz "tenho de ser criadora, tenho de conseguir tal coisa, tenho de saber mais". A criação, porém, só vem quando a mente está frente a frente com o fato, e quieta.

O fato da mediocridade e a mente em presença dêsse fato, sem ter o desejo de alterá-lo, constitui o "estado de ser" em que se dissolve a mediocridade. Mas isso requer uma grande vigilância por parte da mente, e não se pode

estar vigilante quando há mêdo: não é possível. O mêdo nos torna embotados, priva-nos da inteligência. Uma pessoa que teme pode ser muito hábil, ocupar as mais altas posições no país, conhecer tôdas as Escrituras, galgar a escala social ou a escala hierárquica da chamada "espiritualidade" — que é pura ilusão; seu espírito, porém, não é mais do que um espírito em trevas e só capaz de inventar malefícios e ilusões. Enquanto não dissolvermos êsse centro de temor — não se trata de "como dissolvê-lo?" — não podemos ser criadores. Estar cônscio do temor, sem nenhum desejo de dissolvê-lo, de vencê-lo, de fugí-lo — êsse próprio descobrimento do fato, e o "permanecer com o fato", é a dissolução do temor.

Um cavalheiro pergunta: "Se vivo num país como êste, com um vizinho agressivo e destruidor, qual deve ser a minha ação?" Ora, Senhores, examinemos esta questão, não nos preocupando sôbre o que nos cumpre fazer, mas, sim, sôbre como devemos pensar no problema, como devemos aplicar-nos ao problema. O que cumpre fazer, a ação que deve ser empreendida — isso vós o descobrireis quando vossas mentes estiverem esclarecidas. A Índia, infelizmente, foi dividida em Paquistão e Índia. Essa divisão se deve a muitas causas — à sofreguidão dos políticos, desejosos de poder imediato, e ao desejo dos políticos de outros países de fazer uma Índia desunida, "dividindo para governar", como se vem fazendo há séculos. Não é um simples fato determinado pelas circunstâncias e, sim, o produto de uma evolução. Como devemos fazer face a êsse fato? Como o enfrentais? Vós o enfrentais com o armamento, e com isso prolongais o problema. Não é verdade? Estais armado e eu estou armado; e por ação do terror mútuo, esperamos ter paz; é o que o mundo está fazendo, e isso é o resultado do nosso pensar incorreto. Não achais? Vêde como o mundo está dividido. Supondes que a Índia é

uma nação independente, soberana; e a Inglaterra também é uma nação independente, soberana, etc. — diferentes nações soberanas, com bandeiras diversas, diferentes ministros, diferentes leis, diferentes barreiras econômicas. Temos mantido esta situação com a nossa avidez e o nosso temor; e perguntais: "como devo agir e que devo fazer, como indivíduo?" Não é êste o problema? Ora, podeis pôr côbro a esta divisão? Os políticos querem dividir, porque só assim êles podem ter mais poderio. Não estamos vendo a mesma coisa acontecer, na vizinhança — os Andhras e os Tamils? Não com tanta brutalidade, com tanto antagonismo — o que está em jôgo, porém, é a mesma coisa. Não é verdade? Dessa divisão tereis novos problemas; e quando surgirem êstes problemas, direis "que devo fazer?" Nessas condições, a única coisa que se pode fazer é pensar de maneira totalmente diversa, como um ente humano — e não como Tamil, Telugu, hindu, cristão ou comunista: pensar como um ente humano "integrado", todo interessado no problema.

Apenas há o problema, e não, solução para o problema. No momento em que fazeis a pergunta "que devo fazer?", já não estais dentro de um sistema de pensamento que irá dividir-vos? Porque então vós tendes um sistema e eu tenho outro sistema. Vêde bem a importância disso. Só há **o homem**, e não o inglês, o russo, o alemão ou o hindu. Desde que haja verdadeiramente uns poucos pensando dessa maneira e criando um novo processo de pensamento com respeito a estas questões, outros virão juntar-se a êles antes do que a criar sofrimentos e destruição, em escala maior ainda. Esta resposta não vos satisfaz, pois quereis tão-sòmente solução imediata para o problema, que foi criado através de séculos pelo nosso desejo deliberado de ocuparmos uma posição melhor do que o nosso vizinho, de sermos mais inteligentes, de cultivarmos o in-

telecto, de explorarmos os outros — sendo assim, infelizmente, que se tornou o brâmane hoje em dia. Depois de criardes o malfeito, dizeis: "como irei proceder com êle?" Não podeis ter trato com êle, porque êle subsiste de momento a momento. O que podeis fazer é apenas ter uma percepção total do problema, e essa percepção trará a revolução. Entretanto, não gostais de ter esta percepção.

Antes de passar a responder a qualquer das perguntas a mim dirigidas por escrito, presumo que alguns de vós desejareis fazer perguntas em relação com a palestra que acabo de pronunciar.

PERGUNTA: *Pode a mente medíocre, tal qual é, "realizar" o* seu *preenchimento?*

KRISHNAMURTI: Senhores, isto depende. Esta é uma "reunião de perguntas e respostas" e não uma "reunião de discussão". Se desejardes discutir, tende a bondade de vir na segunda, terça ou quarta-feira pela manhã, quando poderemos discutir êste problema. Deixai-me, pois, explicar o significado da questão. Porque, se compreenderdes a questão, encontrareis a resposta na própria questão; não tendes de me perguntar nada.

Pode a mente medíocre "realizar" Deus? Não é isso, Senhor? Podeis usar as palavras "realizar **o seu** preenchimento" — o que quer que elas signifiquem. Pode a mente ser libertada, pode a mente achar a Verdade, Deus? Senhor, tende a bondade de escutar. Pode a mente medíocre, pequena, perturbada, a mente mesquinha, dividida, vulgar, achar a Realidade? A Realidade é coisa totalmente desconhecida. É uma coisa que só pode existir momento por momento, e não uma coisa fixa num ponto, onde eu possa ir apanhá-la. Se ela está fixa num ponto para eu alcançá-la, ela é uma invenção da mente. Criamos Deus à nossa

imagem, não é verdade? Todos os livros, todos os templos estão cheios dos produtos da nossa mão — a palavra, a imagem ou o símbolo, que a mente considera muito importante, porque tem mêdo de descobrir por si mesma. Pode uma tal mentalidade descobrir a Verdade ou "realizar o seu preenchimento" — o que quer que signifique "seu preenchimento"? Pode a mente pequenina, que só pensa em têrmos de "adquirir mais", em têrmos de tempo — fazer algo amanhã, alcançar alguma coisa na próxima vida — pode uma tal mente compreender o que é atemporal, aquilo que está além das exigências psicológicas temporais, oriundas do desejo? Não pode, evidentemente.

Senhores, Deus não é uma coisa que se pode adquirir como se adquire um terno de roupa ou uma virtude. É algo incomparável, atemporal, inimaginável, inefável: não podeis ir a Êle. Êle deve vir a vós, e tão-sòmente quando o vosso espírito não mais está buscando. Porque estais **buscando**, agora, com o fito de adquirir, de ter confôrto, com o fito de vos tornardes algo; porque só pensais em têrmos de tempo, de desenvolvimento, obtenção de resultados — não podeis nunca saber o que é a Realidade. Mente assim, é mente medíocre. Ela é capaz de inventar frases, de falar a respeito de Deus, a respeito da Verdade. Essa mente, porém, não pode ter a experiência da Realidade. Quando a mente já não compara, não adquire — só a essa mente que está tranqüila, pode a Realidade manifestar-se; e essa Realidade não é contínua, ela existe de momento a momento. O que **foi**, não **é**, e o que **é** não **será**. Senhores, isto não são meras palavras. Quando examinardes realmente o problema relativo a tudo o que acabo de dizer, descobrireis por vós mesmos o que é ser criador. Tereis, vós mesmos, a mente que já não compara, já não adquire, a mente que ingressou num "estado de ser" — e nesse ser a Realidade penetra. A Realidade não é sempre a mesma. Por conseguinte, a mente não pode escrever

ou falar sôbre a Realidade, descrever a Realidade. A Realidade não tem nenhuma atração. Não posso dizer que ela me atrai. Por conseguinte, é fútil e tolo falar a êsse respeito.

Só quando a mente já não está buscando, já não está exigindo, procurando, desejando tornar-se alguma coisa — só então a mente está tranqüila; e esta tranqüilidade não é consciente; esta tranqüilidade varia de momento a momento. A mente que só conhece a continuidade não é tranqüila. Tudo isso exige muita paciência, percebimento e autoconhecimento. Êsse autoconhecimento não é o conhecimento de um certo "ego", de que ouvistes falar nos livros e dentro do qual fostes condicionado e educado; mas do vosso "ego" de todos os dias, o "ego" que procura, busca, deseja, adquire, que está descontente, que corrompe, que é ávido em vão, e inventa a hierarquia com o fim de firmar cada vez mais o seu poderio. Tal é a mente, que cumpre ser compreendida. E ela só pode ser compreendida momento por momento, quando andais, quando falais. Vereis, se observardes a linguagem com que falais ao vosso criado, quanto está condicionada a vossa mente, inutilizada pela tradição; esta mente nunca há de achar a Realidade. É necessária uma revolução total do nosso pensar, para que o atemporal possa acontecer.

12 de dezembro de 1953.

## — IV —

QUASE todos nós temos muito interêsse no problema da transformação. Todo problema e tôda mudança parece produzir mais problemas, sofrimentos mais complexos, e perturbações de tôda ordem. No nosso refletir sôbre o problema e no processo de passarmos do **que é** para **o que deveria ser,** criamos outros problemas, não é exato? Não sei se já pensastes a êste respeito. Todos já deveis ter notado que no processo de nos modificarmos criamos problemas, não só em nossa vida diária, mas também politicamente, socialmente, a todos os respeitos. A própria revolução traz outros problemas e, no entanto, queremos passar para um estado ou para uma etapa onde não sejam criados mais problemas. É isso o que todos desejamos, não é verdade? Reflitamos, pois, juntos, nesta questão, de maneira completa, porque ela exige um pouco de atenção e penetração daquilo que estamos a discutir.

Não estou interessado em guiar-vos nem vos torcer o pensar para adotardes um determinado padrão. Mas nós estamos muito interessados no problema da transformação, porque percebemos a necessidade dessa transformação. Por exemplo, os mais de nós, quando jovens, somos muito insatisfeitos, descontentes; investigamos, tateamos, enveredamos por diferentes caminhos, buscando o saber, o esclarecimento; procuramos um **guru,** um Mestre que possa ajudar-nos a sair do nosso descontentamento e pôr fim à nossa busca, dando-nos saber, esclarecimento e penetração

das coisas. No momento em que encontramos alguém capaz de dar-nos o saber, um método de ação, um método de vida, chega ao seu fim a nossa insatisfação, e ficamos a seguir tal padrão de pensamento durante anos e anos. É o que acontece com a maioria de nós, não? Se voltardes em pensamento à vossa juventude, vereis como é isso o que acontece com a maioria de nós. Vejo a desigualdade neste mundo, onde há ricos e pobres, onde um sabe muito e outro quase nada, onde há miséria, pobreza, guerra, competição; quando sou jovem, fico descontente com isso e me ponho a procurar algo — ingresso no partido comunista, no partido socialista, ou me torno muito devoto, muito religioso. No momento em que me junto a um grupo, esperando que isso produzirá a transformação, acaba-se o descontentamento. Quero a transformação de acôrdo com um dado padrão de pensamento, uma determinada linha de ação. E então o descontentamento fica restrito ao padrão que estamos seguindo. É o que acontece com a maioria de nós, não é verdade? Depois de estarmos cristalizados, entranhados das coisas que aceitamos, está destruído o nosso descontentamento. E temos então necessidade de uma sanção, necessitamos da autoridade para nos manobrar para fora de nossa linha fixa de ação. E recorremos, assim, a uma autoridade como o meio extremo de produzirmos uma transformação em nós mesmos.

Esta é realmente uma questão muito importante, e eu não estou torcendo esta questão para o meu lado — minha maneira especial de pensar, de olhar, de investigar; mas isto é o que está acontecendo. Há uma revolução tremenda em milhares e milhões. Certas pessoas têm determinada idéia sôbre de que natureza deveria ser a transformação e como deveria ser levada a efeito, como se deveria edificar uma sociedade. E essas pessoas assumem então poderes providenciais e moldam, formam, controlam os indivíduos, porque, dizem elas, os indivíduos têm de ser

transformados e, portanto, precisam ser mantidos dentro de um certo padrão de ação, pois, do contrário, não pode haver ação unificada. Assim, todo o mundo, inclusive a pessoa que está embotada, que se tornou pesada, insensível, todo o mundo se interessa pelo problema da transformação. Podeis não transformar-vos; podeis ter os vossos cantinhos de retiro, vossos jardins bem guardados, onde nada pode penetrar; vossa mente pode estar tôda fechada em idéias e sistemas. Mas, mesmo nessas mentes há de existir o germe da ansiedade, a preocupação da transformação, visto que tudo se transforma. — Transformar-nos, em que? Não sabemos em que; gostaríamos, porém, de passar ao estado onde se mostra o Real, onde não se criarão mais problemas, mais ansiedades, mais sofrimentos. Afinal, somos entes humanos. Temos um certo senso de responsabilidade, e, também, há uma coisa que se chama Amor, embora abafada, feita em pedaços; mas essa coisa existe. Vemos que há sofrimento, pobreza, guerras, poderosos e fracos; e aquêle amor deve agir e, de algum modo, achar um caminho.

Não estamos todos muito interessados neste problema da transformação? Como é fácil nos satisfazermos, quando sentimos em nós o descontentamento, que pensamos ser uma coisa muito nociva! Dai a um homem que é comunista, socialista, um homem apaixonado por êste problema da transformação, dai-lhe um bom emprêgo, uma situação garantida; ou esperai que se case e tenha filhos — e êle já não é mais o mesmo homem: torna-se capitalista como nós outros, pois deseja que a sua transformação perdure numa só direção. Quando nos transformamos, nossa transformação consiste numa mudança para determinada casta, uma mudança em determinada direção. Não é, pois, um problema que interessa a cada um de nós, — a transformação? Transformação em que? Queremos mudança; e no processo de mudar encontramos problemas, e a própria

mudança acarreta tantas catástrofes! Por isso, a mente hesita. Que devemos fazer? Reflitamos juntos a êste respeito; pois seria muito estúpido se ficásseis apenas a ouvir e eu a falar. Investiguemos juntos, vós e eu, a verdade relativa a esta questão, não a **minha** verdade ou a **vossa** verdade — pois a verdade não é pessoal — investiguemos como se deve pensar a respeito dêste problema, e não **em que** devemos transformar-nos. Tôdas as religiões, todos os grupos, tôdas as associações, tôdas as filosofias dizem: "Sois **isto**, transformai-vos **naquilo**" — e no processo da mudança há conflito, interior e exteriormente. O conflito não é indício de inteligência; pelo contrário, êle embota o espírito. O indivíduo se torna insensível, embotado, fatigado — como quase todos nós estamos, principalmente os mais velhos, que têm lutado, batalhado, disciplinado, desejosos de mudança, de resultado.

Dai, pois, tôda a atenção só ao problema, e não ao **meu** método de atender ao problema, pois, como já declarei, não tenho método algum. Pensai no problema, mas não com a idéia de conclusão ou de como produzir uma transformação, nem com a idéia de descobrir o em que deveis transformar-vos. Prestai atenção só ao problema da revolução completa que não produzirá outros problemas. Vêde o que está acontecendo no mundo. Temos Índia e Paquistão, essencialmente uma só nação, hoje duas nações e, conseqüentemente, mais perturbações, mais guerras e devastações, mais competição e luta entre os dois. O mesmo acontece na Europa: por tôda a parte esfacelamento, desintegração. Todo líder, todo político dogmático, todo religioso intolerante diz que o caminho por êle indicado é o caminho que deveis seguir para vos transformardes. Assim, pois, se pudermos — ainda que seja só durante esta tarde — afastar de nós todos êstes pensamentos, para investigarmos o em que nos devemos transformar, então, talvez alcancemos uma compreensão que não seja mera-

mente um produto de esfôrço ou luta. Em primeiro lugar, a investigação deve ser esta: qual a intenção com que desejais transformar-vos; qual a justificação que necessitais para vos transformardes; que espécie de compulsão, que espécie de "motivo" necessitais para produzir a transformação? Esta pergunta é muito importante, não achais? Dela depende se ireis ser transformados ou não. Se tôda a minha estrutura, se meu pensamento se formou sôbre uma base de "aquisitividade", como acontece com a maioria de nós, sôbre uma base de descontentamento que exige "mais": "vós tendes e eu não tenho, mas hei de ter" — isso indica que nosso descontentamento é aquisitivo; então, êsse descontentamento arrasta a mente consigo.

É possível a transformação, sem compulsão de espécie alguma? Dai tôda a atenção a isto. Estou pensando alto, não vos estou fazendo uma preleção. É um problema o como transformar os indivíduos que detêm o poder, que ocupam altas posições, que têm autoridade, que crêm em coisas tão absurdas e insensatas. Como transformá-los, e como transformarmos a nós mesmos? Não devo investigar a razão por que quero transformar-me? Que me impele a isso? Qual o "motivo", em que direção? Nós, em geral, nos transformamos, não é verdade? — quando nos garantem que aquilo em que nos vamos transformar é satisfatório, confortável, proveitoso. Estais seguindo? Transformo-me, se tenho a garantia de uma autoridade, de um "homem que sabe", de um **guru**, de um sistema, de alguém que escreveu um livro — se tenho a garantia de que, se eu fizer **tais** e **tais** coisas, **tal** resultado será obtido. Compreendeis? Vindes escutar-me; por que? Não é, principalmente, porque esperais que de uma ou de outra maneira eu vos diga algo que vos ajude a transformar-vos, a adquirir, a ser mais felizes, a ser diferentes? Isto é transformação? Se eu pudesse garantir-vos, ou se eu fôsse tão estúpido para garantir-vos que, se vos modificardes, tereis

a felicidade, **Moksha** ou seja o que fôr, lutaríeis então violentamente por essa aquisição. Mas isso seria transformação? Isto é, quando sabeis, quando estais cônscios, quando vos estais encaminhando deliberadamente para "o conhecido", isto é transformação? Compreendeis? Há transformação em mim, quando passo de um estado conhecido para outro estado conhecido? Êsse outro estado conhecido tem sempre de nos ser garantido, demonstrado satisfatório, certo, desde que percorramos todo o caminho que a êle conduz.

Só há transformação, se vamos do "conhecido" para o "desconhecido", e não do conhecido para o conhecido. Refleti sôbre isso, junto comigo. Na mudança do conhecido para o conhecido, existe a autoridade, existe o conceito hierárquico da vida: vós sabeis, eu não sei, por isso vos venero, crio um sistema, sigo um **guru**, sigo-vos, porque ides dar-me o que desejo saber, ides dar-me a certeza de uma conduta que produzirá o resultado, o bom êxito a que aspiro. O bom êxito é o "conhecido". Eu sei o que é "ter bom êxito". É isso o que quero. E assim procedemos, passando do conhecido para o conhecido e, aí, tem de existir a autoridade, a autoridade da sanção, a autoridade do líder, do **guru**, da hierarquia — o homem que sabe e o homem que não sabe. E o homem que sabe tem de garantir-me o bom êxito dos meus esforços para transformar-me, tornar-me feliz, alcançando o que desejo. Não é êste o motivo que inspira a maioria de nós a transformar-nos? Observai, por favor, o vosso próprio pensar, e vereis quais são as tendências de vosso existir e de vossa conduta. Construímos, pois, uma sociedade, construímos uma estrutura onde vigora apenas êste princípio da autoridade, a autoridade do homem que sabe e que nos ajudará a alcançar o estado em que eu também saberei, em que terei a suprema satisfação de atingir a meta; e isso se chama "transformação"! Não estou torcendo as coisas

para acomodá-las ao meu especial modo de pensar; isto é exatamente o que está acontecendo em nossa vida diária. Isto, se o examinardes, é transformação? A transformação, a revolução é uma coisa que vai do conhecido para o desconhecido e que pode redundar em completo malôgro. Se se vos garante, porém, que alcançareis o alvo desejado, que sereis bem sucedido, feliz, e vivereis a Vida Eterna, então não há problema nenhum para vós: continuareis a seguir a bem conhecida linha de ação, ou seja aquela em que vós ocupais sempre o centro das coisas.

Nessas condições — se pensamos a fundo nisso — não existe um problema, tal seja: se o tempo pode pôr em movimento o processo da transformação? Compreendeis? Sou ávido, ganancioso, invejoso; estou contando com o tempo — amanhã, depois de amanhã, o próximo mês, o próximo ano — como o meio de destruir a minha avidez, de vencer a minha violência, a minha paixão. O tempo pode produzir transformação, revolução? Êsse requisito psicológico do tempo não é um processo que corresponde ao nosso desejo de estarmos certos? Afinal de contas, o tempo, o processo psicológico de alcançar um resultado através do tempo — não é isso uma invenção da mente, para sua própria conveniência, com o fim de não se transformar mas continuar pelo mesmo padrão de vida, dando-se-lhe apenas um nome diferente? Vêde bem: "Sou violento; tenho o ideal da não-violência" — de que tanto se fala na Índia; outras nações, infelizmente, têm outros ideais — "sou violento, e a não violência está do lado oposto; para chegar até lá, necessito um intervalo de tempo. Eu vou chegar lá — ao estado a que aspiro, o estado ideal. Imagino ser êste o estado em que serei feliz, o estado perfeito, onde não existe a violência. E para chegar lá, vencer essa distância, transportar-me até lá, preciso do tempo". — Êste processo de transportar-me "daqui para lá" se chama "progresso para o estado de

não-violência". Êsse estado de não-violência é de fato "não-violência"? Estais seguindo? Ou é uma simples idéia, sem nenhum contacto com **o que é**? Compreendeis senhores?

Sou violento. Como transformar essa violência? Tal é o problema; não a transformação **em alguma coisa,** mas a transformação completa **do que é.** Interessando-me tão sòmente a completa transformação do **que é**, não existe então mais o que **deveria ser.** E o tempo não entra mais em linha de conta: já não há o problema filosófico do tempo. Se estou muito interessado na revolução, na transformação completa total, não devo pensar em têrmos de tempo — do tempo, que é pura invenção da mente. Por conseguinte, a mente que deseja tranformar-se jamais o conseguirá, pois ela só pode modificar o que existe como "continuidade". Achais muito difícil isto que estou dizendo? Não sei se o compreendeis. Em primeiro lugar, êste problema é muito difícil. Não conheceis senão a mudança dependente do tempo, do conhecido, da compulsão, do ambiente social, da pressão. Só essa mudança conhecemos. Dentro dêsses limites pensamos e somos impelidos a nos modificarmos ràpidamente. Entretanto, não conhecemos a transformação espontânea em que não temos consciência de nenhum esfôrço para nos modificarmos; porquanto, quando a mente consciente diz "vou transformar-me" — isso requer esfôrço; e quando a mente faz um esfôrço consciente para se transformar, subentende-se o tempo. Segui o que estou dizendo. Se o fizerdes, prestai tôda atenção, e vereis como é extraordinária a transformação que se opera sem fazerdes esfôrço algum.

Assim, pois, quando a mente consciente resolve transformar-se, necessita do tempo, e o tempo implica a continuidade da mesma coisa, sob forma modificada. Nunca é revolução. Não é mais "o que foi", mas uma "continuidade" do que foi. Quando há um ato consciente, deliberado,

para se adquirir a virtude, por meio da meditação, de exercícios, isso implica o tempo, não é verdade? O tempo é a natureza mesma do "eu", cuja tendência é adquirir, ser. O homem que diz: "devo esquecer-me de mim mesmo na virtude e, portanto, vou praticar a virtude", está vestindo o seu "eu" com a capa da virtude; é o "eu" disfarçado de "virtude". Conseqüentemente, é o "eu" a causa de tôdas as perturbações, a causa de tôdas as devastações e sofrimentos. Quando a mente consciente se vale da autoridade, da sanção, como meio de produzir a transformação, não pode deixar de estabelecer uma perspectiva hierárquica da vida, onde não existe amor. Quando seguis um **guru**, porque êle "sabe", não tendes amor; tendes apenas temor, encoberto com as palavras "devoção", "obediência", "sacrifício"; porque, no fundo, vós quereis estar seguro, quereis atingir a meta; não desejais sofrer, descobrir, esclarecer-vos — porque isso implica incerteza, investigação. Assim, pois, o homem que se interessa pelo problema da transformação, tem de fazer frente a tudo isso. Só o mais estúpido ou o mais hábil dos políticos diz que "sabe" e assume o papel de Providência.

Nosso problema, pois, é a mudança para o "desconhecido" e não para o conhecido; e esta é a única revolução: a transformação que se produz quando o desconhecido começa a existir na minha mente. Prestai atenção. Quando o desconhecido começa a existir, êle não pode coexistir com o "eu", que está conscientemente a perseguir algum objetivo. Enquanto não se tornar existente êsse desconhecido, essa Verdade — e só ela pode construir — todo esfôrço será vão. Assim, para que se torne existente aquêle desconhecido, deve a mente despojar-se de tudo o que aprendeu, na sua busca de proteção; deve a mente estar completa e totalmente vazia, para receber o "desconhecido"; a mente, ela própria, deve estar no "estado do desconhecido".

Então, partindo dêsse "desconhecido", nós edificaremos, e o que edificarmos será eterno. Mas sem êle, aquêles que labutam para construir, o fazem em vão e só produzem mais sofrimentos e maior caos no mundo.

Foram-me enviadas muitas perguntas, a que tentarei responder. Não darei respostas, mas nós investigaremos juntos os problemas para encontrarmos a verdade respectiva. A Verdade não é vossa nem minha; não é o que convém a vós ou o que convém a mim. A Verdade não é uma conveniência, não depende do temperamento de cada um. Ela apenas existe, quando não tendes temperamento. Não tenho temperamento quando não tenho opinião, quando não julgo nem comparo. A Verdade só existe quando eu não existo e quando vós não existis. Por conseguinte, ela nada tem que ver com a vossa satisfação ou com a minha satisfação; não está em nenhuma relação com vossa conveniência ou inconveniência; ela **existe**. Só o sábio, o homem experiente, que sofre, que ama, só êste a conhecerá.

PERGUNTA: *Senhor, que gôsto vos dão estas palestras e discussões? É claro que não levaríeis isso avante durante vinte e tantos anos, se não vos desse gôsto. Ou será apenas a "fôrça do hábito"?*

KRISHNAMURTI: Aí está uma pergunta muito natural. Porque o interrogante sabe apenas que um conferencista usufrui sempre alguma vantagem em fazer conferências, algum benefício pessoal. Ou será simplesmente velhice? Ou — velhice ou não velhice — será hábito? É só com isso que o interrogante está acostumado; por isso; fêz esta pergunta.

Qual é a verdade nela contida? Falo por hábito? Que se entende por hábito, "fôrça do hábito"? Porque venho falando há vinte anos, continuarei falando, falando, até

morrer? A compreensão de qualquer coisa, tem alguma relação com o hábito? O emprêgo de palavras é "habitual"; mas o significado das palavras varia conforme o percebimento da Verdade, momento por momento. Se um conferencista tira vantagem de fazer conferências, êle então vos está explorando. É com isso que estamos acostumados, os mais de nós. Mas êsse conferencista está-se servindo de vós como meio de preenchimento próprio, e isso, seguramente, destrói o que é Real. Se estamos interessados em descobrir a Verdade e **o que é**, a cada momento, nisso não pode haver continuidade; todo hábito, tôda certeza, todo desejo de preenchimento, de engrandecimento próprio — tudo isso tem de cessar, não tem? Do contrário, esta é uma outra maneira de explorar, de iludir os outros; e isso, naturalmente, não nos interessa.

Há muitas perguntas a respeito dos **gurus**: "Devo seguir minha própria mente ou o meu **guru**?"; "Vós despertais em nós o desejo de descobrir a Verdade; por isso nos sois indispensável"; e, com sentido semelhante: "a verdadeira realização é essencialmente uma questão individual. As filosofias, os sistemas, os **gurus**, os Mestres, nos dão ajuda, acendendo a centelha dentro em nós, e, portanto, não são êles necessários?"

Esta é, com efeito, uma questão muito persistente, para a maioria de nós. Queremos alguém para despertar-nos, queremos um inspirador, queremos um guia, alguém que nos diga como devemos comportar-nos, que nos diga o que é o amor e o que devemos amar. Interiormente estamos vazios; interiormente estamos confusos, incertos, sofremos. E, por isso saimos a implorar que nos ajudem, nos inspirem, nos guiem, nos despertem. Prestai atenção a isto. O problema vos diz respeito e não a mim; e porque vos diz respeito, deveis encará-lo, compreendê-lo, em vez de ficardes a repetí-lo ano após ano, até morrerdes, confuso e desorientado. Dizeis indispensável um "inspira-

dor", ou que um **guru** é uma necessidade. Para que? É necessário um **guru**, para que sejais conduzido àquilo que chamais a Verdade, Deus, "vosso preenchimento?" Compreendeis? Desejais ser guiados. Isto implica muitas coisas. Em primeiro lugar, a Verdade não é uma mansão ou uma coisa fixa, para ser compreendida; ela não está num ponto fixo do tempo, bastando que sejamos bem guiados para lá e que no-la mostrem. Se sois guiado ou ajudado, ou se vo-la mostram, então não é a Verdade; é apenas uma invenção da mente, uma invenção desejável, porque vos dará satisfação, certeza, e vos fará feliz. Prestai, pois, atenção a isto.

A Verdade não está num ponto fixo do tempo. Só se ela está num ponto fixo pode a mente compreendê-la. O que a mente pode compreender é criação sua e, portanto, não tem relação nenhuma com a Realidade, com Deus (ou como quiserdes chamá-lo). Não podeis ser guiado à Realidade, porque ela é uma coisa viva, porque ela nunca é a mesma de dia para dia, de momento a momento. Porque desejais permanência, um estado de continuidade, procurais um **guru** que vos conduza a isso que desejais. Mas o que desejais não é a Verdade, e não podeis ser guiado para descobrir a Verdade. Compreendeis? O processo de guiar-vos para descobrirdes a Verdade, não é descobrimento. Não podeis ser guiado para descobrí-la; ela tem de ser descoberta por vós mesmo. Ninguém pode guiar-vos para descobrí-la. Isto é uma contradição. Deve-se, portanto, deixar-me descobrir a Verdade. Tende a bondade de perceber isso.

Uma das pragas que nos afligem, aqui na Índia, é precisarmos ter alguém que nos desperte, um **guru**, um Mestre, alguém que nos ajude, que nos guie, para acharmos a Verdade; e, neste desejo de encontrarmos a Verdade, contruímos uma hierarquia de autoridade. A criação da autoridade e da hierarquia, destrói o amor, por-

que então empurramos todo o mundo, pisamos todo o mundo, em nossa ânsia de alcançar a meta. Falais de fraternidade, fundais sociedades de fraternidade; e, no entanto, sustentais a hierarquia, o sistema de castas. Por conseguinte, não estais procurando a Realidade. Se estais realmente à procura da Realidade, não estendereis a mão para pegá-la, porque a Realidade tem de vir a vós. Não podeis chamá-la, não podeis buscá-la, porque ela está presente a cada segundo, bastando que saibais olhá-la. O que desejais não é a Verdade: desejais confôrto, desejais segurança, sucesso, desejais vosso próprio preenchimento, que é o prenchimento do "eu" em Deus, na Verdade, que é o "eu" subsistindo sempre, durando sempre. É só isso que vos interessa. Quereis segurança — segurança espiritual e bem assim segurança econômica; e como sabeis muito bem que não há segurança econômica, aspirais à permanência na espiritualidade; a êsse estado permanente chamais "a verdade". Eis porque tendes guias, organizações religiosas, filosofias, **gurus**, a vos garantirem, todos, a segurança, a permanência, para vosso confôrto próprio.

Tanto o que garante como o que busca a sua garantia estão nas malhas da ilusão. Não procuram a Realidade. Se realmente compreenderdes isso, afastareis de uma vez por tôdas os vossos **gurus**; porque a luz não está num **guru** nem se acha com a ajuda de um **guru**; ela está em vós mesmo. Todavia, ninguém vos pode guiar para achá-la, pois tendes de fazê-lo por vós mesmo. Quando afirmais estardes a procurar a Verdade, isto é superstição e vaidade; e aquelas pessoas vos exploram por meio de vossa superstição, por meio de vossa vaidade. Por certo, para achardes a verdade, tendes de estar despojado de todos os desejos, tendes de estar só, independente, desabrigado. Só então surge a Verdade. Só então é possível criar um mundo novo, um mundo sem problemas. Porque então

há ação não inspirada pelo temor, não inspirada pelo desejo de certeza, mas proveniente daquela Realidade, que é o Desconhecido.

O interrogante pergunta: "Que devo seguir, a minha mente ou o meu **guru?**" Vosso **guru** foi feito ou nasceu ou foi escolhido pela vossa mente, pelo vosso temperamento, pelo vosso gôsto ou desgôsto, pela vossa conveniência; vossa mente cria o **guru**. Por conseguinte, já estais seguindo a vossa própria mente, e não existe **guru**. Estais seguindo os vossos desejos, e vosso desejo é estar em segurança, em confôrto, ter a certeza de um grande êxito. Não sois bem-sucedido neste mundo, por felicidade vossa; por conseguinte, desejais — infelizmente — ser bem-sucedido no outro mundo. O homem que busca bom êxito jamais encontrará a Realidade. Senhores, a mente tem de ser compreendida, as tendências do nosso pensar precisam ser sondadas, penetradas. Conhecereis, então, as operações, as engrenagens da vossa mente, e vereis como a mente, no seu desejo de segurança, é capaz de "projetar" tudo: ilusões, mestres, **gurus**. A mente, pois, é o único **guru** que tendes; mas êste **guru** não vos ajudará; êste **guru** não vos guiará; êste **guru** só irá enganar-vos, trazer-vos mais confusão e mais sofrimentos. Tendes de compreender a mente, que cria a ilusão. **Escutai** — só isso! Não digais "ouvi o que disse Sankara" ou outros. O pensar comparativo não é pensar. Assim, pois, quando conheceis o funcionar da vossa mente, ela se torna tranqüila, espontânea e naturalmente, sem disciplina, sem compulsão; só então surgirá aquela Realidade. E aquela Realidade edificará um mundo novo; ela, e não a mente, não os vossos **gurus**. Porque aquela Realidade é Amor.

13 de dezembro de 1953

— V —

DEVEIS lembrar-vos de que, na semana passada, estivemos tentando examinar o problema da transformação. Êste me parece um dos problemas mais fundamentais com que o mundo se defronta hoje em dia, pois não sabemos em que é que devemos transformar-nos. Como não o sabemos, os religiosos profissionais chamam-nos a atenção para os Vedas, ou citam autoridades ou nos fazem seguir determinado sistema filosófico de pensamento, porque esperam, com efeito — se o observardes bem — oferecer-vos uma digressão satisfatória em determinada ação direta. Os próprios guias, como seus seguidores, estão muito confusos. Podem êles declarar estarem seguindo uma filosofia, sabemos o que estão dizendo. Se observardes, porém, com muita atenção, vereis que, fundamentalmente, êles estão muito confusos. Não convém, pois, que aquêles de nós que sentem verdadeiro interêsse, investiguem êste problema, para descobrir o que é a transformação e em que sentido ela deve ser feita? Estive apreciando esta questão na semana passada. Mas acho que, se pudermos examiná-la de um ponto de vista diferente, ficaremos aptos a compreender o significado mais profundo da idéia, da palavra "mudar". Talvez, se nos fôr possível investigar o que é religião, possamos compreender o que é "mudar". Mas, se não compreendemos o verdadeiro significado da religião, a mera reforma exterior é a coisa mais irrealista possível — como o têm provado

tôdas as recentes revoluções e reformas. Vejamos, pois, se nos é possível investigar sèriamente o que é religião; e, se lhe compreendermos o significado, não no nível verbal, mas entranhando-nos nêle, experimentando-o, talvez então estejamos habilitados a compreender a significação da palavra "mudar" e a realizar uma revolução — que, conforme temos apreciado nestas últimas semanas, é verdadeiramente essencial.

As coisas prosseguem como estão; e as pessoas que se acham estabilizadas numa posição, seja na ordem religiosa ou na ordem social, ou as que têm nas mãos todos os recursos do poder — essas, naturalmente, não querem revolução nenhuma; querem que as coisas continuem as mesmas — só modificadas. Mas, se temos realmente uma intenção muito séria de investigar o que é religião, é claro que devemos entrar no assunto sem nenhum "interêsse adquirido". Sabeis o que se entende por "interêsse adquirido", em relação com uma dada organização? Entende-se tôdas as vantagens dela decorrentes, a título de alguma coisa — benefícios pessoais, que logo se tornam um instrumento de exploração nas mãos do líder, do guia, embora êle o use em nome da paz, do Mestre, da filosofia, ou de determinada ideologia política. Por conseguinte, para investigarmos realmente o significado da religião, não é necessário começarmos indagando **não** o que é Deus, mas o que é a mente que pensa em Deus? Compreendeis? A mente que pensa em Deus ou crê em Deus e pratica várias formas de disciplinas e rituais, nunca conhecerá Deus ou a Verdade; pois a mente que crê, "projeta" sempre aquilo que é mais satisfatório para si. Eis um fato psicológico. Assim sendo, a mente que crê em Deus, ou na Verdade, ou noutra coisa qualquer, é evidentemente incapaz da verdadeira investigação, já que tem um "interêsse adquirido" na sua crença. Dessa crença lhe advém segurança, esperança, satisfação, um sentimento de bem

estar moral e físico. Essa mente, pois, não pode investigar nada e só pode enganar a si mesma e a outros. Jamais poderá ela encontrar o que é Real, visto estar psicològicamente comprometida num dado padrão de ação. Entretanto, a maioria das pessoas religiosas — assim chamadas — estão entranhadas de crenças, de rituais, de dogmas; e esta é a razão por que acham que êste mundo é muito turbulento e muito doloroso. Tôdas as relações levam ao conflito. Na vida ordinária de cada dia, não há nenhum mistério. Por isso, a mente necessita de um mistério, de algo sobrenatural — o culto do Estado, segundo Marx ou outro, ou o culto de uma imagem feita pela mão ou pela mente prêsa num certo dogma. O dogma se torna então um "mistério", visto que a mente o coloca neste plano e o considera como mistério. E nêle não se pode tocar, porque é misterioso demais, para que a mente possa compreendê-lo; mas, sem embargo, êle é uma invenção da mente, da premência psicológica. Espero estejais seguindo tudo isso. Não estou descrevendo outra coisa senão a mente de cada um de nós, a mente prêsa na rotina, no ramerrão diário da existência. Não há nenhum mistério em nossas relações pessoais, no sexo, na natureza. Já temos explorado tudo isso, mas queremos mistério, algo que esteja além, que exceda tudo o que o espírito possa inventar, tudo o que o espírito possa "projetar". Porém essa mesma "projeção" do mistério é processo da mente. E a mente, pois, deixa-se apanhar nas rêdes dêsse mistério, que é um dogma — dogma do Estado, dogma de um católico, dogma da crença de um hinduísta, ou do Mestre que vive "lá longe", misteriosamente, atrás de uma montanha. Vemos, pois, que a mente necessita de um mistério, para render-lhe devoção, um mistério por ela criado e limitado por uma idéia. E ao redor dessa idéia, dessa imagem, nasce um interêsse de propriedade, de poder, posição e autoridade. Sabendo-se, pois, tudo isso — que é

um fato trivial — só os embusteiros e os insensatos se deixam prender na armadilha, por interêsses materiais, por vaidade e ambição pessoal.

Pode a mente achar aquela Realidade? A religião, afinal, implica a busca da Realidade; e pode a mente tôda entranhada de ambições pessoais supersticiosas, sob tôdas as formas, pode a mente, que crê em dogmas, encontrar aquela Realidade? **Escutai**, por favor. Se desejais edificar um mundo novo, êle terá de ser edificado sôbre bases completamente diversas e não na base de minha ambição pessoal, vestida com o nome do Mestre, o nome do Estado, ou o nome de uma ideologia. Êle terá de ser edificado de maneira inteiramente diferente, porque do contrário teremos de continuar de guerra em guerra, em todos os níveis, não só guerra física, mas também guerra psicológica, guerra interior, de todos contra todos, com o fim de efetuar uma revolução radical. Não se requer, aí, uma libertação da mente — libertação da vossa mente, da minha mente, da mente de cada um, de todos os que somos capazes e sérios e que **escutamos** e percebemo-lhes a urgência? Não é importante despojarmo-nos totalmente de todos êsses dogmas e ritos e absurdas superstições, e começarmos a verificar como devemos investigar? Isto significa, realmente, que cada um de nós deve, na vida diária, despojar-se completamente do passado, da tradição, da costumeira rotina do ritual e das coisas em que está baseada a nossa educação. Tôdas essas coisas, afinal, se baseiam essencialmente em nosso desejo de estarmos em segurança, psicológica e fisiològicamente. Queremos estar em segurança, porque a mente não pode tolerar um momento de insegurança, de incerteza. Por isso, ela precisa de algo em que arrimar-se, e quanto mais misteriosa a coisa, quanto mais tenebrosa, terrível, inimaginável, tanto mais a mente se apega a ela. Não é, pois, necessário, para que possamos levantar um novo edifício, que o edifí-

cio seja construído sôbre a Verdade, a Realidade, na atmosfera embalsamada do Eterno? Não deve êle construir-se, não sôbre a base dos dogmas, mas da compreensão total do processo da mente que tenta edificar, que está destruindo e ao mesmo tempo construindo, deteriora e ao mesmo tempo cria?

O problema, pois, não é a criação de uma nova filosofia, um novo sistema, uma nova ordem econômica. Vemos que nem as divisões e os exércitos, nem o poderio político ou físico podem criar um mundo novo. Pensar em semelhantes têrmos é coisa de todo disparatada. A mente é uma entidade total, e sôbre a compreensão da mente é que temos de construir. Não podemos, pois, desembaraçar-nos de todos aquêles dogmas e enfrentar o que realmente é: que somos ambiciosos, invejosos, desejosos de nossa segurança pessoal, nossa imortalidade pessoal? É só isso que nos interessa. Podeis disfarçá-lo com as palavras mais suaves e mais altissonantes; em essência, porém, não desejamos senão segurança física ou bem estar psicológico. O bem estar físico é destruido pela exigência psicológica. A exigência psicológica, por conseguinte, é muito maior, muito mais instante, muito mais significativa do que a simples necessidade física de segurança.

Não é possível, pois, à mente, compreender êste problema da inveja, uma vez que nossa sociedade está baseada nela, no descontentamento aquisitivo? Não é possível à mente libertar-se disso? Requer-se uma grande soma de persistente investigação, para se libertar a mente do "mais", da exigência de "mais", de modo que a mente nada mais "projete" e nada mais exija. Quando a mente não "projeta", ela está ativa e, contudo, tranqüila; só nessa quietude pode a realidade despontar e só nesse estado pode a mente construir um mundo novo. Prestai atenção a isto. Não vos deixeis enganar pelos vossos líderes — políticos, religiosos ou sociais. Não vos deixeis prender a

organizações; elas não vos levarão à Verdade, porque, mais dia menos dia, elas se tornam meios de exploração pessoal. Assim, pois, o homem realmente em busca da verdade deve estar livre de tôdas as organizações, tôdas as chamadas "organizações espirituais". Então, livre dessas compulsões externas que criou, poderá êle começar a livrar o seu espírito das ambições, dos antagonismos pessoais, da inveja. Êste, por si só, asseguro-vos, é um problema formidável.

Como se pode libertar a mente da ânsia de aquisição? Para nós aquisição significa ter mais roupas, mais casas, mais dinheiro; isso, porém, não é mera aquisição e, sim, a expressão de algo muito mais profundo. Enquanto não compreendermos os impulsos mais profundos, a compulsão mais profunda; enquanto não compreendermos tudo isso, a simples reforma atinente às nossas posses — quanto podemos possuir e o que não devemos possuir — nenhum resultado dará, pois é totalmente errôneo o nosso modo de resolver o problema. Mas a libertação da mente da exigência de "mais", do desejo de aquisição, é sobremodo difícil, porque, enquanto a mente não fôr simples, pura, não poderá saber o que é a Verdade, e esta pureza nunca existirá nem poderá existir enquanto houver o impulso mental de aquisição. Segui bem isso e escutai-o bem. Não digais ser impraticável.

A mente deve estar livre desde o comêço e não no fim, porque não há liberdade no fim se não há liberdade no comêço. Não se pode transformar escravidão em liberdade, compulsão em liberdade. Religião, pois, é um estado da mente em que o EU está ausente; e nesse vazio deixado pelo "eu" surge a Realidade. Esse "eu", porém, não é nenhuma coisa misteriosa; êsse "eu" é constituído de vossos ciúmes, ambições, inveja, desejo de poder, posição, e intrigas. Se fôr possível pensar-se verdadeiramente a seu respeito, será possível dissolvê-lo sem uma

constante batalha interior. Assim, pois, aquêles que desejam realmente construir um novo edifício não poderão construí-lo e vãos serão todos os seus esforços, se não compreenderem êste problema da revolução, da revolução interior. A revolução exterior não atingirá o interior; o que pode fazer é achar uma substituição. Esta revolução interior não pode ser aprendida de outro. Não a tereis, ingressando num partido. Ela só pode nascer à custa de persistente trabalho, investigação, busca. Só então a mente é capaz daquela liberdade onde há silêncio, onde não há movimento, mas uma tranqüilidade, uma "inteireza"; a mente então já não está procurando e está por isso tranqüila; já não deseja e em conseqüência está completamente livre de todo descontentamento. Só nessa mente pode a Realidade manifestar-se, e só essa Realidade é que pode construir um novo edifício.

Antes de responder a estas perguntas escritas, — tendes alguma coisa para perguntar, suscitada pelo que acabo de falar?

PERGUNTA: *Numa conversa particular, dissestes que o sistema de partidos — um só ou muitos — é antidemocrático. Fareis o favor de entrar um pouco mais nesta questão?*

KRISHNAMURTI: Consideremos a questão, não esperando por uma resposta. Compreendeis? Investiguemos juntos, pois isto é melhor do que esperardes que eu responda, para então refutardes ou aceitardes. Nós, em geral, — nas ações políticas ou outras — interessamo-nos em primeiro lugar pelas idéias, não é verdade? Um partido político se forma baseado numa idéia, num sistema; outro partido se forma em oposição ao primeiro ou em moldes totalmente diferentes, mas sempre baseado numa

idéia, num sistema, numa filosofia, num "interêsse adquirido" nalguma filosofia ou propriedade. Os partidos, portanto, não se interessam pelos indivíduos. Interessa-lhes um sistema que trará benefícios ao povo, um sistema baseado numa idéia, numa filosofia — sendo isso, essencialmente, uma reação condicionada. Vós sois comunistas e eu sou socialista ou capitalista; vós tendes um sistema, eu tenho um sistema, o comunista tem um sistema que beneficiará o povo, desde que "êles" — o que significa "eu e meu grupo" — sejam colocados no poder. Assim sendo, nós — eu, meu grupo, vosso grupo — já pensamos sôbre tudo o que faremos, de acôrdo com certos sistemas. Meu grupo é produto de minhas reações condicionadas, e o vosso igualmente. Por conseguinte, nenhum de nós está interessado no povo, garanto-vos eu. Estamos interessados em sistemas e em como pô-los em prática, porquanto os sistemas oferecem os meios, pessoais ou utópicos. Compreendeis? Eu digo, meu partido diz: "Nós sabemos o que é bom, e se eu ascender ao poder, não terei contemplação e liquidarei todos os partidos, exceto "eu e meu partido"; porque **nós** sabemos que temos a aprovação da Providência, que nos inspirará todos os atos, e vós tendes de ajustar-vos ao nosso plano".

Enquanto temos sistemas, não estamos interessados no povo. Isto é um fato evidente, não achais? Se realmente sentisseis interêsse pelo povo — i.e., vós e eu e o homem pobre — não teríeis sistemas, mas todos vós estaríeis fazendo, executando, pensando o que é bom para o todo, e **não** ùnicamente interessados numa idéia. Por certo, nem o sistema de partido único nem o sistema de partidos múltiplos é democrático, porque a nenhum dos dois interessa o povo e o seu bem-estar. Êles querem o bem-estar do povo em conformidade com um certo padrão de ação. Se cada um de nós — vós, eu e outros — estiver interessado, não em idéias, mas em como viver corretamente, como

descobrir as verdadeiras relações entre nós — entre vós e mim e entre as diferentes partes da humanidade — para isso não precisamos de nenhum sistema de pensamento, utópico ou religioso. O que se requer é reflexão e investigação não baseada numa idéia e em como pô-la em execução, mas investigação de como poderemos viver juntos. Aí também se mostra a necessidade de uma revolução total. Entretanto, ninguém procura investigar suficientemente estas coisas, porque pensamos que, pondo imediatamente a idéia em prática, teremos um resultado, e o que nos interessa são os resultados; e não nos preocupa saber se os resultados não irão multiplicar os sofrimentos e problemas do mundo. Assim, pois, para se efetuar uma revolução também em nosso pensar político, não deve certamente haver nenhuma ação baseada em alguma idéia ou filosofia, sob a égide totalitária, religiosa ou política, mas uma solução completamente diversa do problema, não baseada em idéia alguma, mas numa investigação dos modos e meios de vivermos em relação direta uns com os outros.

PERGUNTA: *Como é possível qualquer espécie de educação, sem alguma forma de disciplina, imposta do exterior ou do interior?*

KRISHNAMURTI: Qual é a função da educação? Nós somos **educados**? Porque mandais os vossos filhos à escola? Tende a bondade de pensar — pensemos juntos. Aqui também uma revolução se impõe na maneira de resolver o problema.

Qual é a função da educação? Não é a de preparar o estudante, o jovem ou a jovem, para enfrentar a vida, para viver sem temor? Meu espírito está nublado pelo temor, quando há competição. Há temor quando não sei

enfrentar êste vasto e complexo problema do viver. Há temor quando sou ambicioso. O homem feliz não é ambicioso, e só os ambiciosos são infelizes. A função da educação, pois, não é a de ajudar o estudante, para que cresça sem temor e possa enfrentar a vida inteligentemente, e não de acôrdo com a vossa inteligência, ou a minha inteligência, não de acôrdo com vossas idiossincrasias ou vossa condição religiosa, política ou econômica; para que cresça plenamente, integralmente, como um ente humano completo.

O interrogante pergunta: "como é possível educar uma criança, um jovem, um estudante, sem alguma forma de disciplina?" Qual é a finalidade da disciplina, para os velhos ou para os jovens? Porque nos disciplinamos, por imposição de outros ou de nós mesmos? Porque disciplinamos as crianças? Qual é a função da disciplina numa escola? Sois pais, felizmente ou infelizmente, e deveis sabê-lo. Qual é na vida, a função da disciplina? Disciplina não é o cultivo da resistência? A disciplina implica resistência, e a resistência produz o mêdo, não é verdade? Vêde: tendes uma grande classe de alunos, uns quarenta ou sessenta. Como manter a ordem num grupo tão grande? Não é possível. Por isso recorreis à disciplina. Não estais interessados na educação; interessa-vos, tão-sòmente transmitir aos jovens certos conhecimentos, para que passem nos exames e obtenham empregos, e é só nisso que os pais estão interessados. Os pais não estão interessados na educação, e, para a maioria de nós, a educação está terminada depois de passarmos em todos os exames. Após isso, provàvelmente nenhum de nós abre mais um livro. E se não abrimos, paramos também de pensar. — Vós vos consumistes inteiramente e estais vivendo automàticamente. Nessas condições, para compreendermos qual a função da educação, não é importante averiguarmos como se pode educar um estudante, um jovem, sem coerção, sem per-

suasão, sem o disciplinarmos, para que êle possa funcionar como um ente humano? Isso requer naturalmente uma escola muito pequena, uma classe pequena dirigida por mestres capazes de compreender o "processo" que faz nascer aquela inteligência, sem se recorrer à compulsão, sem a perene competição das notas e dos exames — sem êsse processo em que o indivíduo se consome para os odiosos exames.

Senhores, vós credes nas almas; credes no progresso individual; e credes em tudo o mais; no entanto, fazeis exatamente o contrário, não é verdade? Impõe-se, pois, uma revolução total em nossa educação. Um jovem ou estudante não necessita só de conhecimento técnico para habilitar-se a obter emprêgo; requer-se algo mais, algo diferente: um ente humano, um ente humano integrado — e não um ente humano com uma constante batalha interior; um ente humano capaz de criar. Não se pode ser criador quando se está em competição. Não se pode ver a Realidade, se temos mêdo; e, em tôdas as coisas que estamos fazendo, em nossa educação, em nossa atividade política, em nossa obediência aos vários **gurus** que seguimos, etc., nisso tudo há temor, e não há criação nem felicidade, mas só inquietação interior. Como podem tais indivíduos criar um mundo novo e uma nova existência? Eis tudo o que a questão da educação sugere; e o mestre, o educador que não compreende tudo isso, recorrerá naturalmente à disciplina, por ser o meio mais fácil de controlar um grupo numeroso. Visto estarem os governos tão-sòmente interessados na educação em massa, a educação que conheceis impede a revolução, não é verdade? Sois muito bem educados, não sois? Sabeis ler, escrever, e ler os jornais matutinos. Nunca vos rebelareis, porque estais sempre a ver tantas facêtas, que não podeis descobrir o que é verdadeiro. Por conseguinte para se inaugurar a educação correta, que requer uma revolução por parte do pai, por

parte do mestre, necessita-se uma compreensão completa dêste nosso problema de sabermos o que é um ente humano integrado — o que não requer uma definição, mas uma constante investigação dêsse todo integral. Essa investigação naturalmente começa quando estamos livres do temor, das bases psicológicas do temor, dos temores conscientes e inconscientes. A libertação mental do temor é meditação.

PERGUNTA: *A Índia conquistou a sua autonomia política pela prática do ideal da não-violência. Por que sois infenso a êsse ideal?*

KRISHNAMURTI: Acreditais realmente ter conquistado a liberdade pela prática da não violência? Certos acontecimentos históricos enfraqueceram os nossos dominadores, e por isso êles tiveram de retirar-se: Hitler e as guerras anteriores depauperaram a Europa. Depois de terdes conquistado a vossa chamada liberdade com a chamada "não violência", não houve mais violência — muçulmanos contra hindus. Diz-se que milhões de pessoas estão deslocadas ou foram assassinadas. Parece que não chamais a isso violência!

O problema relativo às idéias é inteiramente diverso. Os ideais são fictícios, não são realidades: são a "projeção" da mente. Tende a bondade de prestar tôda a atenção, porque também a êste respeito temos necessidade de uma revolução fundamental, para podermos criar um mundo diferente dêste mundo constantemente hipócrita, dêste mundo idealístico de tamanhas e atrozes crueldades. Vós tendes o ideal da fraternidade, o ideal da não violência, o ideal do amor, o ideal da benevolência. Por que? Evidentemente, porque não sois benevolente, não é isso? Se o fôsseis, não teríeis ideais. Muito evidentemente, sois

violentos, medrosos, rancorosos. Por isso, tendes todos êstes maravilhosos ideais; e pensais que, seguindo êsses ideais, adquirireis o amor, sereis "não-violento", tereis a fraternidade. Ora, por certo, quando seguis um ideal, estais evitando **o que é**, não é verdade? "Eu odeio, ou sou violento; estou-me exercitando na "não violência"; tal é o meu ideal". Que coisa estúpida! Porque não posso dar atenção ao **que é**, em vez de "o que deveria ser"? Compreendeis? Pode o espírito despojar-se dêsses ideais? Fazei-vos esta pergunta, e vêde qual é a vossa reação. Que mêdo tendes de vos fazerdes uma tal pergunta! — porque pensais que os ideais vos mantêm dentro dos limites permitidos, não vos deixando transgredí-los. Dizeis: "que fazer, se não tiver ideais?" Não fazeis nada e nunca fareis nada, se tendes ideais. Entretanto, se não tendes ideais, não haverá mais "projeções" da mente, fugindo das realidades, e dareis atenção ao **que é** — a avidez, a inveja — como realmente é; aí, se tem a possibilidade de libertar a mente do ideal. Senhor, prega-se o ideal da fraternidade, mas não se pratica a fraternidade. Prega-se a fraternidade e, no entanto, não se pôs fim à guerra. Por conseguinte, porque não deixamos de parte todos os nossos ideais, todos os nossos exemplos e modelos, para sermos verdadeiramente realistas — o que significa: compreender **o que é?** Acontece que sou invejoso, sou ambicioso, cruel, violento; com que alavanca se pode remover tudo isso? Pensamos que os ideais são alavancas com as quais se pode remover **o que é**, e por isso vivemos num conflito perene entre **o que é** e "o que deveria ser." Êsse, o nosso problema, não é verdade?

Sou ávido, invejoso e ambicioso, e não deveria ser assim. Por conseguinte, estou lutando, trava-se uma batalha dentro em mim. Cria-se, com isso, a hipocrisia, entre o **que é** e "o que deveria ser". Não posso livrar-me do que "deveria ser"? O que eu "deveria ser" é uma invenção

da mente e uma fuga do fato: o que sou. Tal é o padrão em conformidade com o qual procuro viver; e o padrão não tem justificativa nenhuma, porque, psicològicamente, êle é uma fuga. Com efeito, **o que é** é uma coisa e **o que deveria ser,** outra coisa inteiramente diversa; e nós somos nutridos com o que **deveria ser.** Quanto mais ideais tendes, tanto mais admiráveis, tanto mais nobres vos considerais. Se estais porém, realmente em presença do **que é,** tendes a possibilidade de o descobrir e passar além. Mas ninguém quer isso, pois achamos que a ambição é lucrativa, que a competição nos paga dividendos. Por isso, temos ideais e vivemos a cultivar ideais e nunca enfrentando **o que é.** Requer-se uma tremenda revolução, não é verdade? para nos libertarmos dessa ilusão dos ideais, de que nos temos nutrido e de que todo o mundo se nutre, e conhecermos a realidade do **que é,** e "morarmos com ela", sabendo que somos invejosos, coléricos, violentos; não nos enganando a nós mesmos e não criando êste conflito entre **o que é** e o que **deveria ser.** Podeis então aplicar tôda a vossa energia à compreensão do **que é,** sem fugirdes para **o que deveria ser,** que é uma coisa utópica, que é nada, que nunca se realizará. É como um homem exercitar-se na virtude, mês após mês, meditando em cada virtude, uma por uma. A virtude, senhores, é uma coisa que não pode ser praticada. E, se se pratica, não é mais virtude. Porque a virtude é inconsciente e não pode ser mentalmente cultivada. Se o fôr, isso será apenas uma capa diferente, uma côr diversa sob que se esconde o "eu".

Tende a bondade de **escutar** o que estou dizendo; deixai-o penetrar além da vossa mente consciente, para que possa haver a revolução, para que possamos criar um mundo novo. Um homem sòzinho não pode criar um mundo novo. Êste mundo é nosso, — vosso e meu. Temos de construí-lo juntos. Para o edificarmos juntos, temos de ser muito realistas, e não entes falsificados, idealistas. Te-

mos de ver as **coisas como** são, e transcendê-las. O transcendê-las exige muita percepção, muita penetração do **que é**. Ao invés de aplicarmos o nosso tempo, a nossa energia, os nossos pensamentos e os nossos dias à compreensão do **que é,** estamo-nos perdendo, desperdiçando, destruindo, com ideais. Escutareis tudo isso, e temporàriamente estareis muito certo de perceber a verdade do que digo, ou, melhor, **não** a verdade, mas as conclusões lógicas, verbais; depois, ireis para casa, e amanhã estareis novamente falando de ideais... Deixai isso para os líderes, os **gurus,** os que têm um "interêsse adquirido" nas filosofias — o que, com efeito, vale dizer: na propriedade. Sejamos simples, vós e eu, vivamos puramente, com **o que é,** e não com o que **deveria ser.** Da percepção pura do **que é,** e da beleza desta percepção, nasce a liberdade, a nossa libertação do que é.

PERGUNTA: *Sou muito rancoroso. Ensinai-me a amar.*

KRISHNAMURTI: Por que rides? Não achais ser esta uma pergunta muito triste? Prestai atenção a esta pergunta. O interrogante está perfeitamente cônscio disso que êle é — o que não acontece com a maioria de nós. Em geral, vivemos inconscientes de nós mesmos. Vós também odiais, estais também cheios de inveja, malevolência e perene descontentamento. Mas, o interrogante, por felicidade ou infelicidade dêle, está cônscio disso e diz: "ensinai-me a amar".

Pode-se ensinar o amor? Pode-se ir à escola para aprender a amar? Pode-se ensinar a sabedoria — embora haja escolas de sabedoria? Tende a bondade de prestar atenção. Pode-se aprender sabedoria? Pode-se aprender o amor? Podeis procurar alguém para aprender o que é o amor? Esta pergunta não é de arrancar lágrimas dos olhos? Não me estou fazendo patético, nem vos hipnotizo

para pôr-vos num estado de emotividade. Vêde-vos como sois, senhores — interiormente vazios e, por isso, perenemente em busca da sabedoria, do amor, da benevolência e da compreensão. Andais de escola em escola, de autoridade em autoridade, para serdes ensinados, porque, interiormente, sois vazios e desejais preencher o vosso vazio com palavras sem muita significação.

O amor não vos pode ser ensinado; nem a sabedoria, tão pouco. Nasce a sabedoria quando a mente está livre da experiência. Escutai o que estou dizendo. Quando a mente está livre da experiência, há sabedoria. Mas, enquanto existir a mente que busca a experiência, tem de haver o "experimentador" para ter a experiência; essa mente jamais pode ser sábia. Anàlogamente, um coração que busca preencher-se com o amor só se encherá de palavras pouco significativas — palavras ôcas, sem significação ou conclusão. Mas um homem odeia; tal é a realidade. Um homem sofre; tal é a realidade; é invejoso; tal é o fato. Como devo atender ao fato? Se sei que odeio, é muito importante que eu saiba como atender a êste fato; se sei atender ao fato, existe então a possibilidade de sua dissolução. Mas se não o sei, nesse caso, pode haver apenas recalcamento do fato, o que faz surgir outro fato. O importante, pois, é compreender-se o fato; e não se pode compreender o fato, se o condenamos, se o julgamos. Só podeis compreender vosso filho, quando não o condenais; tendes de estudá-lo, o que significa: não condená-lo, jamais julgá-lo, ou identificá-lo com vós mesmo. Se desejais compreender o ódio, a ambição, necessitais de um percebimento livre de escolha, livre de julgamento; e isto é dificílimo, porque o nosso condicionamento nos leva a julgar, a condenar, a rejeitar, a fim de nos apoderarmos de algum outro fator. Por conseguinte, o que fazemos perenemente é só isto: procuramos um substituto para **o que é.**

Só quando se é livre do ódio, livre da ambição, pode-se saber o que é o amor. Então, pode-se também conhecer a sabedoria; porque — talvez — amor é sabedoria. Assim como não se pode aprender de um outro o que é o amor, assim também não se pode aprender o que é a sabedoria. Nenhuma escola, nenhum livro, nenhum mestre vô-lo pode ensinar. O amor nasce, quando conhecemos todos os arcanos do nosso coração, o que só é possível quando a mente está tranqüila.

19 de dezembro de 1953

## — VI —

NESTAS últimas semanas temos considerado o problema da transformação. A meu ver, uma das coisas mais difíceis para realizar-se essa transformação é cessar o esfôrço. Porque, para nós, a transformação implica sempre esfôrço, não é verdade? Associamos o esfôrço à transformação. Para nós, se desejamos produzir uma transformação, exterior ou interiormente, subentende-se esfôrço, a ação da vontade. É possível, porém, modificarmo-nos radicalmente, profundamente, fundamentalmente, sem nenhum esfôrço? Por outras palavras: só pode haver revolução radical com a completa cessação do esfôrço? Desejo examinar êste problema junto convosco, pois deveis ter notado — se observais a vós mesmos e as coisas que vos circundam — que desde a infância se nos ensinam a fazer esfôrço para mudarmos. Sabemos apenas isso; e jamais investigamos se há possibilidade de mudarmos radicalmente sem esfôrço. Êste ponto me parece importantíssimo. Tende a bondade de ouvir-me, sem nenhuma idéia preconcebida sôbre o que vou dizer-vos nesta tarde, e com a mente livre de preconceito e de experiência.

A transformação, para a maioria de nós, implica esfôrço. Sou **isto**, e para tornar-me **aquilo** preciso fazer esfôrço. Na escola, depois de adultos, e quase até à hora da morte, nos é inculcado êsse "processo" do esfôrço consciente: estamos condicionados por esta idéia, e é só isso que sabemos. Dizemos que se necessita um esfôrço correto, cons-

tante exercício, contrôle, disciplina, um constante moldar da mente com palavras, explicações, diretrizes; e êsse esfôrço contínuo é o que conhecemos; com êle, vivemos. Se penetramos mais profundamente a questão da transformação, vemos que ela não é um esfôrço mas implica apenas em esfôrço (para nós). Temos o vasto problema do poder, de adquirir poder não só sôbre nós mesmos, mas sôbre a natureza e também sôbre os outros. Vemos o homem — não o homem que aqui está, vós e eu, mas o homem em geral — aumentando sempre o seu poder sôbre a natureza, voando nos céus, navegando sob as águas, calculando as distâncias das estrêlas; êsse cérebro fantástico que inventa a bomba atômica e as superbombas nucleares, e que tem criado tantas outras coisas. Tudo isso pressupõe, não só a necessidade de se aprender uma técnica com perfeição, mas também a constante aplicação da mente, para achar, para descobrir, — a extraordinária persistência da curiosidade. Aí está implicado o problema do poder, poder sôbre a natureza, poder sôbre os outros — o poder de moldar a vida dos outros, de alterar as circunscias; tudo isso implica sempre esfôrço, mas não para o homem que realmente inventa, que realmente percebe algo e é criador. Vivemos, pois, muito empenhados em aumentar o nosso poder, principalmente o nosso poder sôbre os outros, por tantos meios tortuosos — ou por meios chamados "idealistas", igualmente tortuosos — visando à posição, ao prestígio. Tudo isso implica poder: o poder de alterar as condições econômicas do homem, o poder da idéia, o poder da palavra, o poder da personalidade, para forçar e moldar os indivíduos, tudo isto conhecemos. Estamos por demais familiarizados com tudo isso. Pode-se dêsse modo produzir uma transformação radical em nós mesmos? Êste é o problema, não?

Enquanto não operarmos uma revolução fundamental no âmago do nosso ser, o mero domínio das circunstâncias

externas poderá proporcionar-nos a vários respeitos mais comodidade; mas tal "processo" engendra outro elemento mais potente e mais destrutivo. Em meu sentir, pois, enquanto não pudermos efetuar uma transformação radical, as mudanças superficiais, por mais importantes, necessárias e urgentes, só causarão mais sofrimentos, maiores danos, e malefícios. Cada reforma traz novos sofrimentos e novos problemas. Tudo isto também nos é bastante familiar. Se aplicamos em nós mesmos o "processo" do poder, vemos que desejamos ter poder sôbre nós mesmos, e êsse poder nos leva à embriaguez do asceticismo, ou da forma extrema do asceticismo — o oposto do dinheiro, do luxo, da posição, do poder, do prestígio, etc. Servimo-nos da virtude, do amor, da ação da vontade, como meios de nos dominarmos, de dominarmos as nossas idiossincrasias, e pensamos que nos estamos transformando. Porém, essencialmente, se penetramos até as camadas mais profundas, vemos que tudo está nas mesmas condições. Quando consideramos a questão da revolução, da transformação, naturalmente não temos em vista apenas as mudanças superficiais necessárias, mas o que é de interêsse mais profundo: a revolução, a revolução total, integral de todo o nosso ser. Pode-se realizar essa transformação por meio de esfôrço ou tem de cessar todo esfôrço?

Que significa esfôrço? Para a maioria de nós, o esfôrço implica ação da vontade, não é isso? Espero estejais prestando atenção, pois se não escutardes inteligentemente, perdereis tôda a essência do que vou dizer. Se escutardes inteligentemente, **experimentareis** diretamente o que estou falando. A revolução total tem de ser completamente inconsciente, **não** voluntária, **não** produzida por qualquer ação da vontade. A vontade é ainda o desejo, é ainda o "eu", qualquer que seja o nível em que coloqueis a vontade. A vontade de ação é ainda o desejo, e por conseguinte ainda o "eu"; e quando me reprimo com o fim de

ser bom, com o fim de alcançar uma coisa, com o fim de ser mais nobre, isso ainda é desejo, ação da vontade, que procura modificar-se, vestir uma roupagem diferente; é ainda a ação do "eu", que se esforça para obter um resultado.

Peço-vos, pois, não escuteis simplesmente o efeito verbal das palavras, mas também o seu significado mais profundo. Em geral, não **escutamos** absolutamente. Escutais as minhas palavras, as minhas idéias, o que vou dizer, através das vossas próprias interpretações, da vossa própria experiência. Isto não é **escutar**; é como ver através de óculos escuros; por conseguinte, não vêdes as coisas como realmente são. Anàlogamente, escutamos já com uma conclusão, com conhecimentos prévios, com a experiência, sempre a traduzir o que se está dizendo; por conseguinte, não estais realmente escutando. É extraordinàriamente difícil o problema do **escutar**, porque, consciente ou inconscientemente, não queremos **escutar**; porque há em nós o mêdo de que algo aconteça, de que inconscientemente alguma idéia nova germine e produza uma revolução. Por isso, ouvimos tão-sòmente palavras sem muita significação. Mas se soubermos escutar inteligentemente — que é: escutar sem traduzir, sem interpretar, — então, talvez aquilo que eu já disse e ainda vou dizer tenha um significado mais profundo.

Muito importa produzir uma mudança radical, uma revolução, primeiro, naturalmente, em nós mesmos, i.e., em nossa ação, em nossas relações — a qual produzirá então uma revolução nos valores exteriores. A revolução necessária e absoluta, porém, a revolução total e completa, não é possível pela ação da vontade, porque a vontade é essencialmente um "processo" de desejo, e a ação da vontade é condicionada. A palavra "condicionamento" denota limitação. Eu me transformarei de acôrdo com o meu condicionamento, como quer que seja êsse condi-

cionamento: amplo ou estreito ou limitado. A minha vontade de transformar-me, portanto, está limitada pelo meu condicionamento, pelo meu desejo; e a transformação produzida pela "vontade de ação" é limitada e, portanto, jamais radical. Se êste problema nos interessa e se já refletimos sôbre êle, devemos reconhecer que a mudança tem de ser radical e não superficial, pois os problemas que temos atualmente são tamanhos, que precisam ser estudados a fundo, e não superficialmente; não devemos examiná-los como hinduístas, católicos, comunistas, teosofistas, **isto** ou **aquilo**. Temos de apreciá-los de maneira completamente diferente; e por não procedermos assim, estamos criando mais problemas, e **não** reduzindo os problemas. O que nos interessa, pois, não é apenas a redução dos problemas, mas também a transformação radical da atitude do homem, dos seus valores e "processo" de pensamento. Temos, evidentemente, de encontrar um meio de operarmos a transformação sem volição. Compreendeis o problema? Prestai-lhe atenção, por favor, porque, se o não compreenderdes, o que eu disser depois terá muito pouca significação.

Não conhecemos senão o esfôrço consciente, a aquisição consciente de uma técnica, com o fim de produzirmos a transformação. É só isso que conhecemos. O impulso consciente, ativo, para transformar, nasce do desejo, e êsse desejo é sempre condicionado; e se, voluntária ou involuntàriamente, eu efetuo uma transformação, partindo dessa base, em função de uma idéia qualquer — que pode ser a mais nobre ou a mais ignóbil, a mais fraternal ou a menos fraternal — essa transformação produzirá problemas, inevitàvelmente. Sabemos disso; estamos bem cônscios disso. Mas, já refletimos sèriamente a tal respeito, alguma vez? Assim, pois, como é possível revolucionar bàsicamente, radicalmente, sem intromissão da ação da vontade? Percebeis o problema? Desejo transformar-me;

e minha educação, meu ambiente social, que influenciou a minha educação, tudo isso é de caráter aquisitivo; nossa estrutura social e nossa educação religiosa se baseiam na aquisição. Pois bem. Percebo isso agora e desejo transformar-me, não superficialmente, não pela ação da vontade. Porque a vontade é resultado do impulso aquisitivo; e, por conseguinte, quando a vontade diz: "produzirei ação", tal ação efetuará uma modificação; essa modificação, porém, será ainda "aquisição". Como posso efetuar uma transformação radical, sem a ação da vontade? Eis uma pergunta muito importante, que deveis fazer a vós mesmos. Vejo que tôda ação produzida pela vontade é limitada e, portanto, produtiva de maior sofrimento e maiores problemas. Entretanto, há necessidade de uma transformação radical. É possível a transformação radical sem a ação da vontade? Formulemos o problema diferentemente.

Servimo-nos das nossas funções para adquirir posição. Sirvo-me do meu cargo como um meio psicológico de exercer poder. Sou funcionário, professor, engenheiro — e tudo isso é função, e essa função me serve como meio de adquirir posição, prestígio, poder, ou seja, uma boa situação. Os mais de nós, pràticamente todos nós, servimo-nos das nossas funções para adquirir uma situação importante, isto é, poder. E há, assim, conflito entre as várias funções, pois cada um visa, através de suas funções, a um resultado psicológico. Espero estejais prestando atenção. Destarte, na sociedade, estamos a criar conflito, confusão e competição, psicològicamente, servindo-nos de nossas funções como meio de alcançarmos posição. É necessária a função, pois, do contrário, não poderíamos viver; o problema, pois, é êste: Como se pode exercer a função sem, por seu intermédio, adquirir posição? Por essa razão, ideamos vários meios de controlar o homem, para que seu desejo não exorbite para a obtenção de posição — fator

de calamidades entre uns e outros. E, assim, através de diversas sanções sociais, éditos religiosos, procura-se conter o homem, controlar-lhe o desejo de posição, i.e., de poder — e o problema continua o mesmo. Isto é inação. Nessas condições, se nos interessa o problema da revolução radical, não é necessário compreendermos todos êstes problemas, tôdas estas questões e verificar se existe a possibilidade de transformação sem a ação da vontade? Eu afirmo ser possível a transformação sem a ação da vontade Esta é a única transformação; nada mais é transformação, nada mais é revolução. Porém, para se compreender isso, requer-se muita penetração, muita meditação — não a meditação de fechar os olhos e absorver-se num quadro ou numa imagem ou frase imaginária, mas a meditação que revela o processo completo do esfôrço.

Isto é, se estais realmente **escutando**, agora, o que estou dizendo, estais meditando; porque, com êsse **escutar**, com essa observação atenta do que digo e da vossa própria mente em funcionamento, podeis ver como, em tôdas as coisas que fazeis, há sempre o esfôrço de mudança — ou seja a "vontade de ação". E quando escutais muito tranqüilamente, podeis ver que cessa a "vontade de ação". Por conseguinte, com a própria cessação da vontade de ação, vem o comêço da transformação radical. **Escutai**, pois.

A ação da vontade é o "eu"; e, seja qual fôr a roupagem, a transformação que o "eu" deseja, sejam quais forem as suas esperanças, insucessos, pesares — estamos sempre na esfera do "eu". Nessa esfera não pode haver revolução, visto ser, o "eu", a ação da vontade. Quando o "eu" diz: "Não devo ser ambicioso, não devo ser invejoso", a vontade que diz "não devo" está desejando ser alguma outra coisa, positiva ou negativamente. Por conseguinte, aí está presente o "eu". Se tiverdes realmente compreendido — quer dizer, se estais realmente **escutando**

— vereis que a "vontade de ação" termina; e com êsse terminar, há uma transformação radical; não mais vos preocupa, então, a transformação do "eu". Por exemplo, sou invejoso; e atuo sôbre a inveja, com o fim de modificá-la, de modificar **o que é**. Mas, se houver compreensão da inveja, cessa a "vontade de ação" e então há só o fato: sou invejoso. Se não há mais obstrução, resistência, julgamento, condenação — sendo tudo isso o processo da vontade — então aquêle fato já não tem significação, já não influi no "processo" do vosso pensar. Corta-se assim pela raiz o problema da "aquisitividade", o que não se consegue por meio de nenhuma revolução superficial — econômica, comunista ou de outra natureza.

Essa compreensão exige realmente uma grande soma de atenção, de autoconhecimento — sendo autoconhecimento a observação do que sois, momento por momento. A simples observação, em que não se tenta modificar **o que é**, é aquela em que percebeis a vós mesmos nas vossas relações com vossa espôsa, vosso criado, vosso patrão; em que percebeis, como num espelho, **o que é**, sem sujeitá-lo à "vontade de ação". Aí, pode-se ver como se opera inconscientemente uma modificação, a revolução radical, que não pode ser produzida pela mente consciente; e eu vos afianço que o maior dos milagres é êsse percebimento e essa "verificação" de que a coisa que é deixa inteiramente de produzir efeitos. E o espírito se torna, assim, puro, livre; e só num espírito livre e puro, pode a Realidade despontar. Nenhuma busca dirigida pela "vontade de ação", pode tornar a mente tranqüila; só está tranqüila a mente quando compreendeu o processo integral da vontade, a ação da "vontade de ser". A vontade de transformar não termina mediante compulsão de qualquer espécie e, sim, apenas, quando a mente a compreende deveras. Compreendida ela, sobrevém uma extraordinária transformação, uma revolução verdadeiramente transcen-

dental, não produzida pela mente. Só esta revolução pode construir um novo edifício; e sem esta revolução, aquêles que tentam construir laboram em vão e não produzem senão malefícios, sofrimentos e uma multiplicidade de problemas. Por conseguinte, muito importa compreendermos integralmente, vós e eu, êste problema do esfôrço.

Talvez desejeis fazer perguntas a respeito desta palestra. Se não, tenho aqui algumas perguntas escritas.

PERGUNTA: *Como se consegue a cessação do esfôrço?*

KRISHNAMURTI: Acabo justamente de falar a êste respeito.

PERGUNTA: *Advogais uma escola pequena, para a educação dos jovens. Mas numa escola pequena, há necessidade de vários mestres, um para cada matéria. Como manter uma escola dêsse gênero, nos dias de hoje?*

KRISHNAMURTI: Qual é a função de um mestre? Apenas transmitir ao aluno uma matéria, um conhecimento especializado, o que acarreta, forçosamente, a necessidade de um exército de professôres, um para cada matéria: Inglês, Matemática, Geografia, História, Física, etc. etc. Isto é, se cada mestre ensina tão-sòmente a sua especialidade, então, naturalmente se precisa de muitos mestres numa escola pequena. Se o mestre é tão só uma entidade especializada, não é então um educador, porquanto só lhe interessa a sua matéria, e êle não sabe mais nada, — e por isso necessita-se de muitos entes humanos especializados, para ensinar os jovens. Mas, ainda o mestre que tem o seu conhecimento especializado — conhecimento da sua matéria — mesmo êste, se é inteligente, pode ensinar outras matérias, não?

Senhores, a nossa dificuldade, no mundo moderno, está em desejarmos resultados imediatos, imediato sucesso. Não pensamos em longos prazos, mas só em prazos curtos. Queremos que nossos filhos ou filhas passem nos exames, para obterem empregos; só isso nos interessa. Eis porque criamos uma estrutura educativa que torna necessária a existência do especialista. Se optamos, porém, pelo prazo longo — isto é, se percebemos a significação da educação dos jovens — nesse caso, o mestre não é apenas o homem que dá instrução na sua matéria, mas deve ser também um ente humano inteligente e sem mêdo. O problema, pois, não se refere à multiplicidade de mestres, senão à necessidade de mestres que tenham capacidade e inteligência para se encarregarem de diferentes matérias. Afinal, isto não é muito difícil; se um homem é suficientemente inteligente, pode ensinar não só Matemática, mas também História. Mas, nem o mestre, nem o pai, nem a sociedade é inteligente. Não amamos realmente os nossos filhos. Se os amássemos daríamos atenção a muitas coisas — sua alimentação, a espécie de mestre e a espécie de escola que lhes convém; e todos estaríamos muito interessados no problema mais importante: qual a finalidade da educação, se os que estão sendo educados estão destinados a viver de armas na mão, a tornar-se advogados, policiais — fatôres de destruição? São êstes os que perpetuam as guerras. Por conseguinte, educamos os nossos filhos para morrerem. Êste problema, pois, tem de ser atendido, mas não apenas verbalmente; e não é a mim que compete dizer como fazê-lo, como manter uma escola com poucos professôres. O problema é vosso, como pais, que sois, mas infelizmente não estais interessados nêle. E assim o professor, a entidade mal paga, desprezada, e a menos inteligente, é que tem a mais grave responsabilidade, numa sociedade. Tudo isso já ouvistes dizer antes; jamais po-

rém, agistes a seu respeito, porque em verdade não estais interessados nos vossos filhos, nem estais verdadeiramente interessados no problema da liberdade para os vossos filhos. Assim sendo, enquanto não assumirdes a responsabilidade, como pais, e enquanto não cuidardes de pôr em prática estas coisas, nenhum govêrno as porá em prática para vós. O govêrno só sabe condicionar os jovens, para torná-los mais e mais eficientes, seja para movimentar as indústrias, seja para se alistarem no exército. A questão, pois, não é de como se ter menos mestres numa escola, mas, sim, de como fazer nascer em nossas relações uma inteligência não limitada, não temerosa, mas realmente revolucionária, criadora.

PERGUNTA: *A mente necessita de preparação verbal antes de se tornar possível a percepção direta?*

KRISHNAMURTI: Que é a mente? Prestai atenção a isto. **Escutai**, para ver se a mente pode, em algum tempo, perceber diretamente qualquer coisa verdadeira. O interrogante deseja saber se não é necessário preparar o espírito verbalmente, para que compreenda as palavras e possa perceber o que é verdadeiro. Isto é: a mente não necessita de preparação verbal, antes de se tornar possível a percepção direta?

A percepção, a percepção direta, é obra da mente, como tal? Temos de averiguar o que é a mente. A mente é memória, não é verdade? — a memória de tudo o que aprendestes, desde a infância, e de tôdas as experiências do condicionamento, das crenças, dos dogmas, temores, esperanças, ânsias. Quer dizer, a mente é pensamento, não é verdade? Sem o pensamento, não existe mente; e o pensamento se baseia no passado — sendo o passado memória, tempo, experiência. Para expressar tôda essa ex-

periência, tôda essa memória, necessita-se de palavras, como meio de comunicação. Por conseguinte, a palavra, a memória, a experiência, o tempo, é mente — que é, essencialmente, pensar, pensar baseado na memória, a memória da dor e do prazer, a memória de uma mente que é ambiciosa, que busca poder, posição, prestígio, e explora os outros. Esta é a mente que temos. Ora, dizeis que temos de perceber com essa mente, e perguntais se não devo ser verbalmente preparado para perceber o que é verdadeiro.

Que se entende por preparação feita verbalmente? Aprender palavras novas, aprender o significado do condicionamento, uma definição, uma conclusão, aprender novos dogmas ou princípios, para pôr no lugar dos velhos, da tradição? Sem dúvida, há necessidade de certo preparo verbal, mas não de conclusões, de definições; o que é preciso é saber-se o significado das palavras, pois, do contrário, não será possível nos comunicarmos uns com os outros. Eu quero dizer-vos uma coisa, vós quereis dizer-me algo; traduzo o que dizeis em conformidade com meu condicionamento, minha conclusão, minha tradição. Não há então nenhuma possibilidade de comunicação — vós comigo ou eu convosco. Porém, se estou disposto a afastar tôdas as minhas conclusões e a escutar as palavras que empregais, então não darei atenção ùnicamente às palavras, mas serei capaz de penetrá-las e de perceber, além delas, a sua significação essencial; tal penetração requer reflexão, atenção, vigilância. A mente que se entregou tôda ao pensamento, às palavras, à memória, nunca será capaz de perceber o que é verdadeiro; ela não está tranqüila. É uma mente morta. Já a mente que está de fato tranqüila, é extraordinàriamente ativa, viva, potente — não com relação a alguma coisa em particular. Só esta mente está verbalmente livre, livre da experiência, livre do conhecimento. Essa mente pode perceber o verdadeiro,

essa mente tem a percepção direta, fora dos limites do tempo.

A mente só pode estar em silêncio, quando compreendeu o processo do tempo, e a compreensão requer vigilância, não achais? Não deve essa mente ser livre, não de uma dada coisa, mas **livre**? Só conhecemos liberdade em relação com algo. A mente livre de uma dada coisa não é **livre**; essa liberdade — o estar livre de alguma coisa — é apenas uma reação, não é liberdade. A mente que busca a liberdade nunca é livre. Mas a mente é livre quando compreende o fato tal qual é, sem o traduzir, sem o condenar, sem o julgar. E, porque é livre, essa mente é pura, ainda que viva cem dias ou cem anos, tendo tôdas as experiências. Só essa mente é capaz de perceber o que é verdadeiro, o que está além do tempo.

PERGUNTA: *Que significa o "amor de Deus", conforme o advogam tantos livros e Mestres?*

KRISHNAMURTI: Que aconteceria, se não houvesse livros e instrutores? Seríeis ignorante? Estais livre da ignorância se sois capaz de citar, de comparar? Por certo, a mente, que é pensamento, deixa de funcionar, quando não está enredada numa conclusão, fica inativa quando não está aprisionada numa definição.

Desejais saber o que é o amor de Deus, conforme o advogam os livros e os instrutores. Pois bem. Suponhamos que não tivésseis nenhum "advogado"; desejaríeis saber o que é o amor? — não o amor de Deus, porque, para nós, amor a Deus é ódio aos homens. Rides, senhor! Mas isto é um fato. Se realmente amásseis a Deus e aos homens, não teríeis tantas religiões absurdas, tantos ritos e templos. Isto não é amor a Deus. Porque não sabeis o que é o amor, adorais a Deus. Adornais de flores e

adorais uma imagem esculpida, ofereceis sacrifícios a essa imagem feita pela mão ou pela mente; e a isso chamais "amor a Deus". Isto não é amor: é mêdo. Rezar para se ser feliz neste mundo e no outro mundo é sinal de mediocridade. Mas, amor a Deus é amor pelo homem; temos de começar pelo amor ao homem; mas como não conhecemos êste amor, voltamo-nos para uma certa coisa misteriosa que chamamos "Deus" e procuramos descobrir o que é o amor. Nunca o descobrireis, porque não amais o vosso próximo; não sabeis o que é o amor; não amais os vossos filhos. O amor, por certo, tem de começar com o que está mais próximo, e não com o que está "lá longe"; e a dificuldade de quase todos nós é que somos muito intelectais, muito "verbais", muito condicionados no nosso pensar, que dizemos "intelectual".

Temos cultivado o intelecto, e nunca demos atenção ao nosso coração. Enchemos a mente de palavras, e queremos encher o nosso coração com a palavra "amor". Sem dúvida, se queremos compreender o que é o amor — que não é meramente o amor do homem ao homem, à mulher, à criança, mas que ultrapassa tudo isso — temos de começar com o que está perto de nós, não é verdade? Se não compreendo a mim mesmo, o meu espírito, como posso compreender o que é muito mais complexo, mais extraordinário, mais misterioso? Procuramos o misterioso e lhe atribuímos tôda espécie de significação. Se pudermos compreender o mistério de nós mesmos, veremos como êle nos leva ao mais maravilhoso de todos os mistérios da vida, ao mistério supremo, que é Deus, a Verdade. Esta verdade, porém, êste Deus, não pertence à mente. Surge quando eu compreendo a mim mesmo, quando já não há ódio, quando já não há mêdo. É só pelo completo desaparecimento do ódio e não pela transformação do ódio em amor, que existe a possibilidade de a mente ser livre do ódio e do mêdo; então, só então, é possível saber o que

é êsse amor que não é meramente sensualista — amor dos sentidos. Mas essa ação exige autoconhecimento e meditação.

A meditação do coração é o começo da sabedoria. O meditar, porém, requer essencialmente a compreensão do "meditador" — que sois vós, o "pensador". O autoconhecimento, por conseguinte, é essencial — deveis conhecer a vós mesmo, no vosso falar, conhecer todos os vossos "motivos", tôdas as vossas palavras, nas vossas relações; deveis saber o que sois, a cada momento que passa. Eis o que é meditação, o começo da meditação. Sem ela, podeis fazer o que quiserdes: concentrar-vos, transportar-vos para "além", executar tôda a sorte de artifícios, — nada disso é meditação; são fugas da Realidade, conducentes à ilusão. O começo da meditação, pois, é o autoconhecimento — que é sabedoria.

20 de dezembro de 1953

## — VII —

ACHO que deveria causar apreensões, à maioria de nós, viver num mundo dividido entre católicos e comunistas, capitalistas e socialistas, Oriente e Ocidente. Num mundo dividido, como êste, a mais grave preocupação das pessoas refletidas deve ser esta: "Que cumpre fazer, e qual é a ação correta?" O que nos deve preocupar não é tanto "o que cumpre fazer", mas "como pensar a respeito do problema".

Não me parece de muita importância o investigar o que se deve fazer, porque a pergunta "Que cumpre fazer?" resulta evidentemente do desejo de seguir uma determinada norma de ação. Quando se pergunta "que devo fazer?", isso implica: "Dizei-me como devo agir num mundo confuso, como êste mundo, onde o cristão, o hinduísta, o budista, o muçulmano, o comunista, cada um tem sua idéia, sua ideologia, sua utopia, crença, dogma". Cada um de nós pertence a um ou outro dêsses sistemas. Pensamos que, seguindo o nosso particular sistema, poderemos moldar o mundo, trazer-lhe a claridade, e criar um sentimento de bem-estar individual e coletivo. Assim sendo, o seguir determinado sistema, e a ação resultante dêsse sistema, é o que interessa à maioria de nós. Por isso, perguntais: "Que cabe ao indivíduo fazer?" Ora, é êste o problema, — "Que cumpre fazer?" Tende paciência, por favor, e vamos pensar juntos e de maneira completa nêste problema, pois eu posso sugerir algo inteiramente di-

ferente; e se não me seguirdes com suficiente atenção, se não me seguirdes de perto, podeis deixar de percebê-lo e fazer perguntas fora de propósito. Em vez de pensarmos "Que cumpre fazer?" — não é necessário haja em primeiro lugar o sentimento próprio a todos nós: "Êste é nosso mundo — não do cristão, do hinduísta, do budista ou do comunista, mas **nosso** mundo, vosso e meu"? Estais seguindo? Nós não temos êste sentimento. Somos hiduístas e queremos o mundo hinduísta; somos muçulmanos e queremos o mundo muçulmano; ou somos cristãos e desejamos o mundo cristão; cada um quer fazer um mundo de acôrdo com o seu "ismo". Entretanto, ninguém pensa no mundo como "**nosso** mundo" — o mundo que vós e eu podemos edificar juntos e que devemos, tanto vós como eu, edificar. O sentimento de "nosso" é como aquêle que tendes ao entrardes no vosso lar — um sentimento de carinho, de amor pela terra e pelas coisas da terra; o extraordinário sentimento que temos quando uma coisa é nossa e a nutrimos e velamos por ela e queremos protegê-la, guardá-la, ajudá-la. Não tendes nenhum dêsses sentimentos. Só tendes idéias, sistemas, filosofias; e quereis que o mundo viva, exista, em conformidade com tais coisas. Não tendes o sentimento de que êste é o "nosso mundo", que vós e eu edificamos juntos, não como cristãos ou hinduístas ou comunistas ou socialistas, mas como dois entes humanos!

Eis um problema muito complexo: desenvolver a inteligência de cada um para fazer face ao problema. Tudo isso é negado totalmente quando dizemos "Que devo fazer?" O sentimento de que êste é o "nosso mundo" é um sentimento extraordinário; não é uma coisa sentimental ou emocional, mas um sentimento genuíno, um sentimento que se tem diante de uma árvore do nosso jardim, de um ser que afagamos — um cão, um gato, um ente humano. Quando considerais uma coisa como vossa, quantos

desvelos tendes por ela! Como não cultivamos êsse extraordinário sentimento de "é nosso" — nosso mundo, nossa terra, nosso arrozal, as riquezas da nossa Terra — aderimos a idéias e sistemas, e esperamos edificar, com êles, um mundo diferente. O que é importante, hoje em dia, não é a questão técnica relativa a como "administrar" o mundo; isto é muito simples, visto termos tôda a maquinaria, tôda a ciência, tôda a técnica de lidar com as coisas. Mas, enquanto o mundo estiver dividido — cristãos, hinduístas, comunistas, socialistas, Oriente, Ocidente — nunca resolveremos êste problema. A meu ver, pois, a coisa mais importante não é o que cumpre fazer, mas, sim, o gerar o sentimento de que êste é o **nosso** mundo, **nossa** Terra, **nosso** jardim. Com êsse extraordinário e vital sentimento poder-se-ia, então, tratar da questão relativa ao que se deve fazer; então, creio eu, nunca surgirá a questão "que fazer?".

Assim, desejo nesta tarde apreciar êste problema: "que é que impede êsse sentimento extraordinàriamente rico, essa mente rica, essa pujante liberdade, a exuberância de nossa existência, quando sentimos ser êste o "nosso mundo". Há só uma cultura; as formas podem variar, as expressões podem variar; mas é um sentimento único o que cria as coisas, embora se expresse de modos vários — Oriental ou Ocidental. Porém, se não tivermos o sentimento, êsse maravilhoso sentimento de "nosso mundo" que vós e eu vamos edificar juntos, jamais conseguiremos criar um mundo diferente, de onde, embora haja a desigualdade, a distinção psicológica de classes desapareceu para sempre. É o que quero apreciar, se possível, nesta tarde.

O problema é êste: que é que impede êsse sentimento abundante de que êste mundo é nosso, que é ditoso viver-se num mundo tão rico, numa Terra tão fecunda, que não pertence a uns poucos capitalistas ou advogados

gananciosos, avaros, que não está debaixo da bota de uns poucos comissários. Que é que impede isso? É o que nos cumpre investigar, para vermos se é possível eliminarmos, não temporàriamente, mas radicalmente, tal empecilho.

Um dos maiores problemas de tôda a nossa civilização, quer do Oriente, quer do Ocidente, é a atitude psicológica perante a vida. Nós todos somos seguidores. Seguimos, e, por conseguinte, criamos um mundo de hierarquia. Embora sejais seguidores de várias formas de hierarquia, tende a bondade de **escutar** o que digo. Não o repudieis, dizendo: "Isto é uma das suas antipatias prediletas, um dos seus complexos prediletos, — seu condicionamento". Não estamos discutindo sôbre a desigualdade, porque o mundo é desigual, e não igual. Vós tendes mais inteligência do que eu. Sois totalmente diferentes de mim a muitos respeitos. Tendes prendas que eu não tenho. Sabeis apreciar a beleza, a música, e os requintes da cultura; e eu não sei. Abaixo de mim, há ainda pessoas desiguais, não possuidoras de dotes, da capacidade e da inteligência que eu tenho. Existe pois, a desigualdade; é um fato que cumpre aceitar e que não podemos varrer para o lado. Podeis desenvolver a vossa capacidade a um grau extraordinário; e eu posso ter muito pouca capacidade e não saber o que fazer com ela. A êsse respeito, é vão tentar estabelecer a igualdade. Pode-se considerar, porém, a desigualdade de um ponto de vista muito diferente. A desigualdade desaparece **quando não há comparação**, quando eu não me comparo convosco ou com outro qualquer.

Temos de aceitar a desigualdade como um fato; mas é muito mais importante quebrar a atitude hierárquica perante a vida — o alto e o baixo, o Mestre, o **guru**, a veneração da autoridade, seja de Sankara, seja de um dos nossos guias; é muito mais importante eliminarmos esta

tendência para a aceitação, para seguir. **Seguir** — é só isso que sabemos, não é verdade? "Dizei-me o que devo fazer e eu tentarei fazê-lo". Tendes inúmeros exemplos de Santos e de Salvadores; e vós os imitais, procurais seguí-los. Com a própria atitude de seguir, estabelecestes a autoridade. Esta atitude hierárquica perante a vida, esta justificação da autoridade, esta avaliação, é uma das causas fundamentais de tôdas as divisões existentes no mundo; e enquanto não atendermos realmente a êste problema — **não** o aceitando, mas o compreendendo, percebendo a sua significação, penetrando-o profundamente, em nós mesmos, psicològicamente, interiormente, não seremos os criadores de um mundo novo. Êste mundo não será o "nosso mundo", vosso e meu; será o mundo de um outro, um mundo de acôrdo com as idéias e os sistemas de um outro. Estamos falando sôbre a revolução radical e não sôbre a mera substituição de autoridades.

Assim, pois, enquanto houver autoridade, a justificação psicológica do superior e do inferior, do que sabe e do que não sabe, enquanto existir isso, aquêle que não sabe seguirá sempre o outro, para se sentir protegido, em segurança. Tal é a razão por que **seguimos.** Todos os nossos sistemas de autoridade baseiam-se no seguir — psicológica, espiritual, interiormente. Não estou falando com referência a um engenheiro, que sabe construir; êle é simplesmente um engenheiro e eu o considero como um engenheiro, uma função; psicològicamente, não o sigo. Porém, se criamos o valor autoritário psicológico, interior, se construímos uma hierarquia de idéias, de pessoas, não criaremos um mundo novo; o que criaremos será um mundo sumamente destrutivo, como antes, com guerras e divisões; não será " o nosso mundo", vosso e meu. Portanto, é vosso problema, é nosso problema, e cumpre-nos examiná-lo, achar a verdade respectiva e desfazê-lo completamente, erradicá-lo de nós mesmos. Por que seguimos um

guru, um Mestre, alguém que nos guie para a Verdade? Seguimos êsse homem, pela razão muito óbvia de que êle nos ajudará a "transpôr os obstáculos", significa seguir o seu método; e o que êle nos dará, o que nos mostrará, ou para onde nos guiará, é: a segurança, a felicidade, a certeza. É nisso que todos nós estamos interessados. Essa certeza, essa felicidade, êsse alvo, a isso chamamos Deus, a Verdade, ou por outro nome. Mas, em essência, fundamentalmente, o que queremos é o sentimento de estarmos em segurança psicològicamente, interiormente certos. É isso que queremos. É assim que criamos os valores autoritários, o Mestre, o Discípulo; e acreditamos que, gradualmente, estamos alcançando a categoria de Mestres. Mas atrás do desejo, do ímpeto, está a nossa imensa ânsia de certeza. É um fato psicológico, êste: que, quando seguis, estais em busca de certeza, de bom êxito, como quando obedeceis ao vosso chefe numa fábrica ou numa escola. Sabeis muito bem porque o fazeis. Podeis estar completamente em desacôrdo com êle, mas desejais estar em segurança, econômica ou psicològicamente. O seguir, portanto, cria uma hierarquia no nosso pensar — social, mental e emocionalmente. Criamos essa hierarquia. Observai a maneira como falais com vossos criados, e como vos dirigis ao vosso chefe espiritual ou não espiritual, de mãos juntas ou ofertando-lhe flôres. Com o criado falais uma linguagem especial e lhe dais pontapés. Falais de fraternidade. Tudo isso é falso, porque, psicològicamente, quereis a certeza de que chegareis a Mestre e tereis alcançado um nível não alcançado por outros, onde vos sentireis bem abrigado, bem seguro, certo. Criais assim um mundo de autoridade. Nela estão baseadas tôdas as religiões, não é verdade? Tôdas as sociedades que pregam a fraternidade seguem mestres. São elas essencialmente autoritárias .

O problema, para os que se interessam, não é "como viver sem a autoridade"' o problema é êste: "Porque cria

a mente uma autoridade? e: Pode ela abandonar a autoridade?" Dai a isto um pouco mais de atenção. Eu sigo a autoridade. Meu **guru**, minha lei, qualquer que ela seja, é minha autoridade. Tenho o critério hierárquico: "Vós estais mais perto do Mestre; vou seguir-vos, vou seguir o Padre, o Bispo, que mantêm não só a divisão econômica, senão também a divisão espiritual. Percebo todo o absurdo da autoridade, e que seguir a autoridade é antiespiritual; percebo que isso é grosseiro, material, materialista, embora sob a roupagem de palavras espirituais, como "fraternidade", "amor", e outros absurdos que tais. Quero soltar-me disso; e solto-me ao perceber que a inteligência não pode funcionar se está seguindo a autoridade; e, assim, deixo de seguir a autoridade. Depois disso, desejo provar a mim mesmo, pela ação, que me soltei: abandono a Sociedade, ou digo para mim mesmo que não devo seguir ninguém, não devo seguir nenhum guia espiritual, embora econômicamente eu seja obrigado a seguir alguém, um tanto a contragosto; para mim, não mais haverá líderes espirituais, pois tudo isso é absurdo. É muito importante compreendê-lo.

Seguir um **guru**, uma tradição, um ideal, é a coisa mais destrutiva que se pode fazer, porque o homem está então destruindo, pela comparação, a sua própria inteligência, a sua própria liberdade e o descobrimento do que é Real. Quando vos comparais com outro homem, quereis tornar-vos igual a êle, ter poder, posição, prestígio, popularidade, como êle. Tendes o impulso constante a vos tornardes melhor, e cada vez melhor, infinitamente. E, dêsse modo, não compreendeis realmente o que sois. Os ideais também criam a hierarquia — um que está mais perto da meta, e outro que não está tão perto. Assim, se tenho um interêsse muito sério, no meu esfôrço, compreendo todo êsse "processo" do viver. Deixo de seguir. Entretanto preciso provar a mim mesmo que deixei de seguir. Isto é que

nos interessa. **Sigo**, e deixo de **seguir**; depois, quero estar certo de que deixei de **seguir**; minha ação irá prová-lo: não praticarei mais ritos, porque isso é tradição, se baseia na hierarquia, na imitação. O próprio processo de julgamento e avaliação hierárquica, é imitação, comparação. Para provar a mim mesmo que abandonei o processo de avaliação hierárquica, vou verificar pela ação se de fato o abandonei, ou não; vou renunciar aos ritos, renunciar aos mestres, deixar de ser membro de determinada seita ou sociedade; porque quero provar a mim mesmo que abandonei tudo isso. Aí está! Entendeis? Para mim, a ação é a prova de que sou sincero no que creio.

Creio que a aceitação da hierarquia é a coisa mais estúpida do mundo — aceitação do julgamento hierárquico, dos valores hierárquicos, da autoridade que devo seguir; e quero prová-lo a mim mesmo, e, para prová-lo, penso que devo fazer certas coisas; e faço-as — provando que sou sincero no meu pensar, no meu critério, pois o demonstrei pela ação. Posso ter perdido o emprêgo, por êsse motivo; sinto porém, que sou um homem muito sincero, pois estou seguindo aquilo que penso ser verdadeiro. Mas, se olhardes atrás dessa ação, pela qual desejais ver se abandonastes o princípio hierárquico, ou não, vereis que, pela ação, buscais a certeza de que procedeis corretamente. Compreendeis? **Sigo**, porque quero estar certo, seguro, de proceder corretamente, de não viver uma vida desordenada. Eis porque sigo. Agora, vejo quanto isso é absurdo, e deixo de **seguir**; mas, pela ação, quero estar certo de que procedo corretamente, não seguindo ninguém. Portanto, não mudei, absolutamente. Só mudei de capa. Primeiro, eu **seguia**; agora **não sigo** mais. Entretanto, o meu "eu" interior continua o mesmo, pois desejo estar **certo de que** irei prosperar, porque não sigo mais ninguém. Por conseguinte, embora tenha abandonado a autoridade, criei uma autoridade de outra espécie. O que nos interessa, portan-

to, é a ação comprovadora de que sou sincero, e a sinceridade é o símbolo da certeza. Vêde como a mente sabe enganar a si mesma!

Antigamente, eu **seguia**; agora abandonei certas coisas que os chefes espirituais exigiam; deixei de **seguir.** E agora quero provar a mim mesmo, pela prática de certos atos, que não estou mais seguindo — e atrás disso se esconde o fato de que desejo estar certo de que procedo de maneira correta. Estais entendendo, Senhores, o que digo? Vós **seguis**; depois, vêdes que **o seguir**, pela sua própria natureza, é uma coisa criminosa, antiespiritual, deletéria, que não vos conduzirá a parte alguma. Por isso, dizeis a vós mesmos: Será melhor dar atenção ao que "êsse homem" está dizendo; êle tem reputação, etc.; portanto, será melhor que eu abandone tudo isto, decididamente, e prove a mim mesmo, pela ação, que não estou mais seguindo ninguém". Estais, pois, muito interessado na ação que vos mostrará que sois sincero; e ser sincero é estar certo. Compreendeis?

**Seguis,** porque quereis estar certos; deixais de seguir, por quererdes estar certos. Por conseguinte, não mudastes, absolutamente. Usastes apenas de um artifício. A mente pregou-vos uma peça. A mente cria ilusões, quando procura estar certa. Mas, tão só uma radical revolução da mente, e não uma ilusão, poderá criar um mundo novo.

**Seguistes,** criastes uma ilusão, uma hierarquia. Se estais seguindo um outro, não podeis gostar de ser vós mesmos. Se seguis outro, não há autoconhecimento. Se estais a seguir outro, por mais nobre e sábio que êle seja, não conhecereis o funcionamento da vossa própria mente; e sem êsse conhecimento, sem autoconhecimento, não há sabedoria. Assim sendo, com o desejo de certeza, a mente cria uma ilusão. O que agora nos interessa é êsse poder

de criar uma ilusão, de onde resulta ação. Se se quer uma revolução fundamental, profunda, o poder de criar ilusões tem de cessar, o que, com efeito, significa que o desejo de certeza, o desejo psicológico de segurança, garantia, confortamento, tem de cessar.

Nessas condições, se seguis alguém e depois deixais de fazê-lo e se, por êsse motivo, a vossa mente continua ansiosa de certeza, que deveis fazer? A mente é que deseja provar a si mesma, por meio da ação, que está procedendo corretamente. É só isso que sabemos, não é verdade? Tal é a nossa vida. A ação provará que sou sincero, respeitável. Mas a prova pela ação nasce dessa ilusão, dessa fuga da mente, que quer estar certa.

Se me acompanhastes até aqui, a segunda coisa em ordem de importância não é provardes a vós mesmos que abandonastes a horrenda avaliação hierárquica, nem verificardes se ainda estais **seguindo**; mas, sim, se extirpastes definitivamente o problema, que é: a mente, enquanto segue os seus ideais, as suas exigências de certeza, seus anelos, criará sempre a ilusão, e a extirpação dêsse poder de criar a ilusão é que nos interessa. Podeis agora dizer: "Mas que tem tôda esta longa e complicada exposição que ver com "a ação"? Preciso saber o que devo fazer, e vindes com tôda esta lengalenga". Mas, sem esta lengalenga a vossa ação conduzirá à desordem, à confusão, como acontece agora. O importante, pois, é que se perceba a falácia do **seguir**, e acabar com ela; que deixeis de **seguir** e não queirais provar a vós mesmos, pela ação, que não mais seguis. Quando precisamos da ação, para nos convencermos, queremos que a ação emane do "conhecido", e não temos a ação que emana do "desconhecido". E a ação emanada do "desconhecido", é que é libertadora, criadora, e não a ação que nasce do "conhecido", quando dizemos: "Abandonei tal coisa, e agora vou provar a mim mesmo

que a abandonei". Podeis ser sincero e ao mesmo tempo estar prêso na rêde da ilusão. Podeis provar a vós mesmos que estais agindo corretamente; mas êsse "agir corretamente" será o produto de uma ilusão.

Portanto, a ação nascida da liberdade, liberdade de tôda e qualquer autoridade, só essa ação é criadora. Com ela, podemos edificar juntos, vós e eu, vale dizer, não precisamos da ajuda de nenhuma autoridade espiritual para edificarmos êste mundo, que é vosso e meu. Vós não sois meu guia espiritual. Podeis ter certos conhecimentos matemáticos, saber construir casas e pontes, com vossos conhecimentos sôbre "resistência de materiais"; mas, espiritualmente, não sois minha autoridade; não vos estou seguindo. Por conseguinte, vós e eu estamos a descobrir juntamente como edificar êste mundo, porque êle é nosso mundo. Só a mente que está livre de tôda e qualquer autoridade é capaz disso. Porque fomos educados tão erradamente, porque fomos tão profundamente condicionados pela autoridade, pensamos que a liberdade virá no fim de tudo. O importante, por conseguinte, é compreender o processo da mente — as suas maneiras de pensar e de criar a ilusão, nada mais senão ilusões; e compreender que há sempre a criação de ilusão, enquanto a mente deseja certeza. Êsse desejo de certeza cria o seguidor e o guia; e, havendo esta relação de seguidor e guia, criareis um mundo onde não existirá o sentimento de "vosso e meu" — "nosso mundo". Êste sentimento não existirá. O que existirá serão comissários, mercadores de guerra, capitalistas, exploradores, espirituais ou não. Se desejais compreender todo êste "processo", tereis de examinar êste problema da ação.

Talvez queirais fazer perguntas a propósito desta palestra. Senão, aqui tenho algumas perguntas feitas por escrito.

Pergunta: *Milhares de pessoas tendem a pensar que um certo indivíduo é mais inteligente do que elas próprias; por isso, o seguem.*

KRISHNAMURTI: Senhores, que é inteligência? A inteligência consiste em comparação? Se derdes um minuto de atenção a isto, vê-lo-eis. Se, numa escola um professor compara um aluno com outro, está tornando êsse aluno inteligente, pela comparação, ou o está destruindo, pela comparação com o aluno mais inteligente? Compreendeis, Senhores? Não fazeis obra destrutiva ao comparar um jovem com outro jovem, um ente humano com outro ente humano? Quando vos comparais com outro homem, quando comparais o mestre com o discípulo, não estais, com êste horrendo proceder, destruindo a vós mesmo? Esta destruição é inteligência? Que é então inteligência? Inteligência é aquêle estado em que não se fazem comparações. Quando compreendeis o que sois, não vos comparais com ninguém. Na escola, porém, onde se transmite a chamada "educação", e onde todos fomos educados e condicionados — lá se está sempre a comparar. Por conseguinte, estamos destruindo a inteligência, com a nossa maneira de falar. Quando comparais os vossos filhos — o mais velho com o mais novo — e quereis que o mais novo trabalhe, imite, copie, lute, progrida, para igualar o mais velho, isto significa, com efeito, que vosso filho mais novo não tem importância nenhuma para vós, e que só tendes uma idéia sôbre o que o mais velho é, e empurrais o mais novo para dentro dessa idéia. Eis o que chamais "educação", eis o que chamais "inteligência"!

Para têrmos, portanto, esta revolução radical, nunca deve existir comparação. Ora, senhores, nós somos entes humanos. Vós sois tão bom como eu. Somos entes humanos, que sofrem, que lutam, que compreendem. Não sois meu senhor, e eu não sou vosso seguidor. Para criarmos um mundo novo, cumpre pensarmos nisso de maneira completamente diversa. E só posso pensar de maneira completa e diferente, quando não estou comparando. Eu sou o que sou. Quero compreender o que sou. Posso ser o mais estúpido dos homens; quero compreender o que sou, porque, se conheço a minha estupidez, daí bem poderá nascer algo de maravilhoso; porém, se procuro escondê-la, permaneço estúpido o resto da vida.

Vêde, pois, senhores, que para têrmos uma revolução radical, requer-se um pensar radical, e o pensar não vem com a simples ação. A ação não é prova de integridade de pensamento. A integridade vem quando compreendeis o que sois, o que quer que sejais. Não podeis compreender o que sois, se estais comparando, julgando, eliminando. Ver as coisas como são — tal é a mais importante das coisas; por conseguinte, a mente livre jamais criará ilusão.

PERGUNTA: *A idéia de "Um Mundo Só" não é uma utopia?*

KRISHNAMURTI: Eu não falo a respeito de "um mundo só". Falei a respeito do mundo que "é nosso". Isto não é utopia. Podeis convertê-lo numa utopia, num ideal para cultivardes, e outras bobagens que tais — que são fugas ao fato real: que êste é o **nosso mundo**. Vós e eu estamos vivendo no mundo, mas nêle não sabemos viver juntos. Digo que só será possível fazermos **nosso** êsse mundo, quando já não tivermos nenhum guia e nenhum seguidor.

Pergunta: *Se abandonarmos a autoridade, para que fim estaremos vivendo? Abandonando a autoridade, encontraremos outra espécie de segurança?*

KRISHNAMURTI: Foi exatamente sôbre isso que estive a falar êste tempo todo. A mente que busca segurança e segue o desejo de segurança cria uma hierarquia, com a autoridade — que é o veneno da nossa sociedade atual. Isto é óbvio. O que nos parece importante não é o abandono da autoridade, senão o desejo de certeza. Quero estar certo de que vivo corretamente, de acôrdo com o **Bhagavad-Gita**, de acôrdo com o Mestre, de acôrdo com Stalin, ou outro qualquer. Desejo viver corretamente e, por isso, vos interrogo, interrogo os Mestres que moram além das montanhas ou os **gurus** da esquina mais próxima. Por conseguinte, quando desejo estar certo, seguro, está criada a autoridade — e esta é a maior ilusão que a mente é capaz de criar, porque destrói a liberdade e, conseqüentemente, a ação criadora.

Senhores, quantos de vós estais verdadeiramente livres da imitação? Sabeis de cor todo o **Bhagavad Gita**. A respeito de vós mesmos não sabeis coisa nenhuma; ou se alguma coisa sabeis sôbre vós mesmos, é o que aprendestes de Sankara. Senhores, viveis, e todos vós aspirais a uma vida nobre — que significa: copiar, imitar, repetir; é isso o que chamais "vida nobre". Entretanto, nunca descobris por vós mesmo aquilo que sois, nunca descobris a verdade. Podeis dizer que sois uma alma grandiosa, **Atman**, como diz Sankara ou Buda; mas isto é só tolice, porque é repetição; isto é falso. Ainda que Sankara ou Buda o tenham dito, vós tendes de achar a verdade pelo **descobrimento**, em cada dia, em cada momento.

PERGUNTA: *Que é "ação espontânea"?*

KRISHNAMURTI: O momento não é oportuno para tratarmos desta questão. Estamos discutindo sôbre a mente espontânea, onde não existe autoridade, onde não existe desejo de segurança. Não responderei agora a esta pergunta.

PERGUNTA: *Se cada um pensa na sua liberdade individual, em que pé fica a questão do sentimento de "vosso e meu"?*

KRISHNAMURTI: Vós individualmente sois livre? Estais condicionado; não sois um indivíduo livre. Mas, para compreenderdes vosso condicionamento, compreendê-lo de modo completo, requer-se muito trabalho, não? A liberdade não é uma coisa fácil de comprar. Não sabeis o que ela significa. Quando falais de liberdade, pensais deveis ser livre de acôrdo comigo, de acôrdo com o padrão, de acôrdo com a idéia. Nada disso é liberdade. A liberdade significa uma coisa muito diferente. Significa: **ser livre** (liberdade em si mesma). Existe êsse estado de "liberdade em si mesma" — que não é "liberdade em relação com alguma coisa". Foi sôbre isso que estive falando: ser livre, não livre da autoridade, da hierarquia; porque já cortastes a autoridade pela raiz, e, daí, se produzirá ação. Êsse corte produzirá ação, e não haverá nenhuma ação destinada a provar que a cortastes. Se compreendestes realmente o que sois, não desejareis mais o prestígio, poder, posição ou o patrocínio de alguém; não pensareis mais na vossa liberdade individual; sois livre.

PERGUNTA: *Podemos saber se vós mesmo já experimentastes êste estado de liberdade?*

KRISHNAMURTI: Senhores, por que o quereis saber? Prestai atenção. Não riais. Não estou dando uma resposta

sutil ou espirituosa. Vêde com quanta sutileza a mente funciona! — Nesta reunião não é possível nenhuma discussão. Estão encerradas as discussões. Amanhã será o último dia de palestras. — Aqui está um senhor que deseja saber se experimentei diretamente aquela liberdade. Vêde bem a importância desta pergunta, o que ela subentende. Estou estabelecendo alguma autoridade, quando digo "Descobri por vós mesmo?" Quando o digo, estou estabelecendo uma autoridade? Se seguisseis o que digo, haveria autoridade. Mas eu cortei a autoridade pela raiz: dizendo "descobri por vós mesmo. Não sigais ninguém". Por que se fazem tais perguntas?

Outro cavalheiro diz que não se deve seguir o que eu digo. Porém, que disse eu, que devais seguir? Estou-vos mostrando — se prestais atenção — o funcionamento da vossa mente, suas atividades enganosas, como a mente pensa que abandonou uma coisa, quando de fato não abandonou, como a mente cria a ilusão. Eu não vos disse o que deveis fazer. Portanto, nada tendes para seguir. Estou-vos mostrando o comportamento da vossa mente. Já vos tenho dito muitas vêzes que não deveis seguir ninguém, inclusive minha pessoa. Seguir alguém, inclusive a mim mesmo, é o fator mais destrutivo e mais deletério da vida. Não façais má aplicação do que digo. Seria muito interessante descobrir porque um cavalheiro disse: "Nós não vamos seguir-vos", e outro disse: "Conheceis essa liberdade?".

PERGUNTA: *O cavalheiro que está dizendo "abandonai a autoridade", está apegado à autoridade.*

KRISHNAMURTI: Parece-me que não prestastes nenhuma atenção ao que estive dizendo. Eu vos disse, no início da palestra, que a mente cria a autoridade e a aceita

ou rejeita; e que o rejeitá-la e querer uma prova disso, constitui uma outra forma de autoridade. Há só um processo, uma só maneira de apreciar esta questão, criada quando abandonamos a autoridade, mas não estamos convencidos de a têrmos abandonado. Estive a examinar o problema de como a mente funciona, o qual naturalmente reclama muita atenção. Esta atenção, com efeito, é um "processo" de meditação; não é a atenção forçada do pensamento, mas a atenção que vem quando estais realmente interessado numa coisa de vital importância.

Esta questão é uma questão vital, porque ela está afrontando o mundo inteiro — o comissário e o trabalhador, o Papa e o leigo, aí está o problema todo inteiro. Não o afasteis para o lado. Êste é o problema de que estamos tratando e, para compreendê-lo, cumpre prestar-lhe atenção. É necessário meditação. Êste problema é muito importante; não é coisa para se aceitar ou rejeitar, mas que requer um extraordinário discernimento; e êsse discernimento só é possível quando compreendeis o funcionar da vossa mente, quando compreendeis porque a mente cria a autoridade, e a aceita ou rejeita, e como a própria rejeição constitui uma outra forma de autoridade. Foi sôbre isto que estivemos discutindo. É muito importante ver-se a coisa como um todo, e não como membro de uma certa sociedade ou como indivíduo que exerce um certo poder sôbre outro. É um problema complexo que exige de vós uma reflexão muito profunda; e não podeis pensar profundamente, se estais ligado a alguma autoridade.

26 de dezembro de 1953

## — VIII —

NESTAS quatro semanas, estivemos discutindo sôbre o que me parece um problema muito importante, ou seja o problema da revolução total — não a maneira, o método, o sistema, o modo de efetuá-la, mas o percebimento da necessidade de nos acharmos nesse estado. Há uma vasta diferença entre estas duas coisas: o método ou o "como" efetuar-se a revolução total em nós mesmos, e o percebimento da importância e da necessidade da revolução total. A maneira, o sistema, o método nunca a produzirá, porque o método implica prática, repetição, rotina, por conseqüência, a formação de um espírito medíocre. Porém, se pudermos perceber que é essencial haver uma revolução total em nós mesmos — não num dado nível especial da nossa consciência, não a revolução econômica, social ou do meio ambiente, mas a total revolução psicológica; se pudermos perceber a importância dessa revolução, sua necessidade, sua urgência, então não haverá uma revolução consciente, mas uma revolução inconsciente, involuntária. É sôbre isto que temos discutido, de diferentes pontos de vista.

Esta tarde, se fôr possível, desejo discorrer sôbre como se pode formar a mente fresca, a mente nova, não condenada pelo passado, que não seja mero produto de um processo temporal; como se pode formar, ter um espírito completamente livre de cargas, um espírito totalmente puro. Isto é necessário, porque todos os líderes, guias, econô-

micos, sociais, religiosos, falharam completamente; porque continuamos a ter guerras, sofrimentos horrorosos, no mundo — fome, divisões sociais, crescente desemprêgo, superpovoamento, etc. Cada um de nós que pensa sèriamente tem tentado resolver êstes problemas segundo seus conhecimentos, segundo sua experiência, segundo seu sistema, segundo o ideal comunista, socialista, capitalista, católico ou hinduísta; e não conseguimos resolvê-los. O problema não resulta de não termos praticado devidamente, de modo completo, com inteligência ou persistência, os ideais do hinduismo, do catolicismo, do capitalismo ou do comunismo. Porque os ideais, a prática dos ideais tornam a mente incapaz de fazer frente ao novo desafio; e o praticar é apenas uma repetição consciente, que embota a mente, que a torna medíocre, pequena, mesquinha, interessada só no cultivo do ideal. O que importa, pois, não é o ideal nem um melhor sistema, nem a busca de um sistema melhor, uma filosofia melhor, um líder melhor; a obediência à autoridade é, em si, destrutiva, causadora de desintegração.

Não é necessário tenhamos um espírito novo — não um espírito aberto — um espírito totalmente novo, para fazermos frente a todos êstes problemas? Isso é possível? Não sei se já fizestes esta pergunta a vós mesmos.

Sempre perguntamos **como** enfrentar o problema, que método adotar, que ideais praticar — o caminho; jamais consideramos, porém, a necessidade de termos uma mente nova, uma mente completamente pura, capaz de enfrentar os problemas, uma mente fresca, não desordenada; mente que possa ver o problema sem nenhum preconceito. Quando indagamos a êsse respeito, não deveríamos examinar a questão do que é "experiência"? — porque a experiência é que está tornando a mente embotada. Isto é, a experiência, tal como a conhecemos, ajuda-nos a enfrentar

êste problema sobremodo complexo do viver? Permiti-me lembrar-vos quanto é importante **escutar**. Vós escutais de dentro da vossa experiência: tendes conclusões, passastes por experiências inumeráveis, provações, sofrimentos, aflições, e é com êsse **fundo** que estais escutando; estais escutando com uma conclusão. Isto é **escutar?** Se escuto o que dizeis, que talvez seja novo, diferente, com a mente já entrincheirada numa certa ideologia, numa certa experiência, num conhecimento específico, pode a minha mente **escutar?** Êste deve ser um dos nossos problemas, porque eu sinto que, se soubermos escutar devidamente, seremos capazes de quebrar todo o processo da mente que está entrincheirada num determinado ponto de vista. Há, pois, uma arte de escutar, e eu acho esta arte muito importante, principalmente quando tratamos de problemas como êsses que estão desafiando a cada um de nós.

Vários líderes, — econômicos, sociais, etc. — não conseguiram resolver o nosso problema; e nenhum líder jamais o resolverá, nenhum **guru** ou Mestre — porque os problemas são criados por cada um de nós. A única pessoa que pode resolver o problema não é nenhuma outra senão cada um de nós, pois os guias já não existem. Pode acontecer que cada um de nós se torne um guia para si mesmo; e para podermos criar a capacidade de guiarmos a nós mesmos para a compreensão, a libertação, acho muito importante investigarmos tôda esta questão da experiência — isto é, investigar o que é a nossa mente. A mente é o resultado da experiência, não só dêstes poucos anos, mas da experiência secular do homem, do homem em todo o mundo, e não apenas aqui. Há êsse "processo de experiência" funcionando contìnuamente. Afinal, a vida é experiência, o viver é experiência. Há o choque contínuo com a vida, quer estejamos cônscios dêle, quer não. Quando desceis a rua, quando vos encontrais com alguém, quando lêdes ou escutais música, quando vêdes as estrêlas, as som-

bras da noite, quando falais, quando chorais, quando tendes a ânsia de descobrir — tudo isso implica, não é verdade? — tudo isso pressupõe experiência, o choque das várias reações mentais. Isto é experiência, e a experiência é o produto de nosso condicionamento, não é verdade? Isto é bem simples. Eu experimento de acôrdo com o meu próprio **fundo.** Êsse fundo é o consciente ou inconsciente, o resíduo de todos os pensamentos, tôdas as experiências, todo o saber. Tal é, em última análise, a minha mente e a vossa mente. Ela é o depósito da experiência, e esta experiência não reage a nenhum estímulo ou desafio novo, mas traduz o novo desafio, a nova exigência em conformidade com o seu condicionamento, seu **fundo** ou **background.** Por conseguinte, o novo desafio, a nova exigência, o novo problema só tem o efeito de reforçar o nosso **fundo;** não o dissolve. Acho que isto está bastante claro, não?

Há um desafio, há um problema. Eu, que sou comunista, ou um "ista" qualquer, ou que pertenço a alguma coisa, enfrento o problema de acôrdo com o meu condicionamento, conforme a maneira como sempre pensei, como sempre vivi, a maneira como fui educado. Por conseguinte, em vez de o problema ou o desafio libertar-me o espírito, eu traduzo o problema, o desafio, de acôrdo com a minha educação, de acôrdo com o meu condicionamento, de acôrdo com minha ideologia, minha crença, meu dogma. Assim se fortalece, no processo da tradução, o meu **fundo (background);** nunca se enfraquece. A mente, pois, está sempre acumulando, sempre se fortalecendo no seu condicionamento, no seu **fundo,** na sua mesquinhez, sua estreiteza e suas crenças, e jamais ocorre a nossa libertação da experiência. Acho muito importante compreender isso, porque costumamos dizer: "a vida nos ensinará". Quanto mais experiências tendes, mais sábios vos julgais; quanto mais ledes, quanto mais procurais, investigais, praticais, tanto mais acreditais estar progredindo para a meta.

Se de fato penetrardes muito mais profundamente e observardes bem, vereis que lá está sempre a entidade que acumula, que armazena. Essa entidade já está condicionada, e por isso está sempre traduzindo, vivendo, a ajustar cada experiência e cada desafio, ao "velho", e portanto se fortalecendo; por conseguinte: "fortalecer" é o "processo do tempo". Afinal de contas, é isso o que entendemos por "tempo", não é verdade? — não o tempo marcado pelo relógio, mas o processo temporal do pensamento: eu fui, eu sou, eu serei. Tal é o processo psicológico do tempo e, dentro dêsse tempo, acumulamos experiência, e a nossa mente é a experiência. E com essa mente nos abeiramos de todos os problemas da vida. Espero esteja me fazendo claro. Porque esta é a única mente que vós e eu possuímos — pois não há mente superior ou mente inferior. Pois a mente superior é ainda um processo de pensamento. A mente superior foi inventada pelo pensamento, e o pensamento é resultado do tempo, da experiência; por conseguinte, o "eu superior" está ainda dentro da esfera da mente. Êle, portanto, é incapaz de atender ao problema. Ainda que tenhais os olhos voltados para êle, ainda que rezeis por êle, ansieis por êle, o "eu superior", essa coisa a que aspirais como entidade superior, está ainda compreendida na esfera do tempo, que é o processo do pensamento. Quando dependeis do "eu", da mente, para resolverdes o problema, estais ainda criando a ilusão do tempo, e não há solução alguma. Se está claro isto, se estais prestando atenção, vereis que tôda experiência só condiciona o processo do pensamento.

Pode, pois, a mente que está experimentando, tôda entregue à experiência, a mente acorrentada, cativa da tradição, do saber, essa mente pode ser nova? Não pode, evidentemente. É possível (não pergunto "como é possível") ter a mente nova, não contaminada, pura, e ao mesmo tempo ter experiência? Não se pode viver sem a experiência; viver é um "processo" de experimentar; sem ex-

periência a vida é impossível; ou há experiência, ou há morte. É possível ter a mente nova, embora experimentando? Tende a bondade de prestar atenção. Esta questão é importante, porque a revolução de que tenho falado a implica, e implica que tenhamos uma mente que, embora experimentando, não se deixe contaminar pela experiência e seja, portanto, capaz de enfrentar cada problema de maneira nova.

Estou falando grego? Percebo que não há contacto do que estou dizendo com o que pensais.

Vêde, senhores, temos problemas em diferentes níveis da nossa existência — não só o problema do pão ou o problema da guerra. Temos êste vasto problema do viver — desigualdade, brutalidade, morte, guerra, tribulações, ódios, espírito de aquisição, antagonismo. Estamos em presença desta vasta existência, que implica tudo isso. Ora, estamos acostumados a atender a êste problema do viver com a mente condicionada — condicionada como hinduísta, teosofista, católica, budista, comunista, etc. Por isso traduzimos o problema de acôrdo com o nosso condicionamento, e estamos agindo de acôrdo com a nossa tradição; essa ação só pode fortalecer mais o nosso condicionamento, e, por conseguinte, não pode haver libertação. Não deve, pois, cada um de nós perguntar a si mesmo se é possível ter a mente não contaminada, a mente nova, pura, embora vivendo com suas inumeráveis experiências?

Que é que contamina a mente? Êste é o problema. Que é que torna a mente embotada, estúpida, trivial, acorrentada à rotina, ao hábito, à tradição? Que faz a mente declinar, envelhecer? Se a mente puder conservar-se nova, sem deperecer, sem deteriorar-se, a experiência nunca a contaminará, embora tenhamos de viver e conquanto haja sempre experiência.

Qual é a coisa, ou o fator, ou o "processo" que torna a mente corrompida? Pensemos neste problema juntos.

Não me escuteis com a expectativa de que eu vou dizer-vos qual é tal fator. Se esperais que eu vá demonstrá-lo, se esperais que eu vô-lo diga, estais reduzido a um mero autômato, aguardando que se vos diga o que deveis fazer. Tal é justamente o estado mental que nos deteriora: precisamos que se nos diga o que devemos fazer. Nossa educação consiste, não é verdade? — em ensinar-se "o que se deve fazer" e "o que se deve pensar". Tôdas as religiões nos dizem o que fazer e o que pensar. Mas isso não nos dá a liberdade, o poder criador de investigar. Não espereis, pois, informações de minha parte.

Qual é a coisa que torna a mente embotada, que faz a mente deteriorar-se tôda? Um dos fatôres principais é o esfôrço — a luta constante para "vir a ser", a luta para fazer o que é certo, o que é correto, para se ser bem-sucedido; a luta para compreender, a luta e o cultivo da virtude, o seguimento de uma idéia ou ideal. Por causa dessa luta perene, a mente nunca tem um momento de tranqüilidade, de repouso. Observai a vossa própria mente; ela nunca está, por um momento sequer, tranqüila, espontâneamente tranqüila. A mente que se força ou disciplina para estar tranqüila é uma mente morta. Há a luta constante do advogado forcejando para tornar-se juiz, do escriturário que se esforça para se tornar o patrão, do discípulo que se esforça para se tornar Mestre; há esta luta constante para "vir a ser", e nunca um momento de ser. Em tais condições, a mente — tanto a consciente como a inconsciente — se assemelha a uma máquina, que funciona a tôdas as horas, sem parar. A consciência está sempre em movimento, sempre abrindo caminho e lutando para adquirir, lutando para se transformar, lutando para compreender, lutando para se preencher e, quando não há preeenchimento, se sente contrariada, atormentada, porque encontra resistência, obstáculos, barreiras; e tendo ambições, alcançando êxitos. Tal é a nossa

vida. Como pode a mente que está sempre lutando, ser uma mente nova? O problema não é "como pode essa mente tornar-se nova?" — porque essa mente nunca pode tornar-se nova. Mas se ela cessar a sua atividade, a sua luta perene, para ser, haverá então a possibilidade de se acabar o estado condicionado e a mente tornar-se nova.

Em última análise, a coisa que chamamos o "eu", o "ego", é a entidade que está acumulando experiência. É essa a entidade que luta incessantemente? Prestai atenção, senhores. Se escutardes devidamente, vereis como em presença da Verdade acontece uma coisa extraordinária: a desintegração do "eu" e, em conseqüência, a possibilidade de uma mente nova, mente que estará de fato **experimentando** o que é verdadeiro, sendo ela própria, por conseguinte, a Verdade.

Que é afinal o "eu", o "ego"? É o centro da luta, o centro da ambição, o "vir a ser" incessante — eu fui, eu sou, e eu serei — e tal é o centro, tal o fator deteriorante, que torna a mente corrompida, lerda, estúpida, medíocre. Percebei, simplesmente, o fato de que a luta é o fator central da deterioração, é a luta do "eu" por "vir a ser alguma coisa". Destarte, nunca se tem um momento de real tranqüilidade, serenidade mental. A mente tranqüila pode experimentar sem se deixar contaminar. A mente, porém, que está **adquirindo**, abrindo caminho, lutando, acumulando, intrìnsecamente experimentando — é um fator de deterioração. Vêde tão só a coisa, tal qual é, e não como eu a estou descrevendo — percebendo o que se está passando em vossa mente.

Temos tido discussões nestas quatro semanas, tôdas as manhãs, às 7,30. Mas esta não é uma reunião dêsse gênero. Estamos aqui reunidos, tentando investigar o processo mental. Há ainda inumeráveis problemas, que deixei intactos. Porém, se se puder compreender a raiz principal, o principal fator que nos está destruindo o espíri-

to, corrompendo-o e tornando-o estúpido, medíocre, ver-se-á que só a mente tranqüila, a mente que não está vindo "a ser", pode experimentar sem acumular. O acumular alguma coisa é um fator de deterioração; êsse fator é que precisamos compreender, e não a maneira "como" nos livrarmos dêsse fator. Quando compreenderdes que a acumulação é o fator destrutivo, nesse momento a mente deixará de acumular; e, com efeito, ela é então capaz de estar tranqüila e de experimentar; mas o experimentar já não é um processo acumulador de lembranças, que serão utilizadas para o ulterior experimentar.

A mente que compreende, que percebe a verdade relativa ao "vir a ser", ao ser, a verdade relativa ao acumular — essa é uma mente tranqüila; e a mente tranquila pode experimentar sem se corromper. E pode então, nessa tranqüilidade, penetrar mais fundo, penetrar naquele estado maravilhoso que nenhuma mente consciente ou disciplinada ou que está acumulando pode atingir. Deus, a Verdade, não pode ser acumulado — Êle é, de momento em momento. A mente que sempre se está tornando algo, não pode conhecer a Verdade.

Será melhor, em vez de fazerdes perguntas, como ontem, sôbre o que acabo de dizer, que eu responda a estas perguntas que me foram dadas. Mas eu não vou, em verdade, responder, porquanto não há resposta para nada.

PERGUNTA: *Que é a "mente maleável"?*

KRISHNAMURTI: Senhores, como disse, não respondo a perguntas do auditório, nesta tarde. Responderei apenas às perguntas dadas por escrito. Como já disse, não respondo a perguntas, uma vez que não há respostas nem soluções: só há problemas. Compreendeis? Senhores, só há problemas, e não há soluções. Se sou capaz de com-

preender o problema completamente, totalmente, compreender-lhe a natureza intrínseca, não preciso procurar-lhe a solução. É fácil fazer perguntas, mas é muito difícil desvendar o problema, descer às raízes do problema, compreendê-lo. Por conseguinte, não estou dando soluções. O que fazemos é, juntos, explorar o problema; e na exploração do problema pode-se perceber a verdade respectiva, e essa verdade libertará a mente do problema. Se ficais, porém à espera de uma solução, como um colegial, perdereis então a essência do que estivemos dizendo.

PERGUNTA: *Já vos ouvi muito tempo. Minha mente está embotada, cansada da repetição interminável de uns poucos enunciados básicos. Existe para mim alguma esperança de libertação?*

KRISHNAMURTI: O interrogante diz que escutou durante muito tempo, que sua mente está embotada, cansada das minhas "poucas asserções básicas". O problema é: êle **escutou** de fato? Tende a bondade de **escutar**, senhores. Não é caso para rir. Não estamos numa reunião política, ou numa reunião de diversão ou entretenimento, e, depois de vinte ou quarenta minutos, precisais naturalmente de distração; por isso, rides.

O problema é o seguinte: Êste senhor esteve **escutando?** Se êle tem escutado tôda a sua vida, naturalmente já está cansado, porque tem escutado (não é verdade?) de acôrdo com o seu próprio **fundo** (background), suas fixações, suas formulações, suas experiências. Êle não está realmente escutando. Eis porque, senhores, é dificílimo escutar corretamente. Se eu sei como se escuta uma Verdade, uma coisa que é verdadeira, essa coisa irá ser o fator libertador. A mente se embota com a rotina, e tem muito empenho em acumular, armazenar. Deve-se escutar

tranqüilamente, sem argumentação. Quando estais em frente de um cenário grandioso, de uma coisa bela, se a vossa mente está "tagarelando", ou a compará-la com outra, podeis apreciar êsse magnificente espetáculo? Porque a vossa mente está ocupada com a comparação, não podeis apreciá-lo. Do mesmo modo, se fordes capazes de escutar sem comparar, êsse próprio escutar vos dirá se a coisa que está sendo dita é verdadeira ou falsa. A verdade a respeito da coisa trará a liberdade à mente, aliviando-a, sem nenhum esfôrço, de inúmeras cargas. Vós não estais **escutando**; vossa mente ou já está embotada, ou já se transportou para outra parte.

Senhores, é uma grande arte, o **escutar** — escutar não só a outra pessoa, mas a si mesmo: tôdas as sugestões, tôdas as exigências, "motivos", interêsses e desejos inconscientes, e estar cônscio de tudo isso sem nenhuma escolha. Êsse próprio percebimento, livre de escolha, vos mostrará a verdade com relação a tal "motivo" e essa verdade é o fator criador, o fator libertador.

PERGUNTA: *Não é preferível ter a mente "contentada", a ter uma mente tranqüila? Neste caso, os problemas não deixam por si mesmos de existir?*

KRISHNAMURTI: Qual é o problema, ter a mente "contentada" ou ter a mente tranqüila? Não é um problema, êste, de que a vossa mente não está satisfeita, não está tranqüila, porém perturbada, confusa? Vendo-vos confusos, dizeis: "Devo ter a mente "contentada" ou a mente tranqüila?" Estais, portanto, apenas visando ao objetivo de ter um espírito tranqüilo, ou estais acumulando, ou a dizer: "como pode a minha mente ficar tranqüila?" Senhores, o contentamento é uma coisa que começa a existir, quando compreendo **o que é**. O importante não

é ter a mente "contentada" e, sim compreender as coisas como são, e não como desejaríeis que elas fôssem, para compreender **o que é**. Vêde, senhores: Eu sou invejoso e a minha mente está lutando para "não ser invejosa"; e penso que, se me tornar "não invejoso", estará "contentada" a minha mente. Mas se, em vez de perseguir o ideal, que é de todo em todo ilusório, inexistente, eu compreendesse todo o significado da inveja, aquilo que existe na realidade, a coisa tal qual **é** — eu sou invejoso — então, com essa compreensão, virá o contentamento da mente. A compreensão da coisa, tal qual **é**, requer um extraordinário percebimento, sem comparação, julgamento ou condenação; requer olheis a coisa assim como **é**, e não como gostaríeis que fôsse, não como uma coisa diferente, conforme desejais que ela seja. Isso requer um discernimento extraordinário; e, em virtude dêsse discernimento, a mente se torna tranqüila — o que se pode chamar "contentamento". A mente que está "contentada" é mente sem profundidade, é como a mente de uma vaca.

A mente tranqüila é de todo diversa da mente "contentada". A mente serena está ativa no mais alto grau. Sua atividade, porém, não é a atividade de obter, de conquistar, de fazer, acumular, progredir. Isto não é estar ativo. Isto é morte, declínio, deterioração. A mente está serena com a compreensão do **que é** — a coisa que eu sou e não o que eu penso que sou; a coisa que sou: invejoso, ciumento, inquieto, medroso, lutando, com mêdo do que digam "os outros", com mêdo de minha incerteza, com mêdo a respeito de meu emprêgo. Para compreender-me tal qual sou, requer-se um percebimento sem escolha, onde já não há condenação, uma vigilância sem desvio, sem distração. O percebimento da coisa como **é**, produz a quebra da mente medíocre, e só essa mente é de fato compreensiva, capaz de receber aquilo que é eterno.

PERGUNTA: *O que aprendemos sôbre a meditação, dos nossos livros sagrados, dos nossos guias espirituais, parece essencialmente diferente daquilo que denominais "meditação". Tereis a bondade de apreciar esta questão?*

KRISHNAMURTI: Senhores, vejamos o que é a meditação, pois acho ser êste um problema muito importante e, se eu souber meditar, poderá ser compreendido o problema da existência. Posso aprender a meditação, de um outro, do livro sagrado, ou do instrutor, ou da escola que ensina a meditar? Tende a bondade de **escutar.**

Qual o problema compreendido na meditação? Nela só existe o ente que "vem a ser"; na meditação, temos o pensador e o pensamento. Tende a bondade de observar a vossa mente mediante a descrição de minhas palavras. Não sigais as minhas palavras, mas observai a vossa própria mente em função, enquanto estais escutando o que digo. O problema da meditação é o "meditador". O "meditador", porém, tem muitos pensamentos. Os pensamentos e o "meditador" buscam o "vir a ser". Isto é, estou meditando com o fim de achar Deus, com o fim de compreender, de cultivar a virtude, de adquirir tranqüilidade, de afastar alguma coisa de mim, esperando que alcançarei assim um estado onde só há ser. Destarte, quando investigamos a questão da meditação, o problema é êste: o "meditador" e o "vir a ser". O que conhecemos na meditação é o pensador e o pensamento, não é verdade? É só o que conhecemos: o pensador que procura modificar seus pensamentos, que procura elevar os seus pensamentos, subir, subir. Quem faz o esfôrço é o pensador, o "eu" — moldando, controlando, guiando, aspirando, refreando o pensamento. É isso que chamais "meditação". Tendes a imagem de um Mestre, o retrato de um **guru,** ou qualquer

imagem feita pela mão ou pela mente, e nisso vos concentrais. Temos aí, pois, a pessoa que se concentra e a coisa em que se concentra. Isso implica uma divisão entre "o pensador e o pensamento". Ora, existe realmente esta divisão? Nós criamos a divisão: o pensador e o pensamento. Mas, existe de fato o pensador separado do pensamento? Se tirais os pensamentos, que é do pensador? Senhores, se não pensais, existe um pensador?

Os pensamentos criaram o "pensador", porque os pensamentos são transitórios, e por isso dizemos que o pensador é permanente. Dêsse modo, na busca de permanência, os pensamentos criaram o pensador. E então o pensador domina os pensamentos e molda-os com o propósito de alcançar alguma outra coisa, que evidentemente não é verdadeira. Os pensamentos criaram um pensador — **Paramatman**, ou "Ser Supremo", ou seja o que fôr. Os pensamentos criaram isso, e sem pensamentos, não há pensador. Ao ser percebida a verdade a êsse respeito, não há mais o controlar dos pensamentos, não há mais nenhuma entidade que molda, que emite pensamentos em tôdas as direções ou numa só direção; só há o **pensar.** Se digo tal coisa, e ela é compreendida, nisso já há uma revolução extrardinária; porque então já não tem existência o "pensador", e se pode experimentar realmente, perceber realmente a verdade sôbre êste particular, ou seja: que não há "pensador". Perceber a verdade a êsse respeito é o comêço da meditação. Se não a perceberdes, não adianta procurardes tôdas as espécies de instrutores, não adianta nenhuma experiência que fizerdes com os de "alta" e "baixa" categoria, pois tudo isso são artifícios da mente. Nada disso é meditação. Essas coisas não conduzem a parte alguma; são só ilusão. Enquanto não compreenderdes esta coisa principal, i.e., que o pensamento cria o pensador e que sem pensamento não há pensador; enquanto não experimentardes isso — não verbalmente,

mas realmente — não surgirá a Realidade. Surge a Realidade depois de muita meditação, sendo meditação: pensar de maneira completa, estar vigilante, observar, não permitir que a mente use de artifícios, perceber o artifício com que a mente nos engana e nos está enganando há séculos, ou seja: que o pensador é completamente diferente do pensamento, algo de Divino, de extraordinário, totalmente fora do tempo. Enquanto existir pensador separado do pensamento, não importa o que fizerdes, a vossa meditação será sempre uma ilusão que a nenhuma parte vos levará; será o mais destrutivo dos fatôres.

A meditação, pois, não consiste meramente em ficardes sentado, imóvel, controlando a vossa mente. A meditação é coisa completamente diversa. Sem autoconhecimento, conhecimento do "eu", não há meditação, sendo "eu" a maneira como a mente opera, e não o "eu" de Sankara ou de Buda. O "eu" é a vossa mente, e tendes de compreender como êle opera, como êle funciona. Se o não compreenderdes, não sabereis meditar, e serão vãos e sem significação todos os vossos esforços de disciplinamento. Quando alcançais êsse ponto onde só há pensamentos, o resultado é completamente diverso. Pois qual é o significado do pensamento, qual o significado do pensar? Compreendeis, senhores? O pensar tinha antes um significado, porque tinha criado o "pensador"; e o pensador começou a existir, a viver, a funcionar, a experimentar, adquirir ou rejeitar. Mas, por meio do autoconhecimento (não pela leitura de livros sôbre autoconhecimento, e, sim, pela observação do autoconhecimento nas vossas relações, vossas conversas, vossos olhares, vossos sorrisos, pela observação de tudo isso) sabe-se como opera o "eu", e se está no comêço da meditação. E se continuardes a penetrar, chegareis inevitàvelmente ao ponto em que vereis que o pensador e o pensamento são uma só e não duas entidades separadas. E então, alcançado êsse estado, qual

é a siginificação do pensar? Êle é meramente uma reação a algum estímulo; e se é só o estímulo que vos faz pensar, então "a mente" é Deus. Quando não há estímulo, quando não há o perguntar, o procurar, a mente está tranqüila. Se só há pensamentos, pode-se ver a significação dos pensamentos. Daí procede a tranqüilidade da mente.

A mente tranqüila não é uma mente disciplinada. Não há "disciplinador" que controla e diz "Estou tranqüilo". Nessa mente tranqüila, não existe "experimentador", porque, quando há experimentador, êste está experimentando, acumulando, e é diferente da experiência. Entretanto, se observardes, podeis ver como todos desejamos continuar a experimentar: "Quero **experimentar** a Verdade", "Quero **experimentar** Deus". Nunca experimentareis Deus, jamais experimentareis a Verdade, enquanto existir o experimentador separado do pensamento. Há, pois, só o pensar — pensar sem pensador. A mente, por conseguinte, já não se importa com "o que pensar", nem com o que é "pensar corretamente". Ela só está pensando e percebendo a significação do pensamento. Conseqüentemente, não há continuidade de pensamento. A mente está, pois, tranqüila. A mente serena não está experimentando, porque o experimentador deixou de existir. Há só o "estado de ser" onde não existe "experimentador". Por conseguinte, nesse silêncio, nessa tranqüilidade, a mente não tem a "função de reconhecimento". Estou empregando tôdas estas palavras; e se me acompanhastes até aqui, compreendereis imediatamente o que digo.

A mente tranqüila é a mente criadora. O que é criador não pertence ao tempo; está além do tempo. Não tem nacionalidade, nem raça, nem individualidade. É atemporal, eterno. Se a mente é capaz de perceber aquilo que em si mesmo é eterno, então a mente é, ela própria, o eterno. Mas tudo isso serão só palavras, e nada mais, se não compreenderdes o comêço: o autoconhecimento. O

autoconhecimento tem de ser encontrado em nossa vida diária, de momento a momento; e se, sem o possuirdes, vos fordes sentar aos pés de um Mestre ou de um guia, estareis simplesmente perdendo tempo. O autoconhecimento é a base da sabedoria. Não pode surgir aquilo que é criador — a criação que vem de Deus, da Virtude — quando a mente está procurando. A mente tem de sustar a sua busca, e só então surge-nos a Realidade.

27 de dezembro de 1953